



UNIVERSITÀ  
DEGLI STUDI  
DI PADOVA

## Università degli Studi di Padova

Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari

Corso di Laurea Magistrale in  
Lingue Moderne per la Comunicazione e la Cooperazione Internazionale

Classe LM-38

Tesi di Laurea

*Terra Incógnita:  
Sérgio Buarque de Holanda, o Modernismo  
e a construção de uma nova narração do  
Brasil.*

Relatrice

Prof.ssa Barbara Gori

Correlatrice

Prof.ssa Maria Aparecida Fontes

Laureando

Michelangelo Melchiori

n° matr.1132296 / LMLCC

Anno Accademico 2017 / 2018

# Sumário

Introdução _____	p. 3
Capítulo Primeiro - Sérgio Buarque de Holanda: lupa do seu tempo.	
1.1 Os muitos nomes de um homem central _____	p. 6
1.2 Cronologia do Modernismo brasileiro através da lente biográfica de Sérgio Buarque de Holanda _____	p. 9
Capítulo Segundo - A estreia de um jovem crítico: o Modernismo.	
2.1 Uma introdução básica ao Modernismo, por Sérgio Buarque de Holanda _____	p. 16
2.2 A correspondência de Mário e Sérgio no coração do Modernismo _____	p. 19
2.3 <i>O lado oposto e outros lados</i> e o conceito de construção _____	p. 37
2.4 <i>A viagem a Nápoles</i> e a narrativa da passagem da década sob o signo do carnavalesco bakhtiniano _____	p. 44
Capítulo Terceiro - Repensando o país: <i>Raízes do Brasil</i> e a ensaística dos anos 1930.	
3.1 Premissa – O conceito em claro-escuro de identidade _____	p. 54
3.2 O contexto de <i>Raízes do Brasil</i> : dois modelos em confronto. Mário de Andrade e Oliveira Viana _____	p. 57
3.3 Para uma necessária re-afinação de <i>Raízes do Brasil</i> _____	p. 68
3.4 «Caya onde cahir»: um país “a Deus dará” _____	p. 73
3.5 O Homem Cordial: o equívoco da bondade e reflexos para uma compreensão do colonialismo português _____	p. 80
3.6 O gosto para a interpretação: uma trajetória buarqueana _____	p. 93

Capítulo quarto - O peso da origem: *Visão do Paraíso*

4.1 O sentido da história em Sérgio Buarque de Holanda	p. 103
4.2 A cornucópia dos mitos ibero-americanos	p. 113
4.3 Experiência <i>versus</i> Fantasia: especificidade do pensamento edênico português	p. 123
Conclusões	p. 136
Caderno de imagens	p. 141
Bibliografia	p. 151

## Introdução

O que é o Brasil? Não obstante a contínua convergência de energias intelectuais e criativas, ao longo do século passado, cujo alvo tem sido propor uma explicação do país, afluxo que tem resultado numa exuberante produção bibliográfica, o gigante tropical continua, mesmo em tempos mais recentes, a produzir tentativas de reler compreensivamente a trajetória da sua história, para individuar o sentido da sua especificidade e a direção do seu futuro. O Brasil parece, em poucas palavras, apresentar uma sede insaciável de interpretação da sua substância. Por um lado identificado como terra do carnaval, por outro como triste trópico, a terra brasileira permanece até hoje, além de estereótipos simplistas, uma esfinge para a própria autorrepresentação dos brasileiros. Mas no período em que Sérgio Buarque de Holanda se aproximava do campo da ensaística histórica, o país ainda era uma verdadeira terra desconhecida. Os padrões de interpretação até então apresentados não chegavam a oferecer uma proposta de explicação extensiva da sua realidade profunda, das heranças da colonização e da sua complexa composição social.

O Modernismo mudou radical e estavelmente o paradigma interpretativo brasileiro. Com seu propósito de encarar a “questão nacional”, a geração modernista chegaria a produzir, na década de 1930, um momento de reflexão abrangente acerca da formação histórica do Brasil e da situação brasileira daquela época. De um lado, enfrentou-se a composição racial do país, com o alvo de reajustar o discurso cultural nacional à realidade de um povo marcado pela experiência secular da escravidão, no qual o conspícuo contributo da população de ascendência africana da população não podia ser silenciado, mas ao contrário devia ser incluído num discurso de plena cidadania. Doutro lado, examinando a estrutura e os jeitos típicos da organização social do país, as suas instituições, a sua economia, sinalizando os legados da colonização e da ascendência lusitana, a indagação histórica de marca modernista chegou a apontar sob uma nova luz os reflexos da origem no presente. Foi uma revolução, aquela interpretativa da historiografia dos anos 1930, que se teria inscrito em profundidade na cultura nacional, e que teria modelado em suas formas a identidade contemporânea do Brasil, tanto que nela funda-se a imagem atual do Brasil radicada no exterior.

Nesse processo de repensar o Brasil, Sérgio Buarque de Holanda exerceu um papel de protagonista. Militando no Modernismo desde os primeiros anos, com seus artigos de crítica literária contribuiu a definir o projeto de renovação cultural do movimento. Em seguida, na década de 1930, ter-se-ia dedicado ao ensaio historiográfico. A sua leitura, apresentada em *Raízes do Brasil* (1936), das raízes coloniais portuguesas como origem de certos problemas atávicos do Brasil, do personalismo como cifra essencial da sua sociedade, com as virtudes e os defeitos que isso comporta, teria entrado na consciência coletiva. Nas sucessivas etapas da sua pesquisa histórica, ele teria focado os temas da dilatação da fronteira no interior, com as evoluções em campo social que acompanharam esse movimento (*Monções*, 1945 – *Caminhos e Fronteiras*, 1947) e da história e literatura de época colonial e imperial (*Do Império à República*, 1972 - *Capítulos de literatura colonial*, póstumo). Mas sobretudo ter-se-ia dedicado à indagação das consequências no presente das mais remotas marcas da história nacional, remontantes ao próprio *incipit* do povoamento desse lado do oceano Atlântico (*Visão do Paraíso*, 1959).

Será possível, portanto, seguir o caminho e o desdobrar de um pensamento de inspiração modernista que se propõe interpretar o Brasil, desde os anos 1920 até a década de oitenta, percorrendo o traçado da vida e da produção crítico-teórica e literária de Sérgio Buarque de Holanda. É uma viagem, aquela pelos meandros das interpretações do Brasil, que se revela ainda hoje atual e necessária. Isto porque as obras dos intérpretes do Brasil não ficaram letra morta, explicando *a posteriori* uma situação precedente para depois serem arquivadas no campo da cultura erudita: elas participaram ativamente da mudança da imagem do país, inaugurando e construindo uma nova narração do Brasil.

A escolha do termo “narração” quer aqui significar e destacar que o ponto de chegada dessa tentativa de interpretação do Brasil não foi uma axiomática identidade que carecesse de ser reencontrada, mas uma construção discursiva, que se constitui na cultura e através da cultura pode ser renegociada e renovada. Assim, a “interpretação” objeto do presente trabalho é, mormente, uma interpretação das autorrepresentações brasileiras, que encontram na historiografia e, sobretudo, na literatura, o próprio veículo melhor. Nessa viagem à redescoberta do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda revelar-se-á, graças ao seu olhar agudo e acautelado, o nosso acompanhador ideal.

## *Capítulo primeiro*

Sérgio Buarque de Holanda: lupa do seu  
tempo

## 1.1| Os muitos nomes de um homem central

O século XX foi, para o Brasil, um período de redefinição profunda. De um lado, o país participou plenamente das convulsões e das aspirações globais que caracterizam esse período de transformações extremas; por outro, precisou lidar com as heranças da colonização e com a sua particular posição dentro do continente latino-americano. A figura e a obra de Sérgio Buarque de Holanda vão atravessar boa parte deste século e vão deixar marcas indeléveis na história da cultura brasileira. O resultado disso foi uma mudança radical da imagem do país e da sua literatura. Em todas as etapas dessa metamorfose, Sérgio Buarque de Holanda, visto a sua longevidade (1902-1982), exercitou um papel de protagonista.

Movendo seus primeiros passos no álveo do Modernismo, movimento que chegaria a ser o *fil rouge* da maior parte das tentativas de renovação estética do novecentos brasileiro, Sérgio, com a sua crítica literária, ajudou a localizar e posicionar a literatura brasileira no grande fluxo da cultura mundial. Em seguida, com a passagem para a ensaística, dedicou-se à interrogação acerca da natureza profunda do Brasil, através de obras historiográficas de grande alcance, como o celeberrimo *Raízes do Brasil* e o sucessivo *Visão do Paraíso*. Durante esses anos Sérgio constrói uma pedra angular da interpretação do Brasil e do autoconhecimento dos brasileiros. No plano da vida pessoal, ele participará sempre na vida cultural do País, dialogando e ajudando os amigos em suas pesquisas, numa perspectiva nunca solipsística, tanto que Mário de Andrade chegará a defini-lo, em 1944, o «Primeiro controlador das suas aventuras histórico-sociais».<sup>1</sup>

Um aspeto da vida de Sérgio impressiona particularmente: ao longo da vida, ele conheceu e manteve contatos com uma parte significativa dos homens de cultura centrais do seu tempo. Pensamos, por exemplo, no grupo dos modernistas paulistas. Mas também na componente carioca do movimento, e na nordestina. Nos ensaístas, como Gilberto Freyre. Nas suas experiências no exterior: os sociólogos na Alemanha da década de 1930, os professores nas várias estadias internacionais. Nos anos 1940, Antonio Candido, Vinícius de Moraes, e depois a convivência com o próprio filho, Chico Buarque. O amigo e

---

<sup>1</sup> «Carta de 7 de dezembro de 1944». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO (org.), *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 148.

arquiteto Oscar Niemeyer, para acabar com os membros da esquerda política brasileira. Foi ele, de fato, o verdadeiro homem cordial, que teve nas relações pessoais um eixo poderoso da própria vida. Ficou famosa a atmosfera da casa de rua Buri, em São Paulo, que se tornou nos anos da ditadura um abrigo e um salão de discussões aberto para os muitos amigos da família Buarque de Holanda. Esta natureza relacional de Sérgio é uma circunstância favorável para nós, porque permite, através do estudo da figura e da obra dele, de focar, como com uma lupa, o inteiro percurso artístico desse século crucial para o Brasil. Ao mesmo tempo ele é um prisma através do qual é possível ver e discernir as diversas cores que o modernismo assumira ao longo da sua história.

Sérgio era um personagem multifacetado, e como conhecia muitas pessoas, ganhou, ao longo do tempo, muitos apelidos. Cada um deles revela um aspecto da sua personalidade. Muitos desses epítetos foram formalizados nas mensagens de encômio dedicados pelos amigos à sua memória, após a sua morte em 1982. Muitos desses depoimentos, formulados por grandes nomes da cultura brasileira, encontram-se reunidos num número especial da Revista do Brasil de 1987, uma monografia dedicada a Sérgio Buarque de Holanda. Ele mesmo, já aposentado, costumava chamar-se de “pai do Chico”, talvez em signo de humildade, talvez para escapar inteligentemente às atenções que uma fama excessiva necessariamente traz. Manuel Bandeira nos fala de Sérgio como de um personagem positivamente *anticafajeste*, mas que ao mesmo tempo «curou-se do cerebralismo caindo na ferra».<sup>2</sup> Acrescenta que a característica principal de Sérgio era a sua inconfundível classe, na personalidade e na escrita. Sérgio Milliet, que destaca a sua «aversão ao formalismo», considera-o como uma «ponte entre duas gerações», entre os modernistas heróicos da primeira hora e os chato-boys. Explica Sérgio Milliet:

Os estudos áridos que o interessavam pareciam-nos indignos de revolucionários. E enquanto nos preocupávamos com demolir poetas de segundo time, ele acumulava um fundo de conhecimento invejável. Já era um universitário num momento em que aos jovens a palavra soava rebarbativamente. E por quê? Porque, na realidade, não sabíamos nada. Éramos deliciosamente ignorantes e foi com Sérgio Buarque e com Mário de Andrade que aprendemos, não sem alguma relutância, a meditar. “É preciso saber ler Homero”, berrava

---

<sup>2</sup> MANUEL BANDEIRA, «Sérgio, anticafajeste». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, n°6, 1987, p. 90.



Mário de Andrade; e Sérgio gritava: “é preciso saber sociologia”. Creio mesmo que foi ele um dos primeiros entre nós a dedicar-se a essa disciplina.<sup>3</sup>

Antonio Candido descreve Sérgio como um «pensador erudito», «*avis rara* no Brasil», mas sobretudo como «o mais despretensioso dos homens de estudo e o mais ameno dos mestres», homem de «enorme senso de humor» e, finalmente, como um amigo.<sup>4</sup> Gilberto Freyre fala ao mesmo tempo de «*scholar*» e de «boémio», retomando também a definição de «mestre», clarificando-a por sua parte em «mestre de mestres», referindo-se particularmente aos sucessos do filho Chico no plano musical.

Pensador, historiador, erudito, crítico então. Mas Alexandre Eulálio nos lembra que Sérgio foi, «Antes de tudo, um escritor»<sup>5</sup>, caracterizado por um «tecido intelectual todo plasticidade». Mas talvez o nome mais com que Sérgio entrara na memória coletiva dos brasileiros é aquele de explicador, de interprete, do Brasil. Ele permanece até hoje uma das chaves para a compreensão desse país imenso, multiforme e complexo que, fora das reduções estereotípicas, não é, utilizando as palavras de Tom Jobim, *para principiantes*. E é no sulco por ele traçado que vou começar este caminho.

---

<sup>3</sup> SÉRGIO MILLIET, «À margem da obra de Sérgio Buarque de Holanda». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, nº6, 1987, p. 98.

<sup>4</sup> ANTONIO CANDIDO, «Amizade com Sérgio». *Ivi*, p. 132.

<sup>5</sup> ALEXANDRE EULÁLIO, «Antes de tudo um escritor». *Ivi*, p. 134.

## 1.2| Cronologia do Modernismo brasileiro através da lente biográfica de Sérgio Buarque de Holanda

Sérgio Buarque de Holanda foi um excelente escritor. Mas antes disso, ele foi sobretudo um intelectual sempre imerso no mundo, sempre em contato com a atmosfera cultural do seu tempo. A sua escrita, por quanto erudita possa parecer, sempre foi uma tentativa de lidar com a realidade em que vivia e com os problemas da sua contemporaneidade. Para um escritor desse tipo a experiência biográfica conta, tanto que é possível discernir pelo menos um caso, na biografia de Sérgio, onde uma experiência de vida (a estadia na Alemanha) mudou radicalmente a morfologia da sua escrita, que passou da crítica literária à historiografia. A sua trajetória biográfica entrelaça-se com a história do movimento modernista brasileiro, nas suas fases ascendente e descendente, boémia e acadêmica, guerreira e contemplativa. É possível, portanto, aproximar-se à história do Modernismo através do vivido concreto de Sérgio Buarque de Holanda, com um movimento sinérgico que ilumina simultaneamente o plano singular e o plano geral.

A presente cronologia é baseada no volume *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*<sup>6</sup>, organizado por Pedro Meira Monteiro, obra fundamental para o presente trabalho, especialmente para a sua primeira parte. A cronologia compilada por Pedro Meira Monteiro, bem mais extensa da minha, enfrenta num movimento sincrónico e contrapontista as vidas de Mário e de Sérgio, valorizando, através da correspondência recíproca, o papel literário de ambos. O meu trabalho aqui foi extrapolar quanto pertence mais rigorosamente à figura de Sérgio, destacando ao mesmo tempo as obras e os aspetos do pensamento de Mário que serão necessários para conduzir o discurso ao seu alvo: indagar o constituir-se de uma nova imagem da identidade brasileira, através do pensamento de interpretes do Brasil ligados à experiência do Modernismo. Outra fonte de dados importante para a construção de uma biografia útil é a entrevista que Sérgio concedeu para a revista *The Hispanic American Review* em 1982, ano da sua morte, onde recapitula sucintamente o percurso da sua vida<sup>7</sup>. Também não se pode esquecer o projeto

---

<sup>6</sup> PEDRO MEIRA MONTEIRO (org.), *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, pp. 411-420

<sup>7</sup> RICHARD GRAHAM, «Uma entrevista», *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, n°6, 1987

*Apontamentos para a cronologia de Sérgio*<sup>8</sup>, organizado por Maria Amélia Buarque de Holanda, viúva do mestre, que se encontra disponível integralmente no site da Universidade Estadual de Campinas, instituição que conserva o acervo completo de Sérgio.

**1902** Sérgio Buarque de Holanda nasce em São Paulo, no dia 11 de julho.

**1921** Sérgio conhece Mário de Andrade. Sérgio começa a frequentar o grupo dos modernistas, que se reuniam em confeitarias no centro da cidade. A família Buarque de Holanda muda-se para Rio de Janeiro e Sérgio inscreve-se na Faculdade de Direito. Seus primeiros artigos sobre o “futurismo paulista” aparecem na *Fon-Fon*, do Rio de Janeiro.

**1922** A Semana de Arte Moderna acontece no Teatro Municipal de São Paulo em fevereiro, mas sem a presença de Sérgio, que fica no Rio. Mário de Andrade envia uma carta a Sérgio, no dia de 8 de maio, decretando o começo da correspondência deles. Sérgio se torna o representante da revista *Klaxon* no Rio de Janeiro, então capital da República. *Klaxon* começa a circular de maio e chega até o final do ano, com o número de dezembro/janeiro. No entanto, aproxima-se dos modernistas, especialmente do jovem Prudente de Moraes Neto, que se tornaria seu amigo dileto. Começa sua carreira de jornalista. Mário de Andrade publica a *Pauliceia Desvairada* com seu *Prefacio Interessantíssimo*, e inicia a correspondência com Manuel Bandeira. No entanto, Graça Aranha defende o projeto modernista na Academia Brasileira de Letras, que abandonaria dois anos depois.

**1924** Sérgio faz parte da delegação de modernistas que recebe Blaise Cendrars no cais do Porto do Rio de Janeiro. No mesmo ano começa o diálogo com o amigo Gilberto Freyre. Oswald de Andrade publica o *Manifesto da Poesia Pau-brasil*. Sérgio e Prudente inauguram a revista *Estética*. Começa o estreitamento com Graça Aranha.

---

<sup>8</sup> MARIA AMÉLIA BUARQUE DE HOLANDA, *Apontamentos para a cronologia de Sérgio*, Universidade de Campinas, [https://www.siarq.unicamp.br/sbh/biografia\\_indice.html](https://www.siarq.unicamp.br/sbh/biografia_indice.html)

- 1925** A revista *A Noite*, do Rio de Janeiro, lança o “Mês Modernista”, na qual colaboram Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Mário publica *A escrava que não é Isaura*, tratado poético modernista.
- 1926** Sérgio publica, na *Revista do Brasil*, “*O lado oposto e outros lados*”, artigo em que rompe com Graça Aranha, Ronald de Carvalho e sobretudo Tristão de Athayde, e enaltece Oswald de Andrade. Critica Mário de Andrade, recusando aquela atitude que chama de “intelectualista”, uma trajetória normalizadora da estética modernista no seio dos modernistas católicos. No mesmo ano Mário de Andrade se queixa de Graça Aranha e publica a “*Crítica do Gregoriano*”, enquanto trabalha na escrita do *Macunaíma*. No final do ano, desgostoso com o clima intelectual no Rio, Sérgio se muda para o estado do Espírito Santo, onde trabalha como jornalista.
- 1927** Mário de Andrade viaja pela primeira vez à Amazônia, viagem que resultaria no livro, publicado postumamente, *O turista aprendiz*. Em sucessivas viagens, estuda o folclore e as manifestações musicais populares no Brasil. Publica *Amar, verbo intransitivo*.
- 1928** De volta ao Rio de Janeiro, Sérgio publica, em estrito diálogo com Mário, *O Testamento de Thomas Hardy*. Mário publica *Macunaíma* e o *Ensaio sobre a música brasileira*. Oswald de Andrade publica o *Manifesto Antropófago*.
- 1929** Assis Chateaubriand convida Sérgio Buarque a viajar à Europa, onde iria trabalhar como correspondente de *O Jornal* para os países da Europa do Leste e para a União Soviética. Sérgio mora na Alemanha, onde estuda a obra de Weber. Regressaria depois de dois anos.
- 1931** Sérgio Buarque publica *A viagem a Nápoles*, conto de tom irônico e surrealista, na *Revista Nova*, dirigida por Paulo Prado e Mário de Andrade. A amizade com este último volta a ser serena.
- 1933** É fundada a Universidade de São Paulo. Mário de Andrade trabalho do Departamento de Cultura da cidade.

**1936** Prudente de Moraes Neto, então diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, convida Sérgio a se tornar assistente nas cadeiras de história moderna e econômica e de literatura comparada. No mesmo ano publica *Raízes do Brasil*, volume inaugural da coleção “Documentos Brasileiros” dirigida por Gilberto Freyre. Casa-se com Maria Amélia Cesário Alvim. Do casamento nasceriam sete filhos (entre os quais o notório cantor e poeta Chico Buarque).

**1937** O departamento da Cultura da Cidade de São Paulo, onde Mário de Andrade trabalhava, promove o I Congresso da Língua Nacional Cantada. Em novembro começa a ditadura do Estado Novo.

«Todo esse ano reside num apartamento no Leme, comecinho da Rua Copacabana. Lá, quem aparecia sempre era Manuel Bandeira: Mme Blank, seu grande amor, morava no quinto andar. José Olympio e Vera habitavam o mesmo edifício. E a convivência com os outros amigos estabeleceu-se intensa. Eram sempre Prudente e Rodrigo. Era Afonsinho com Anah. Era Múcio Leão, Portinari, Vinícius... Ponto de conversa certo, na rua, ficou sendo a livraria José Olympio, na Ouvidor. Eram "os do norte que vêm": Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Luís Jardim, Raquel de Queiroz [...]».<sup>9</sup>

**1938** Mário é afastado da direção do Departamento de Cultura. Muda-se para o Rio, onde frequenta a casa dos Buarque de Holanda.

**1941** Tendo regressado para São Paulo, Mário recusa um convite de colaboração com a revista da Academia Brasileira de Letras. Em carta enviada para Sérgio, comenta ironicamente a participação de Prudente de Moraes neto, em *Cultura Política*, a revista cultural do Estado Novo. Sérgio cumpre sua viagem como palestrante nos Estados Unidos.

**1942** Mário profere no Itamaraty a famosa conferência sobre os vinte anos da Semana de Arte Moderna, a que Sérgio assiste.

**1943** Sérgio conhece Antonio Candido<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> MARIA AMELIA BUARQUE DE HOLANDA, *Apontamentos para a cronologia de Sérgio*, cap.13

<sup>10</sup> ANTONIO CANDIDO, «Amizade com Sérgio», *Revista do Brasil*, n° 6, 1987, p. 132

«Alegre viagem a Belo Horizonte, em grupo organizado por Vinícius de Moraes, que, lá, proferiria uma palestra na Cultura Inglesa. Tudo a convite de Juscelino Kubitschek, então prefeito da cidade».<sup>11</sup>

**1944** Sérgio publica *Cobra de Vidro*, que reúne artigos de crítica literária. Encerra-se, em dezembro, a correspondência com Mário de Andrade.

**1945** Em janeiro, Sérgio e Mário, como também Antonio Candido, participam ao Primeiro Congresso de Escritores, de que sairia uma declaração de princípios contra o Estado Novo. Considera-se este fato como ato de nascimento da Esquerda Democrática. No dia 25 de fevereiro morre de infarto Mário de Andrade, na sua casa rural em São Paulo, que nos últimos anos tinha elegido come seu amparo. Sérgio publica *Monções*. Em outubro, acaba o Estado Novo.

**1946** Sérgio muda-se com a família para São Paulo, para assumir a direção do Museu Paulista, onde trabalharia pelos próximos dez anos.

**1953** Sérgio começa a lecionar Estudos Brasileiros na Universidade “La Sapienza” de Roma, onde mora por dois anos com a família.

**1954** Organiza um volume da revista *Ausonia*, dedicado ao Brasil, e colabora com um artigo: *Apporto Italiano nella Formazione del Brasile. Raízes do Brasil* é publicado em italiano (*Alle Radici del Brasile*, 1954).

**1957** Publica *Caminhos e fronteiras*. A família Buarque de Holanda adquire a casa da Rua Buri, em São Paulo, que viraria seu lar. A casa dos Buarque é lembrada pelos grandiosos encontros, dos quais figuravam nomes como Vinícius de Moraes, Tom Jobim, Antonio Candido, Caio Prado Júnior, Manuel Bandeira, Jorge Amado, Fernando Henrique Cardoso.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> MARIA AMELIA BUARQUE DE HOLANDA, *Apontamentos para a cronologia de Sérgio*, cap.14.

<sup>12</sup> Uma boa fonte de informações sobre esse aspeto “caseiro” de Sérgio Buarque de Holanda pode ser encontrada nos artigos: RAFAEL PEREIRA DA SILVA, «A casa de Sérgio Buarque de Holanda», *Café História* - AIRA BOMFIM, «A casa da Rua Buri e a história dos vizinhos Buarque de Hollanda», *Medium* - DIEGO ZANCHIETTA, «Antiga Casa de Chico Buarque vira Museu», *O Estado de S. Paulo*, 6 dezembro 2012. Para ter uma impressão da atmosfera que reinava na casa de Rua Buri, pode-se assistir aos filmes-documentários “Certas Palavras” (1980), dirigido por Maurício Berú, dedicado à figura de Chico Buarque, e “*Raízes do Brasil*: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda” (2002), de Nelson Pereira dos Santos.

- 1958** Assume a cátedra de história da civilização brasileira na Universidade de São Paulo, com a defesa da tese *Visão do Paraíso*.
- 1959** Publicação de *Visão do Paraíso*.
- 1963** Convidado pela Universidade do Chile, organiza um curso em Santiago sobre História do Brasil, de onde nasce o volume “*Tres lecciones inaugurales : Buarque, Romano, Savelle*”<sup>13</sup>
- 1969** Em solidariedade aos colegas afastados pelo Ato Institucional n.5, Sérgio deixa o ensino na Universidade de São Paulo.
- 1978** Publicação de *Do Império à República*.
- 1979** Publicação de *Tentativas de Mitologia*, segunda antologia de textos de crítica.
- 1980** Sérgio é membro fundador do Partido dos Trabalhadores.
- 1982** Falecimento de Sérgio em São Paulo no dia 24 de abril
- 1991** Publicação de *Capítulos de Literatura Colonial*, organizado por Antonio Candido.

---

<sup>13</sup> Ruggiero Romano (Fermo, 1923 – Parigi, 2002), Max Savelle (Mobile, 1986 - Seattle, 1979)

## *Capítulo segundo*

### A estreia de um jovem crítico: o Modernismo



## 2.1| Introdução básica ao Modernismo, por Sérgio Buarque de Holanda

No dia 10 de dezembro de 1921, dois meses antes da Semana de Arte Moderna, um jovem aspirante a jornalista, chamado Sérgio Buarque de Holanda, publica um artigo na revista Fon-Fon, com o título *O Futurismo Paulista*. Nele Sérgio, que na altura tem dezenove anos, recolhe a gênese do movimento com o olhar e as prioridades de alguém que ouve os primeiros vagidos duma criatura histórica recém-nascida. É um artigo que trai, com a sua simplicidade e esquematismo, seu caráter de obra juvenil. É exatamente por este motivo que se presta bem a introduzir basicamente o nosso tema, explicando com clareza aqueles pontos de viragem e aquelas ligações que poderiam parecer óbvios, mas que a passagem do tempo tornou opacas.

Não é novidade para ninguém o forte influxo que de tempos para cá vêm exercendo, sobre certos beletristas paulistanos, as ideias modernistas no terreno da arte e da literatura. Mas antes de tudo se deve atentar no que sejam essas ideias modernistas. [...] Sob o ponto de vista artístico e sobretudo literário, o século XIX, excetuados os últimos anos, os da reação simbolista, foi de uma esterilidade rara. A ilusão de seu fulgor durará enquanto durarem os passadistas, o que quer dizer em menos palavras que durará pouco [...] Dentro em breve quem se lembrará ainda dos Rougon Macquart? Passarão para o domínio da paleontologia.<sup>14</sup>

A iconoclastia foi uma atitude típica do futurismo e das vanguardas em geral, e o Modernismo brasileiro não foi uma exceção. Mas é também uma atitude clássica da juventude: quem teria pensado que o autor que tanto desvaloriza aqui a literatura romântica teria se tornado um historiador? Porém uma das características mais próprias de Sérgio foi a constante evolução. O Sérgio do futuro teria se votado ao estudo do passado, com a certeza que é exatamente no *domínio da paleontologia* que se acham as raízes vivas do presente. Mas foi o Modernismo todo a mudar ao longo do tempo, sobrevivendo à sombra imensa da sua história, do heroísmo e da contestação da primeira hora. Talvez seja por essa sua plasticidade que a inspiração modernista se tenha dilatado por várias décadas.

---

<sup>14</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O Futurismo Paulista». In: *O Espírito e a Letra, estudos de crítica literária, vol. I 1920-1947*, org. António Arnoni Prado, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 131.

Em 1921, porém, a ressonância da rutura marinettiana ainda estava viva, mesmo nas tentativas de se distanciar do seu incômodo padrão:

Pode-se dizer sem ênfase que a maior parte das grandes ideias surgidas com o fin-de-siècle, algumas um tanto exageradas, outras raramente seguidas, tiveram por ponto de convergência o movimento futurista iniciado com o manifesto de 20 de fevereiro de 1909 publicado no *Le Figaró* de Paris por Filippo Tommaso Marinetti, natural de Alexandria. [...]

Atacado pelo sanchopancismo da época, que era o de todas as épocas, exaltado pelos homens de inteligência e coragem e por alguns snobs imbecis também, o novo movimento tem naturalmente os seus erros, como todas as grandes reações, mas possui também a vantagem imensa e inapreciável de trazer algo de novo, vantagem que só por si já justifica e o torna louvável. A tendência para o novo é a base e o fundo mesmo do movimento. Todo o resto é exterioridade. [...]

Vamos agora aos futuristas de São Paulo que, come já se vê, podem ser chamados assim. Não se prendem aos de Marinetti, antes têm mais pontos de contato com os moderníssimos da França desde os passadistas Romain Rolland, Barbusse e Marcel Proust até os esquisitos Jacob, Apollinaire, Stietz, Salmon, Picabia e Tzara.<sup>15</sup>

Já nessa altura Sérgio destaca um dos aspetos mais característicos e complexos do “futurismo” brasileiro: a relação com os grandes modelos do passado, que não pode ser de simples e redutora oposição, como no caso do movimento fundado por Marinetti. Pelo contrário, o Modernismo paulista parece ter valorizado em grau superior o exemplo mais moderado dos colegas franceses, especialmente do predileto Blaise Cendrars, com a sua atenção particular para o “primitivismo”<sup>16</sup>. Mesmo assim, a rutura modernista continua revolucionária:

Em todo caso iniciaram um movimento de libertação dos velhos preconceitos e das convenções sem valor, movimento único, pode-se dizer, no Brasil e na América Latina. Depois de ter revelado um artista de primeira ordem que é Victor Brecheret, a velha terra dos bandeirantes vai colaborar para o progresso das artes com uma plêiade disposta a sacrifícios para atingir esse ideal. Um dos seus chefes é Menotti del Picchia, já conhecido em todo o Brasil como autor do lindo poema *Juca Mulato* e também da horrível palhaçada *Lais*. Outro não menos ilustre é Oswald de Andrade, que escreveu os três romances ainda inéditos que vão construir a Trilogia do exílio: *Os condenados*, *A estrela de absinto* e *A escada de Jacó*. Há ainda muitos outros, como Mário de Andrade, do Conservatório de São Paulo, que escreveu há tempos uma série de artigos de sensação sobre *Os mestres do passado*.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O Futurismo Paulista». In: *O Espírito e a Letra, estudos de crítica literária, vol. I 1920-1947*, org. António Arnoni Prado, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 132.

<sup>16</sup> PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 188.

<sup>17</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O Futurismo Paulista». In: *O Espírito e a Letra, estudos de crítica literária, vol. I 1920-1947*, op. cit., p. 133.

Em pouco tempo, as obras que teria precisado citar na sua resenha dos alcances do movimento seriam outras, e bem maiores. Viria a Semana de Arte Moderna, e, depois dela, os manifestos, a *Pauliceia desvairada*, a poesia Pau-Brasil, *Macunaíma*, e todas as outras obras de poesia, prosa e crítica literária que o Modernismo propulsaria no percurso da História. Nos anos seguintes, e talvez também por causa deste artigo, Sérgio Buarque de Holanda participaria em pleno no desenvolvimento da aventura modernista brasileira, oferecendo a oportunidade de apresentar uma tentativa de interpretação total do movimento, a partir da sua figura e baseada no seu pensamento.

## 2.2| A correspondência de Mário e Sérgio no coração do Modernismo

A Semana de Arte Moderna de 1922 é considerada como um dos pontos de viragem fundamentais no desenvolvimento da trajetória literária do Brasil. No entanto, aquele evento, que houve lugar numa atmosfera confusa, entre o aparecimento de Heitor Vila Lobos calçando chinelo e os contínuos gritos dos espetadores, foi subestimado e desvalorizado pela imprensa e pela sociedade paulistana da época, que o interpretou mais como a iniciativa esquisita e fútil de um grupo de jovens *estrangeirados*, dedicados à imitação das estranhezas parisienses, do que algo de perigoso.

Na realidade aqueles eventos não foram decisivos. O modernismo brasileiro não nasceu de uma maneira explosiva como o movimento fundado por Marinetti em 1909. Não foi um “tiro de pistola do absoluto”. Foi pelo contrário um desenvolvimento contínuo e incremental, que nasceu alguns anos antes da Semana (recorda-se a exposição de Anita Malfatti de 1917) e continuou a redefinir-se e repensar-se ao longo de algumas décadas. Talvez por isso não tenha sido rapidamente superado como o Futurismo italiano. Para o Brasil, o Modernismo foi a marca fundamental da produção literária do século XX, reaparecendo tanto declinado nas temáticas regionalistas da “fase de consolidação” dos anos 1930, quanto na fase inventiva da “Geração de 45”.

Essa revolução nasceu com a primeira geração modernista dos anos 1920. Para entender essa interseção focal na história literária brasileira, têm sido propostas várias tentativas de abordagem. Espírito inovador paulista contra picarismo carioca, literatura urbana contra literatura regionalista, continuação de um pré-modernismo nacional<sup>18</sup> *versus* imitação do modelo “caótico” de importação, modernismo laico contra modernismo religioso, modernismo de esquerda contra modernismo de direita, “terrorismo cultural” Oswaldiano contra “consciência criadora” marioandrina<sup>19</sup>: todos eles revelam, a partir de um ponto de vista diferente, um pedaço a mais de verdade sobre o movimento.

---

<sup>18</sup> TRISTÃO DE ATHAÍDE, *Contribuição à história do modernismo vol. 1 - O prémodernismo*, Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1939, p. 7.

<sup>19</sup> LUCIANA STEGAGNO PICCHIO, *Storia della Letteratura Brasiliana*, Torino: Einaudi, 1997, p. IX.

O ponto de vista que quer ser aqui apresentado move seus primeiros passos a partir da correspondência entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, para tentar vislumbrar, num movimento indutivo, uma imagem do Modernismo na sua totalidade. O acervo da correspondência consta em total de 31 cartas, trocadas entre 1922 e 1944. As cartas de Mário a Sérgio encontram-se no Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas, que as adquiriu logo após o desaparecimento do histórico, em 1983, junto com toda a sua coleção privada. As cartas de Sérgio para Mário são arquivadas no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, que as revelou, segundo os desejos do autor, cinquenta anos depois da morte do poeta (1995).

A correspondência foi estudada por Pedro Meira Monteiro no seu livro *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, publicado em 2012, no qual é baseado o presente estudo. O acervo é de pequenas dimensões porque Sérgio, ao contrário de Mário, que entretém contatos epistolares monumentais com os amigos, entre os quais Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, foi um escritor de cartas árido, que as vezes demorava muito em responder, fato do qual o mesmo Mário as vezes queixava-se. Ao mesmo tempo, como sublinha Pedro Meira Monteiro, o diálogo epistolar entre eles (para não falar do contato pessoal, que foi constante ao longo do tempo, fato que não cabe nas cartas aqui analisadas) foi profundo e amplo: de fato, Sérgio foi um interlocutor singular para Mário, porque «talvez menos alinhado à filosofia estética dele que muitos de seus outros correspondentes».<sup>20</sup> Numa primeira fase da correspondência, Mário considera Sérgio como uma espécie de *enfant prodige* do movimento, a quem escusa a *verve* juvenil por causa da sua indiscutível excelência na crítica literária. Já nos anos 1940, Mário chega a definir Sérgio como «primeiro controlador das suas aventuras histórico-sociais»<sup>21</sup>

Segundo uma classificação simplificativa, considero que seja possível dividir as cartas em dois momentos principais. O primeiro período recolhe as cartas trocadas entre 1922 e 1931. Neste intervalo assiste-se a um crescimento da confiança recíproca entre os dois ao longo que a diferença de idade se torna menos significativa.<sup>22</sup> A amizade entre os autores supera um possível ponto de rutura em 1926, quando Sérgio critica parcialmente a atitude de Mário no artigo *O lado oposto e outros lados* de que se falará mais diante.

---

<sup>20</sup> PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 11.

<sup>21</sup> *Ivi*, «Carta n°28, 7 de dezembro de 1944», p. 148.

<sup>22</sup> «A promessa do artigo é ouro pra mim. Você tá cada vez mais subtil (não zangue) e me delicio com você». *Ivi*, «Carta n°15, 22 de abril 1928», p. 96.

O segundo período reúne as cartas trocadas entre 1941 e 1944, poucos meses antes da morte de Mário. As cartas deste período deixam entrever uma relação estrita e amigável fundada na cooperação de pesquisa no campo historiográfico.

### 1922 - *Klaxon*

As primeiras cartas de 1922, como era de se esperar, concentram-se nos dados práticos da organização da revista *Klaxon* e na gestão das reações e das expectativas geradas pela estreia da publicação modernista. Em carta de 8 de maio, Mário escreve para Sérgio:

Sei que *Klaxon* sairá no dia 15 sem falta. É preciso que não te esqueças de que fazes parte dela. Trabalha pela nossa Ideia, que é uma causa universal e bela, muito alta. Estou à espera dos artigos e dos poemas que prometeste. E não te esqueças do teu conto. Desejo conhecerte na ficção.<sup>23</sup>

Neste momento Sérgio era muito jovem (tinha apenas 20 anos) e era ainda um feixe de possibilidades. Mário não podia saber que suas expectativas de então teriam sido frustradas e que Sérgio ser-se-ia sucessivamente especializado na crítica literária e na historiografia, produzindo poucas obras de poesia e de ficção. O papel de Sérgio na organização de *Klaxon* era de operar como seu representante no Rio de Janeiro, onde então ele estudava na Faculdade de Direito. Ele distribuía as revistas e recolhia o dinheiro das vendas:

[Mário de Andrade] P.S Abro a carta para uma nova comunicação. O couro de Barros sai agora de São Paulo. Demorar-se-á fora por um mês. Fico eu com a tesouraria da revista. Assim, quando tiveres algum dinheiro de assinatura por mandar, endereça o cheque para mim. É preciso que envies também quanto antes as direções dos assinantes, para que *Klaxon* possa ser enviada a todos eles no dia em que sair.<sup>24</sup>

E Sérgio responde:

Espero com ansiedade *Klaxon*. Falei com o livreiro Schettino à rua Sachet para recebê-la em consignação. Ele exige 30% do lucro da venda encarregando-se de distribuir pelas livrarias. Serve? Responda logo. Os exemplares do 1º nº se já não foram enviados pode mandar diretamente a mim. Ao contrario de minha expectativa e da de todos só pude por agora conseguir pouquíssimos assinantes. Tenho porém inúmeras promessas. Espero a realização destas para enviar todo o dinheiro. Pode enviar a revistas às seguintes pessoas que

---

<sup>23</sup> «Carta nº1, 8 de maio 1922». In.: Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 19.

<sup>24</sup> *Ivi*, «Carta nº1, 8 de maio 1922», p. 20.

assinaram: [...]. O Graça Aranha manda dizer que depois de seu longo silêncio na Academia, falou para defender os nossos direitos. O Afrânio Peixoto falava sobre o monumento a Machado de Assis, lembrou “os dois maiores escultores brasileiros, Bernardelli e Correia Lima<sup>25</sup>”. O Graça perguntou em aparte: “E por que não Brecheret?<sup>26</sup>” O João Ribeiro perguntou “Quem é Brecheret?” Ele respondeu: “Não conhece? Lamento.”<sup>27</sup>

Klaxon, o mais conhecido mensário modernista sairia a lume em 15 de maio de 1922 e se estenderia até o fim do ano. Num depoimento do fim da década de 1960, Sérgio faria uma referência autoirônica ao “menino de 20 anos” que chegava naqueles anos ao Rio, vindo de São Paulo, e lembraria: «Não participara da famosa Semana de Arte Moderna: levava, no entanto, o título insofismável de representante do Rio da publicação inicial dos sediciosos, a revista Klaxon [...] Além de conseguir assinaturas e colaboração [...], ainda me impusera o dever de atrair bons prosélitos para a sua mensagem. Ao lado disso, fui adquirindo o costume de investir, não raro com feroz pugnacidade, contra os que menosprezavam essa mensagem».<sup>28</sup> A correspondência Entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda ajuda-nos a traçar a história da revista *Klaxon*. Por exemplo, graças a ela sabemos que a produção futurista portuguesa estava presente no horizonte artístico dos modernistas brasileiros. Em junho de 1922, Sérgio escreve para Mário: «Pedi ao António Ferro qualquer coisa para *Klaxon*. Ele deu um manifesto publicado em Portugal e que nunca saiu em revista. Para nós é de toda oportunidade»<sup>29</sup> A carta de julho ajuda-nos a clarear os fatos relativos à condenação do movimento por Lima Barreto; nela Sérgio escreve: «Dei um número ao Lima Barreto a fim de que escrevesse qualquer coisa na *Careta*, elogio ou ataque, de modo a despertar a atenção».<sup>30</sup>

A resposta de Lima Barreto acabou sendo um ataque. Alguns dias mais tarde ele responderia na revista *Careta*: «esses moços tão estimáveis pensam mesmo que nós não sabíamos disso de futurismo? Há vinte anos, ou mais, que se fala nisto e não há quem leia a mais ordinária revista francesa ou o pasquim mais ordinário da Itália que não conheça as cabotinagens do “il Marinetti”»<sup>31</sup> Nos seus anos juvenis Sérgio assume uma posição

---

<sup>25</sup> Escultores da Academia Imperial de Belas-Artes, de inspiração neoclássica.

<sup>26</sup> Escultor de estilo modernista. Em 1953 realizaria o *Monumento às bandeiras*, em São Paulo.

<sup>27</sup> «Carta N°2, após 8 de maio de 1922». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 27.

<sup>28</sup> *Ivi*, p. 21.

<sup>29</sup> *Ivi*, «Carta n°3, junho de 1922», p. 38. O texto em questão é *Nós*, de António Ferro (1921).

<sup>30</sup> *Ivi*, «Carta n°5, após 20 de julho de 1922», p. 50.

<sup>31</sup> *Ivi*, p.53.

jacobina contra os críticos do movimento, muito diferente da sabedoria irônica que atingiria na maturidade. Na carta nº5, de julho de 1922, escreve:

Klaxon devia comentar as entrevistas que os acadêmicos estão concedendo à *Noite* sobre o Momento Literário. Já se pronunciaram Alberto de Oliveira, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e Mário de Alencar. Têm sido lastimáveis. O único que nos faz concessões é o Alberto de Oliveira que declarou mais ou menos que o parnasianismo já pertence ao passado e que os nossos melhores poetas de hoje são Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto e Ronald de Carvalho.<sup>32</sup>

Mas nas cartas tem espaço também para assuntos mais cotidianos que enriquecem em maneira gostosa a nossa reconstrução da atmosfera de 1922: como quando Mário escreve que:

A poesia do Ribeiro Couto saiu lamentavelmente disposta. Coisas de tipografia, que, apesar do cuidado dos rapazes, foi impossível consertar. Lidamos com os tipógrafos mais ignaros do universo. Mas...cobram pouco.<sup>33</sup>

Ou quando Sérgio replica que:

A comissão do monumento<sup>34</sup> a Santos Dumont está inclinado a escolher o Brecheret para executar em [não claro] tudo devido a insinuações minhas e do Di. Pretendo fazer uma campanha a esse respeito no Rio-Jornal<sup>35</sup>

### 1924 – *Estética*

A carta nº8, enviada em maio de 1924, introduz a nova revista modernista, que tomaria o lugar de *Klaxon* depois de seu encerramento. Na carta, Sérgio escreve para Mário:

Agora um pedido. Vai ser fundada aqui no Rio uma grande revista de “Arte Moderna” de meu amigo Prudente de Moraes, neto (não pertence à Liga Nacionalista), publicação trimestral de grande formato e mais ou menos no tipo da revista inglesa *Criterion*.<sup>36</sup> O primeiro número sairá em setembro próximo e só falta para isso alguma colaboração e...o título. O pedido v. já adivinha, é contribuir ara que diminua a primeira [ilegível]. Quanto

---

<sup>32</sup> «Carta nº5, após 20 de julho de 1922». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 51.

<sup>33</sup> *Ivi*, «Carta nº4, 20 de julho 1922», p. 47.

<sup>34</sup> O monumento seria depois construído por um discípulo de Bernardelli no estilo classicista. Brecheret realizaria mais tarde, em 1954 um busto em bronze de Santos Dumont na frente do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. *Ivi*, p. 64.

<sup>35</sup> *Ivi*, «Carta nº7, agosto de 1922», p. 62.

<sup>36</sup> Revista dirigida por T.S. Eliot.



ao título aceita-se também uma sugestão sua. (propos dois: Revista Contemporânea e Construção – não sirvo para títulos.<sup>37</sup>

Afinal, a revista se chamaria *Estética*, e teria 3 números, até abril-junho de 1925. Nele apareceria um artigo importante de Sérgio, onde ele declara sua recusa de uma literatura realista, em favor de uma palavra “inspirada” que revele o sentido encoberto das coisas. Esse artigo, intitulado *Perspectivas*, parece uma aceitação da estética surrealista:

Já se ousa pretender mesmo e sem escândalo, que a mediocridade ou a grandeza de nosso mundo visível só dependem da representação que nós nos fazemos dele, da qualidade dessa representação. Nada nos constrange a que nos fiemos por completo na suave e engenhosa caligrafia que os homens inventaram para substituir o desenho rígido e anguloso das cousas. Hoje mais do que nunca toda arte poética há de ser principalmente – por quase nada eu diria apenas – uma declaração dos direitos do Sonho. Depois de tantos séculos em que os homens mais honestos se compraziam em escamotear o melhor da realidade, em nome da realidade temos que procurar o paraíso nas regiões inexploradas. Resta-nos portanto o recuso de dizer das nossas expedições armadas por domínios. Só à noite enxergamos claro.<sup>38</sup>

A suposta adesão de Sérgio à uma estética surrealista é encarada na carta n<sup>o</sup>9, escrita no Rio de Janeiro em abril de 1925 e endereçada a Mário de Andrade:

Não sou cético nem pessimista. Mas não é impossível que do seu ponto de vista seja um bocadinho das duas coisas. A verdade é que não creio na “vaidade de todas as coisas” senão como uma das atitudes possíveis neste mundo. De fato, não é a minha atitude. Ou melhor, não é a minha atitude permanente. Ao contrario quero aceitar a realidade cotidiana tal como é, embora pense que ela vale principalmente pelo que contém de promessa. Tudo isso, você vê está muito longe do super-realismo. Não nego, entretanto, que ele tenha exercido sobre mim uma grande influencia e mais tarde hei de escrever minuciosamente sobre o assunto a você.<sup>39</sup>

### **1925 – O “Mês Modernista” no jornal *A Noite***

Em 1925, o movimento ainda enfrentava dificuldades a ser tomado a sério. Por este motivo, foi um grande sucesso quando o grupo dos modernistas conseguiu aparecer com seus artigos na primeira pagina do cotidiano da capital *A noite*. Inaugurou-se assim, no dia 11 de dezembro de 1925, o “Mês modernista, que ia ser futurista”, que terminaria no

---

<sup>37</sup> «Carta n<sup>o</sup>8, maio de 1924». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 66.

<sup>38</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «*Perspectivas*». In: Sérgio Buarque de Holanda, *O Espírito e a Letra*, org. Antonio Arnoni Prado, p. 215.

<sup>39</sup> «Carta n<sup>o</sup>9, após abril de 1925». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, op. cit., p. 72.

dia 12 de janeiro do ano sucessivo. A iniciativa editorial abriu-se com a proclamação de Mário de Andrade como “Papa” do modernismo (definição que Mário logo refutaria, e que lhe iria proporcionar um choque com Graça Aranha) e com o tema da recusa do apelido de “futurista”:

- Falemos de literatura futurista, começamos.
- Já vem com o futurismo!...Fale Modernismo, que custa! E fica certo.
- Pois então me diga qual a situação do Modernismo no Brasil.
- Mais que boa. Assim uma espécie do plenamente grão 9 das escolas. Não dou muito tempo terá distinção.
- Confesso que me custa um pouco entender essa terminologia fut...Perdão, modernista.
- Qualquer tentativa em que a gente se mete é uma espécie de exame, exame da força de quem faz e da fecundidade do que faz. Ora, de todas as tentativas de modernização artística do mundo, talvez a que achou melhor solução para si mesma foi a brasileira.
- Você pode provar...
- Não me atrapalhe. Provo. Toda tentativa de modernização implica a passadistisação da coisa que a gente quer modernizar. Assim nos sujeitos indivíduos que tentam é natural, quase imprescindível a psicologia do revoltado. A gente se revolta contra o que parou. Isso perturba o indivíduo, faz ele praticar exageros, levandades e perder principalmente muito da posse de si mesmo. Foi i que sucedeu em quase todo o Modernismo artístico da nossa época. Como primeiro trata-se de destruir, os exageros, até são uteis, porém depois carece construir e aí é que são elas! A gente tem precisão de muita calma e de munheca rija, senão não aguenta o repuxo. Veja o Futurismo italiano. Fez um chinfrim danado, destruiu, destruiu, encasquetou de matar o chiaro di luna e outras bobans. Matou? Matou nada! E vai, o Futurismo ficou matando o luar até agora e não achou uma saída humanamente artística. Que nota a gente pode dar para ele? Zero. O futurismo italiano tomou bomba.<sup>40</sup>

Nos artigos publicados na *Noite*, para além de uma apresentação de trechos de narrativa e de poemas, aparecem pequenos textos que refletem sobre temáticas culturais. Começa aqui a ser apresentado um pensamento modernista acerca da nacionalidade, agora não só na arte, e sobre o desafio primitivista lançado por Oswald de Andrade com o *Manifesto pau-brasil*.

A grande tolice do meu amigo Osvaldo de Andrade é imaginar que descobriu o Brasil. Absolutamente não descobriu tal. O que ele fez foi descobrir a si mesmo. Verificou que era brasileiro, achou graça na história e acabou levando a sério a ideia de pátria. Hoje é um dos nossos bons poetas, si bem que não entenda uma palavra de anatomia do verso. Não passou pelo serviço militar da métrica. [...] Ele tenta uma crise de primitivismo, porém não pode ficar burro de repente (?) nem esquecer o que aprendeu nas Europas (aprendeu, por ex., a

---

<sup>40</sup> «Assim falou o papa do futurismo – como Mário de Andrade define a escola que chefia», *A Noite*, 12 de dezembro de 1925, entrevista com Mário de Andrade, disponível na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Brasileira.

ser livre). [...] Não tenha pressa quanto á formação da língua brasileira. [...] Como todos os da sua geração, talvez sem saber, Osvaldo de Andrade está se sacrificando para que amanhã os nossos meninos tenham uma poesia com a cor e o cheiro do Brasil.

Carlos Drummond.<sup>41</sup>

Os acontecimentos ligados à *Noite* claramente tiveram seus reflexos na correspondência de Sérgio e Mário. Na carta nº10, datada 2 de dezembro de 1925, Sérgio escreve:

Escrevo a você neste papel mesmo à falta de outro aqui na “United Press”. Também é só pra mandar este livrinho que eu desconfio que você não achará muito desinteressante, se é que v. já não conhece. Me lembrei de lhe mandar porque acho que ele fez qualquer coisa pra Rússia de seu tempo que não está muito longe do que os melhores da nossa geração (?) desejam fazer ou já têm feito pro Brasil.<sup>42</sup> [...] Agora chega de cultura, como diz o Osvaldo. [...] Ele (o Prudente) já escreveu duas coisas estupendas pra *Noite*. Uma historinha do Brasil e um trecho super-realista que ficou simplesmente magnífico. O Manuel também escreveu um extraordinário “*Cidade Nova*” (poema).<sup>43</sup>

## 1926 – O ano de *Terra Roxa e outras terras e das ruturas*

Depois de Klaxon e Estética, os modernistas elaboram um novo projeto editorial, sob a denominação *Terra roxas e outras terras*. Já o nome traz uma associação clara com a origem paulistana do movimento modernista: terra roxa é o nome associado a um particular tipo de chão, muito fértil, que se encontra no sul do Brasil. Era um nome de origem recente: foi criado pelos imigrantes italianos, que descreviam o solo típico desta região com o adjetivo italiano *rosso*, trocando-o com o termo português roxo, que na verdade teria uma tonalidade violácea. *Terra roxa* representa mais uma tentativa de ponderação sobre a natureza do Modernismo: o jornal abre-se com um editorial que reflete sobre os paradoxos da definição de modernidade:

Os trabalhos publicados obedecerão a uma linha geral chamada do espírito moderno, que não sabemos bem o que seja, mas que está patentemente delineada pelas suas exclusões.<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, «O homem do páo brasil» *A Noite*, 14 de dezembro de 1925, disponível na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Brasileira.

<sup>42</sup> Pedro Meira Monteiro considera que se trate do livro *Who can be happy and free in Russia?* de Nikolay Nekrassov (1821-77), na sua tradução inglesa, que foi encontrado na coleção de Mário. É uma proposta interessante, porque o livro em questão pretende criticar a sociedade czarista do seu tempo, recolhendo no entretanto uma grande massa de material folclórico. PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 77.

<sup>43</sup> Ivi, «Carta nº10, 2 de dezembro de 1925», p. 75.

<sup>44</sup> «Nossa Enquête», *Terra Roxa e outras terras*, nº1, 20 de janeiro 1926, capa, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.

E ainda:

Mas a final o que é o espírito moderno; toda a gente fala em modernismo, em mentalidade moderna. Existe ou não esse espírito, essa mentalidade?

Existe!

Não existe!

“Terra Roxa” resolveu, por intermédio de seu colaborador Rubens de Moraes, fazer uma grande enquête para esclarecer ou obscurecer ainda mais o problema.<sup>45</sup>

Talvez o grande sucesso do jornal tenha sido uma iniciativa, bem-sucedida, para a aquisição de uma carta original de padre Anchieta numa livraria de Londres, que foi trocada simbolicamente com trinta sacos de café, recolhidos entre os assinantes do jornal. Esta atenção para um documento tão “*passadista*” pode parecer paradoxal, se confrontado com o hiperbólico convite de Marinetti para «*colmare i piccoli canali puzzolenti*»<sup>46</sup> da Veneza *passadista*. Na realidade, é perfeitamente coerente com o modernismo brasileiro, que se configura não só como uma tentativa de renovação da forma literária, mas também como pretensão de repensar o passado nacional (e, neste caso específico, paulista) para produzir no presente uma independência mental real das heranças da colonização. É, aquele brasileiro, um modernismo que olha para trás, como a produção historiográfica dos anos 1930 irá confirmar. Vale a pena reportar brevemente a história da carta de Anchieta. No número de abertura de *Terra Roxa*, Paulo Prado introduz o problema:

Está a venda na livraria Maggs Bros, de Conduit Street, em Londres, uma carta autógrafa do padre Joseph de Anchieta. É escrita de São Paulo de Piratininga, de São Paulo de Campos como dizem as actas da Camara dessa época, e é datada de um domingo, 15 de novembro de 1579. Para um Paulista é com intensa emoção que se lê esse documento [...] Escreve-o o padre Anchieta, do primitivo colégio toscamente elevado no alto da acrópole piratiningana. [...] Numa tarde algodoada de nevoeiro, frio e caligem de novembro londrino, a carta do padre Anchieta evoca a visão da outra Piritininga de hoje, erguendo-se tumultuariamente, num claro dia de sol, dos antigos campos que também conhecera o jesuíta. É o documento de família que dá á Cidade moderna o atestado de longa ascendência que não possuem os novos-ricos. Da pobreza primitiva, heroica e fecunda, da “paupérrima e estritíssima casinha” de 25 de janeiro de 1554, cerca de quatro séculos mais tarde a semente plantada pelo jesuíta frutificara como talvez nunca o sonhara a sua imaginação de poeta e de missionário. Todo o milagre desta transformação está atestado no papel amarelado da carta anchietana. Será possível que S. Paulo permita que o documento precioso desapareça nalgum leilão de autógrafos, ou cáia nas mãos dos avidos colecionadores americanos. Governo ou particular, dinheiro do Tesouro ou subscrição pública, seja como for,

---

<sup>45</sup> «Nossa Enquête», *Terra Roxa e outras terras*, n°1, 20 de janeiro 1926, capa, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.

<sup>46</sup> FILIPPO TOMMASO MARINETTI, *Contro Venezia passatista*, 27 aprile 1910.

é preciso que o autografo de Anchieta volta para donde partiu séculos atras. Custa 200 libras: o valor de trinta sacas de café.<sup>47</sup>

A operação teve êxito. Na edição de *Terra Roxa* de 27 de abril, o próprio Paulo Prado refere o sucesso, no ato de entregar a carta para o museu paulista, acrescentando uma interessante reflexão sobre a relação entre presente e passado no olhar do modernismo brasileiro:

Sabíamos que a semente do jesuíta tinha frutificado esplendidamente em mil milhões de cafeeiros espalhado nas 25.000 fazendas de S.Paulo. Com um insignificante esforço dessa força que se ignora a si mesmo e que é tudo e nada é, poderíamos encher de preciosidades, como em armazéns ou tulhas, todas as salas deste edificio, para aqui transportando os documentos da Torre do Tombo, de Évora, de Simancas de Sevilha.

[...] Esta modesta cerimonia é também uma homenagem do presente ao passado, as más línguas dirão talvez do “futuro” ao passado.

O pequeno grupo que redige a revista “Terra roxa e outras terras” é a vanguarda do espírito moderno brasileiro. Os rapazes que o compõem passaram, como é preciso, por um período heroico em que não lhes faltaras apodos e injurias. Período de incompreensão, mundial e histórico. Hoje já começam a ser quase consagrados, e dentro em breve serão eles os clássicos deste minuto vertiginoso.

Si este Monumento fosse um museu de Arte eu aconselharia aos modernistas de São Paulo que fugissem dele como da peste. Os chamados “Templos da Arte” são perigosos e funestos. A entrada dos museus artísticos devia ser proibida aos menores de quarenta anos, idade já serena em que não se sabe mais imitar Para os moços a lição está la fora, e não mais não Venezas cor-de-rosa, nos Fontainebleaus outonais, nas Bruges defuntíssimas. Tranquilizemo-nos, porém; neste museu só há, empalhados, bichos e borboletas. Uma ou outra manifestação artística, isolada, torna-se sem perigo no ambiente naphtalisado. Este museu é sobretudo o museu do nosso passado paulista, ainda palpitante com o calor e a vida de outr’ora. Seria próprio de uma criança (já o disse Cicero numa frase a ser aqui gravada em latim e em letras de ouro) Seria infantil ignorar o que se passou antes de nós. É o desenvolvimento desse sentimento humano que se chama paixão histórica. Só no culto dessa paixão conseguiremos compreender e realizar integralmente a consciência social, artística e intelectual do nosso Hoje, do nosso Profundo Hoje do poeta francês.<sup>48</sup>

Longe de recusar o passado, um modernismo deste tipo pretende iniciar uma reflexão histórica para compreendê-lo. Era uma perspectiva e uma linha de pesquisa que iriam encher inúmeras páginas nos anos 1930, graças a autores como Caio Prado Jr. e o próprio Sérgio Buarque de Holanda. O jornal *Terra Roxa* teve uma existência efêmera, produzindo apenas 7 números, e acabou a própria experiência com o número de setembro de

---

<sup>47</sup> «Uma carta de Anchieta», *Terra roxa e outras terras*, n°1, 20 de janeiro de 1926, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.

<sup>48</sup> PAULO PRADO, «Discurso», *Terra Roxa e outras terras*, n°5, 27 de abril de 1926, capa, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.

1926. Talvez para este fracasso tenha contribuído a atmosfera interna do movimento, que neste período ia se dividindo. A participação no jornal dos autores em que estamos baseando a nossa análise, Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, foi de pequeno tamanho. O diretor do jornal, Antônio de Alcântara Machado, em carta de 31 dezembro 1925 para Prudente de Moraes, neto, tenta convencê-lo a participar na iniciativa e a vencer também Sérgio Buarque:

Boas últimas festa, Prudente. Saiba que, em meados de janeiro de 1926, daremos à luz da inteligência pátria que lê um quinzenário, em formato de jornal, Título: Terra Roxa, subtítulo: ...e outras terras. Diretores: A. C. Couto de Barros e Antônio de Alcântara Machado. Redator-secretário: Sérgio Milliet. Representante no Rio de Janeiro: Prudente de Moraes, neto. Aí é que está a surpresa. E o motivo disto, também. Você tem de aceitar. Queira ou não queira. NÓS queremos. [...]

Toma a sério o negócio. Escreva-me logo, mandando endereços dos nossos cariocas e mineiro. O Sérgio (então...daí...então...) é o crítico literário (de prosa) do Terra Roxa. Você, até o dia 5 ou 6, tem de mandar um conto. Sem falta. Já está marcado o lugar no primeiro número. Concite os povos: Manuel Bandeira, Soares, Arinos, e outros que tais, inclusive Graça-Renato-Ronald<sup>49</sup>. Seriamente, belisque o Sérgio.<sup>50</sup>

Mas obter a colaboração de Sérgio não foi tão simples, e afinal ele publicou uma só crítica, em junho, mesmo trabalhando concretamente para a distribuição do jornal, como escreve para Mário na carta n° 12, de 10 de fevereiro: «Distribuí Terra Roxa com grande dificuldade pelas livrarias. Algumas se recusaram a receber devido ao formado de jornal»<sup>51</sup>. Na recensão de junho, dedicado ao livro *Pathé Baby* de Alcântara Machado, encontra-se uma velada condenação àquela tentação de celebrar a nacionalidade, com uma coloração vagamente *saudosista* e *ufanista*, que será daí a pouco o traço característico do *movimento verde-amarelo*:

O velho jacobinismo dos nossos românticos de 1860, tipo “todos cantam sua terra também vou cantar a minha” começa a ser brilhantemente ressuscitado pelos nossos românticos de 1926. Depois de tantas experiências yans que a gente sofreu para esquecer essa atitude, o resultado é que o mais ligeiro esforço no sentido de exprimir mais profundamente o “estilo nacional” ajeitando bem ele na nossa produção literária e artística, bastou para que voltasse á tona com ruído. Mas agora é se conformar com ela, já que os mais ousados dentre nós

---

<sup>49</sup> Note-se como aparecem ligados os nomes de Graça Aranha, Renato de Almeida e Ronald de Carvalho, sugerindo um trio inseparável. Eles serão os objetivos *passadistas* do duro artigo de Sérgio *O lado oposto e outros lados*.

<sup>50</sup> CECÍLIA DE LARA (org.), *Terra Roxa e outras terras*, São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977, p. X.

<sup>51</sup> «Carta n°12, 10 de fevereiro de 1926». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 84.

tiraram o melhor partido de sua eficiência. [...] Tudo isto não é dito a propósito do livro que Antonio de Alcantara Machado nos apresenta: “Pathé-Baby”. Mas é sugerido por ele.<sup>52</sup>

O ano 1926 é, de facto, um ano fundamental no percurso do Modernismo brasileiro, porque é o ano em que a unidade original de um movimento, antes unificado pela luta contra a frente *passadista*, quebra-se sob o peso das diferenças estéticas e ideológicas internas. A primeira rutura acontece entre Mário de Andrade e o patrono do movimento, Graça Aranha. Mário desconfiava da genuinidade da aderência de Graça Aranha à nova estética modernista e a sua influência o incomodava profundamente. Em carta de 1925, dirigida a Manuel Bandeira, escreve: «Quando o Osvaldo disse que Graça desconhecia inteiramente o modernismo quando chegou ao Brasil, disse a mais verdadeira das verdades. Leu e observou tudo o que estávamos fazendo, bem me lembro das palavras vagas que pronunciaria ouvindo e vendo as nossas pinturas e poesia! E se apossou de tudo».<sup>53</sup>

Também Sérgio queixar-se-ia de Graça Aranha e da sua teoria da “perpetua alegria”, achando estranho que um pensamento desse tipo pudesse sobreviver depois da deflagração traumática da guerra mundial. O que se criticava, afinal, na obra do escritor de Canaã, era a sua falta de verdadeiro modernismo. O *casus belli* para a rutura das relações houve-se depois do mês modernista na *Noite*, onde Mário foi chamado pelos jornalistas de “papa” do movimento. Graça Aranha acusou Mário e o seu grupo mais estrito de ter organizado a iniciativa no jornal sem ter previamente consultado os outros modernistas. A nada valeu a intervenção da redação do jornal, no encerramento do mês modernista, após um poema de Prudente de Moraes, para acalmar as águas:

Não é verdade que o escritor Graça Aranha tenha vindo a esta casa protestar por termos dado ao Sr. Mário de Andrade e não a ele o papado do futurismo no Brasil. Não veio nem podia vir, dada a sua bela linha de discreção e elegância de espírito. O caso de dizer-se que o autor do “Chanaan” se sensibilizara por ter A NOITE dado a tiara papal ao Sr. Mário de Andrade, não passa de pilheria, pilheria inocente, das muitas que surgem nas rodas literárias e das muitas que surgiram com a criação do “Mês Modernista” feita por nós.<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «Pathé-Baby», *Terra roxa e outras terras*, 6 de julho de 1926, p. 3.

<sup>53</sup> MARCOS ANTONIO DE MORAES (org.), *Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 206.

<sup>54</sup> PRUDENTE DE MORAES, NETO, «Nota da Redação», *A Noite*, 12 de Janeiro de 1925, p. 1, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira.

Mário decidiu publicar uma carta aberta no jornal *A Manhã* onde denunciavas as suas muitas diferenças com o autor de *Canaã*, que, para ele,

Em filosofia não passa dum inventor que vive abrindo portas abertas. Isso se você fosse deveras um filósofo. Porém observando o seu dogmatismo imperial, a insegurança de se reportar ao passado citando-o, esse apenas meio conhecimento da filosofia histórica e ainda esse leviandade de se acreditar novo, a gente percebe facilmente que você não faz filosofia que Farias Brito foi o único a praticar aqui, mas persevera naquele filosofismo por demais lírico que vem sendo a tiririca do pensamento brasileiro.<sup>55</sup>

A *querelle* teria reverberado até à correspondência de Mário e de Sérgio. Na carta nº11, datada 12 de janeiro de 1926 (a mesma data da publicação da «nota da redação» na *Noite*), Sérgio escreve:

Mário amigo;

Gostei muito do seu artigo na Manhã de hoje. Ia te enviar um telegrama de parabéns mas surgiu esta nota da Noite que não sei se v. iria ler. Não me lembro te ter lido na Noite que o Graça fora lá protestar. Mas em todo o caso, seja como for isto que lhe mando deve interessar a v. Do sempre seu Sérgio.

Escrevo-te às pressas. É só pra enviar o recorte da Noite.<sup>56</sup>

A disputa concluiu-se quando Teixeira Soares, colega de Sérgio e Prudente no curso de direito, publicou uma carta aberta no *Globo* de 25 de janeiro, onde defendia Graça Aranha, escrevendo:

O brasileiro de Graça Aranha é o brasileiro sem anemia verminótica, brasileiro com escola pública e hospital, sanguíneo, musculoso, múltiplo e moderno, e não um brasileiro primitivo, resignado, índio-preto. Naturalmente: à tristeza resignada preferimos uma alegria contundente. A uma arte hu-hu-hu primata preferimos uma arte brasileira e moderna, que seja um espetáculo alegre e colorido.<sup>57</sup>

Palavras que foram comentadas por Sérgio, na carta nº12 de 10 de fevereiro de 1926, com um lacónico: «Achei ela ruim e não esperei que v. ainda se desse o trabalho de responder»<sup>58</sup>. Consumava-se assim a primeira rutura do Movimento neste ano fatal. Mas uma falha ainda maior abrir-se-ia mais tarde, em outubro, por causa do próprio Sérgio Buarque de Holanda. Em outubro de 1926 Sérgio publicou na *Revista do Brasil*<sup>59</sup> o

---

<sup>55</sup> PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 81.

<sup>56</sup> *Ivi*, «carta nº11, 12 de janeiro de 1926», p. 80.

<sup>57</sup> *Ivi*, p. 85.

<sup>58</sup> *Ivi*, p. 83.

<sup>59</sup> A *Revista do Brasil*, embora sendo publicada com descontinuidade ao longo do século, tem exercido uma importância extraordinária no campo da crítica brasileira. Fundada em 1916 por Monteiro Lobato (e



artigo *O lado oposto e outros lados*<sup>60</sup>, onde polemicamente rompeu as ligações com a ala mais conservadora do movimento (representada por Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho e sobretudo Tristão de Athayde), criticando ao mesmo tempo a atitude incerta do amigo Mário de Andrade.

Estamos, neste período, compreendido entre o outono de 1926, com *O lado oposto e outros lados*, 1928, com o artigo *O testamento de Thomas Hardy*, e o Natal de 1930, com seu regresso da Alemanha, no momento fundador do caráter e da perspectiva literária de Sérgio, que nos anos 1930 virará decididamente para a ensaística, endereço que manteria por toda a vida. Para Mário, também, estes são os anos das pesquisas antropológicas e da busca das origens do povo brasileiro que tanto influirão na sua poética. Por este motivo, os acontecimentos destes anos merecerão um tratamento detalhado nos próximos capítulos. Aqui cabe precisar que o desacordo entre os dois foi resolvido e que a correspondência teria retomado vigor. Em carta de 1928, Sérgio promete a Mário que iria escrever um artigo sobre ele. Em abril do mesmo ano, Mário responde:

A promessa do artigo é ouro pra mim. [...] Tenho esperança que alguma coisa que me interesse de verdade porque, repare, com exceção dumas poucas coisas, ditas pelo Tristão, ninguém até agora, não percebeu direito em mim coisa que me interessasse. Isso é horrível. Aliás nem é artigo publiquento e publicável que espero. Basta carta, ali, uma carta que falasse coisas mais subtis (ergo: mais profundas) sobre este vulcão de complicações que eu sou! [...] Jamais não consegui saber o que eu sou. Mas ponha reparo nos que escrevem sobre mim: sou fácil como água para eles, questão fácil de resolver, dois mais dois. Tenho esperança em você que soube falar sobre Hardy e inda melhor de vez em quando inventa coisas.<sup>61</sup>

Se a amizade entre Sérgio e Mário foi recuperada, a mesma coisa não aconteceu com Tristão de Athayde, que chegaria a enviar a Sérgio, em 1929, uma carta intitulada *Adeus à disponibilidade*<sup>62</sup>. De maneira estranha, a figura de Tristão permaneceria para Sérgio como uma combinação emblemática de excelência intelectual acompanhada por

---

apresentando, portanto, uma linha contrária ao modernismo) foi vendida por causa de dificuldades financeiras em 1925 para Assis Chateaubriand. Nesta fase colaborou com a revista Prudente de Moraes. A revista foi ressuscitada em 1938 por Chateaubriand para operar como uma voz contrária ao Estado Novo. Nesta fase colaboraram, entre outros, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Mário de Andrade. Na quarta e última fase (1984-1990) a revista foi dirigida por Darcy Ribeiro.

<sup>60</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O lado oposto e outros lados». In: Pedro Meira Monteiro (org.), *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 398.

<sup>61</sup> Ivi, «Carta N° 15, 22 de abril de 1928», p. 96.

<sup>62</sup> TRISTÃO DE ATHAYDE, «No limiar dos cruzamentos», *Revista do Brasil*, n° 6 (quarta fase), Rio de Janeiro, 1987, p. 118.

conformismo e dogmatismo ideológico. Em carta de 1931, queixando-se do fato de ter Mário alterado a forma de algumas das suas poesias, ainda dirige uma irônica referência contra Tristão:

Não sei se estou certo quando imagino que você consegue espontaneamente realizar aquelas coisas deliciosas. Não que exalte em tese a espontaneidade – essa exaltação parece-me até ser o grande defeito dos escritores brasileiros – mas porque não vejo vantagem nem felicidade em nenhuma das alterações que você faz em seus poemas. É possível que se trate de uma ilusão de ótica de minha parte mas veio-me essa impressão comparando imparcialmente a versão atual das Danças com a que saiu em Estética. Sinto que você violou um direito. As Danças já não pertenciam a você para tratá-las com essa sem-cerimônia. Diante disso receio às vezes que você venha tornar-se por acaso um católico apostólico romano ultramontano tomista, legionário, partidário do Ensino Religioso, revolte-se com o Tristão contra aquele que ele chama o laicismo de nossa política e depois de todas essas coisas lamentáveis resolva, por coerência, publicar o Macunaíma expurgado, para uso das excelentes famílias dos ilustres funcionários públicos desta imaculada República Nova que Deus Santíssimo guarda para os Séculos dos Séculos Amém.<sup>63</sup>

Nos anos 1930 a correspondência entre os dois enfraquece-se, e não foi achada, na coleção, nenhuma carta relativa aos anos 1934-1940. São estes os anos, para Sérgio, de volta da estadia na Alemanha, da publicação de *Raízes do Brasil* e das primeiras experiências como professor, enquanto Mário dedica-se às pesquisas antropológicas e musicais. No plano histórico, são anos de profunda mudança, com a afirmação do poder de Getúlio Vargas. Não é clara a causa desta cessação da correspondência epistolar; talvez dependa de uma maior frequência pessoal, já que em 1938 Mário se muda para o Rio de Janeiro, para assumir a cátedra de filosofia e história da arte na universidade do Distrito Federal, e neste período pode frequentar a casa dos Buarque de Holanda no Leme.<sup>64</sup>

### **Os anos 1940: A colaboração na pesquisa**

A correspondência retoma vigor a partir da carta de 8 de março de 1941. Nesse período Mário, de volta para São Paulo, dedica-se às pesquisas historiográficas, dentre as quais destacam-se as sobre o padre Jesuíno de Monte Carmelo<sup>65</sup> e sobre o Lundu.

---

<sup>63</sup> «Carta nº16, 10 de maio de 1931». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 100.

<sup>64</sup> «Nessa época, Mário de Andrade, contratado pela Universidade do Rio, aparecia sempre» MARIA AMÉLIA BUARQUE DE HOLANDA, *Apontamentos para a Cronologia de Sérgio*, cap. 13.

<sup>65</sup> Pintor, escultor, músico e arquiteto (1764-1818). «Boa parte da interpretação psicológica dada por Mário de Andrade à figura do artista repousa sobre sua condição de mulato», PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de*

Frequentemente Mário pede a colaboração de Sérgio para acertar alguns dados. Entretanto, consagra-se a uma vida tranquila:

Cá me vou indo já mais bem das pernas tanto intelectuais como morais. Faz frio e já estou voltando a tomar chá de tardinha. Ainda trabalho pouco. Todo entregue a esta paixão gostosa de arranjar coisas. Uma coisa: nas suas leituras, me ajude. Toda e qualquer referência que você encontrar sobre artistas e artífices paulistas ou trabalhando em S. Paulo até fim do séc. XIX, desde os inícios, tome nota e me mande com referência bibliográfica simplória.<sup>66</sup>

Mas por mais que Mário procure viver afastado das problemáticas políticas, estamos no período do Estado Novo, regime que, embora de maneira indireta, não deixa de cair na correspondência. Convidado por Sérgio a respeito de uma possível colaboração com a revista da Academia Brasileira de Letras, declina abertamente, ajuntado a sua recusa a colaborar com as instituições culturais comprometidas com o Estado Novo:

Sérgio, não. Não colaboro numa revista pra leigo se exporem, caritativamente instituída pela Academia Brasileira de Letras, sem primeiro saber bem o que é. Não tenho a mínima confiança na Academia (confiança literária, entenda-se) e muito menos no sr. Levi Carneiro. Diga assim como estou ocupadíssimo, gravemente enfermo, que morri e estou cuidando do meu sepultamento ou me kidnaram para todo o sempre, ámen. Estou indignado com *Cultura Política*<sup>67</sup> a que o meu sublime e tresloucado amigo Pedro Dantas deu a honra insensata da sua colaboração [...].<sup>68</sup>

Uma relação desconfortável com o poder que foi bem comentada por Pedro Meira Monteiro, quando escreve:

não há paz para Mário, nem haverá, porque seu pensamento jamais abandonará a visão escatológica de um destino nacional, que ele no entanto se recusa a submeter à camisa de força do pensamento autoritário.<sup>69</sup>

São os anos, estes, em que Mário concebe uma tentativa de recapitular a história do Modernismo, seja colecionando originais (manuscritos ou datilografias de primeira

---

*Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, op. cit., p. 150. É um Mário, o destes anos, que enfrenta as características profundas da sua identidade.

<sup>66</sup> «Carta n°18, 8 de março de 1941». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 107.

<sup>67</sup> *Cultura Política* foi a revista oficial do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e um dos principais veículos ideológicos do Estado Novo.

<sup>68</sup> «Carta n°21, 21 de março de 1941». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, op. cit., p. 119.

<sup>69</sup> *Ivi*, p. 286.

versão) das obras de seus amigos modernistas<sup>70</sup>, seja proferindo a famosa “conferência de balanço dos vinte anos da Semana de Arte Moderna”, no Itamaraty (ainda no Rio de Janeiro). A comunicação de Mário permanece até hoje como um dos mais iluminantes estudos sobre o significado e o impacto do Modernismo na cultura brasileira:

O movimento de Inteligência que representámos, na sua fase verdadeiramente “modernista”, não foi o fator das mudanças político-sociais posteriores a ele no Brasil. Foi essencialmente um preparador; o criador de um estado-de espírito revolucionário e de um sentimento de arrebatamento. [...] E no entanto, é justo por esta data de 1930, que principia para a Inteligência brasileira uma fase mais calma, mais modesta e quotidiana, mais proletária, por assim dizer, de construção. À espera que um dia as outras formas sociais a imitem. [...] Não cabe neste discurso de carácter polémico, o processo analítico do movimento modernista. Embora se integrassem nele figuras e grupos preocupados de construir, o espírito modernista que avassalou o Brasil, que deu o sentido histórico da Inteligência nacional desse período, foi destruidor. Mas esta destruição, não apenas continha todos os germes da atualidade, como era uma convulsão profundíssima da realidade brasileira. O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs, é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: O direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora nacional.<sup>71</sup>

O tom utilizado por Mário na sua conferência tem algo de nostálgico, de saudoso, como de quem reconta a própria experiência de vida antes de despedir-se:

Abandonei, traição consciente, a ficção, em favor de um homem-de-estudo que fundamentalmente não sou. [...] Mas eis que chego a este paradoxo irrespirável: Tendo deformado toda a minha obra por um anti-individualismo dirigido e voluntarioso, toda a minha obra não é mais que um hiperindividualismo implacável! E é melancólico chegar assim no crepúsculo, sem contar com a solidariedade de si mesmo.<sup>72</sup>

Até chegar, em fase de conclusão, a renegar uma poesia que se interesse exclusivamente com os valores estético, feita por “espiões da vida”, em favor de uma literatura de intervenção, que contribua para o melhoramento sociopolítico dos homens:

Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão “momentâneo” como agora. Os

---

<sup>70</sup> «Concebi um desejo ousado.[...] Como você deve saber, bibliófilo inveterado e sem vergonha como todos, tenho uma coleção de originais que é já bonita coisa [...] Concebi a idéia de ter os originais, projetos, rascunhos, etc. do livro que você está escrevendo pro tal concurso nos States, é possível?». «Carta nº23, 15 de setembro 1942». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 125.

<sup>71</sup> MÁRIO DE ANDRADE, *Aspectos da Literatura brasileira*, Livraria Martins Editora, 5ª edição, São Paulo, 1974, p. 242.

<sup>72</sup> *Ivi*, p. 254.

abstencionismos e os valores eternos podem ficar pra depois. E apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, duma coisa não participamos: o melhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade. Si de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.<sup>73</sup>

É uma melancolia, esta de 1942, que não influenciaria nas suas pesquisas, que Mário perseguiria até o fim com total dedicação e sem sinal de desespero. Neste período, o poeta aponta para o Lundu como a primeira música negra que se nacionalizou brasileira, difundindo-se por todas as classes da sociedade, representando «o primeiro consentimento da burguesia em aceitar o negro, ou melhor a negra, como elemento da nossa mestiçagem»<sup>74</sup> Nessa altura, Mário estava se mudando para aquela que seria a sua nova morada, uma casa-grande com anexa capelinha da época das bandeiras, no interior do estado de São Paulo. Nas suas cartas, parece perceber que seria a sua última casa:

Vou doar isso ao Brasil, pra uma futura colônia de férias para artistas, só usufruindo a vaidade da posse, em vida. Mas em minha vida o sítio será uma colônia de férias pra você com Maria Amélia e herdeiros.<sup>75</sup>

É um Mário, aquele de dezembro de 1944, perturbado ao mesmo tempo pela sua vida pessoal e pelo estado geral do mundo afora, ainda mergulhado na catástrofe da guerra mundial. Chegamos então ao fim da nossa ao fim da nossa reconhecimento da correspondência entre Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade, já que o autor da *Paulicéia Desvairada*, que morreria no fim de fevereiro do ano sucessivo. Na sua última carta para Sérgio, de 26 de dezembro, despede-se assim do velho amigo: «Um bom ano de 1945 pra você, Maria Amélia, filhotes e esta nossa triste humanidade».<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup> MÁRIO DE ANDRADE, *Aspectos da Literatura brasileira*, Livraria Martins Editora, 5ª edição, São Paulo, 1974, p. 255.

<sup>74</sup> «Carta nº26, 23 de junho 1944». In: PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 139.

<sup>75</sup> *Ivi*, «Carta nº28, 7 de dezembro 1944», p. 150.

<sup>76</sup> *Ivi*, «Carta nº31, 26 de dezembro de 1944», p. 166.

## 2.3| *O lado oposto e outros lados e o conceito de construção*

Voltamos agora para o artigo de 1926 *O lado oposto e outros lados*, com o qual Sérgio rompe com aqueles modernistas que ele considera mais “passadistas” e critica o próprio amigo Mário de Andrade. O artigo, que apareceu na *Revista do Brasil* em outubro, transmite uma grande preocupação com o destino do movimento, ameaçado por uma falta de energia renovadora:

Está visto que pra mim os que exprimem o momento atual neste ano de 1926 contam muito mais do que os de 1916. A gente de hoje aboliu escandalosamente, graças a Deus, aquele ceticismo bocó, o idealismo impreciso e desajeitado, a poesia “bibelô”, a retórica vazia, todos os ídolos da nossa intelligentsia, e ainda não é muito o que fez. Limitações de todos os lados impediam e impedem uma ação desembarcada e até mesmo dentro do movimento que suscitou esses milagres têm surgido germes de atrofia que os mais fortes já começam a combater sem tréguas.<sup>77</sup>

A palavra fundamental aqui é atrofia. Em 1926, o Movimento já não encontrava mais resistências ferrenhas à sua nova poética. A situação era tranquila, quase apática, e muitos dos antigos animadores do movimento dirigiam-se para uma honesta carreira no jornalismo ou no aparato público. Além disso, como já se viu, o Modernismo brasileiro nunca foi verdadeiramente iconoclasta em relação ao passado, tendo aceitado a influência de uma parte da literatura francês finissecular no seu desenvolvimento. O risco era que perdesse seu ímpeto propulsivo, caindo nos mesmos erros da literatura do passado.

A preocupação de Sérgio, que aqui assume uma posição radical, identificando-se com a proposta poética de Oswald de Andrade, era que a componente acadêmica tomasse o controle do movimento, e que as recentes conquistas no plano da liberdade formal e da elaboração duma arte nacional original (de exportação, como diria Oswald) fossem diluídas por homens com um exagerado gosto pela mediação. A este propósito escreve:

É indispensável para esse efeito romper com todas as diplomacias nocivas, mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as políticas literárias e conquistar uma profunda sinceridade pra com os outros e pra consigo mesmo. A convicção dessa urgência foi pra mim a melhor conquista até hoje do movimento que chamam de “modernismo”. Foi

---

<sup>77</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O lado oposto e outros lados». In: Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 398.

ela que nos permitiu a intuição de que carecemos, sob pena de morte, de procurar uma arte de expressão nacional. Não se trata de combater o que já se extinguiu, e é um absurdo que muitos cometem. Mesmo em literatura os fantasmas já não pregam medo em ninguém. O academismo, por exemplo, em todas as suas várias modalidades – mesmo o academismo do grupo Graça Aranha-Ronald Renato Almeida, mesmo o academismo de Guilherme de Almeida, já não é mais um inimigo, porque ele se agita num vazio e vive à custa de heranças. As figuras mais representativas desse espírito acadêmico e mesmo as melhores (como é o caso dos nomes que citei) falam uma linguagem que a geração dos que vivem esqueceu há muito tempo.<sup>78</sup>

O problema do intelectualismo e do academismo é um dos grandes dilemas que tem acompanhado a fase descendente de cada futurismo. Pelo mesmo motivo, já nos anos 1920, a figura de Marinetti era impopular entre os futuristas portugueses e brasileiros: ele não era mais atual, não podia inovar, porque, por causa do intelectualismo, não se aproximava mais às coisas com aquela ingenuidade que permite revelar a verdadeira natureza dos seres. A poesia acadêmica é uma poesia que só pode imitar o passado, nunca criar.

Alguns dos seus representantes -refiro-me sobretudo a Guilherme de Almeida e a Ronald de Carvalho-, graças a essa *inteligência aguda e sutil* que foi o paraíso e foi a perda da geração a que eles pertencem, aparentaram por certo tempo responder às instâncias da nossa geração. Mas hoje logo à primeira vista se sente que falharam irremediavelmente. O mais que eles fizeram foi criar uma poesia principalmente brilhante: isso prova que sujeitaram apenas uma matéria pobre e sem densidade. De certo modo continuaram a tradição da poesia, da literatura “bibelô”, que nós detestamos. São autores que se acham situados positivamente *do lado oposto* e que fazem todo o possível para sentirem um pouco a inquietação da gente da vanguarda. [...] Pedimos um aumento de nosso império e eles nos oferecem uma amputação. (Não careço de citar aqui o nome de Tristão de Athayde, incontestavelmente o escritor mais representativo dessa tendência, que tem pontos de contato bem visíveis com a dos acadêmicos “modernizantes” que citei, embora seja mais considerável.<sup>79</sup>

A qual amputação refere-se Sérgio? A perda da liberdade criativa total, alvo dos modernistas da primeira hora, a qual era nesta altura tanto criticada por Tristão de Athayde, que alguns anos mais tarde, no celebre *Adeus à disponibilidade*, escreveria: «O amor da evasão pela evasão é a pior das servidões. Nunca nos sentimos tão presos como ao pretendermos forçar as portas»<sup>80</sup> Contra essa “libertinagem” da poesia, Tristão oporia

---

<sup>78</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O lado oposto e outros lados». In: Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 399.

<sup>79</sup> *Ivi*, p. 400.

<sup>80</sup> A carta «Adeus à disponibilidade», de 1929, encontra-se retomada pelo próprio Tristão de Athayde no artigo «Para além dos cruzamentos», dedicado à morte de Sérgio, de 1982. In: *Revista do Brasil*, nº6, 1987, p. 120.

a conceição de ordem, seja nos temas, seja na forma; fato que, afinal, aproximaria a poesia modernista à produção estilisticamente bem cuidada do Parnasianismo. No fundo, há o contexto de uma literatura, a de Tristão de Athayde, que se confronta com o horizonte do Cristianismo, elemento que a aproxima por alguns aspetos à obra de Mário de Andrade, mas que sempre teve na produção de Sérgio uma importância totalmente secundária.

A polémica toda roda em torno dos polos conceituais de *destruição e construção*. Geralmente, todos os movimentos de inspiração modernista foram acusados de destruir, para depois deixar só ruínas. Este problema foi enfrentado, no modernismo brasileiro, desde o começo. E a escolha foi uma clara propensão para o polo da *construção*. Pensamos, por exemplo, ao manifesto da revista Klaxon:

Manifesto Klaxon – Século 19 – Romantismo, Torre de Marfim, Simbolismo. Em seguida o fogo de artifício internacional de 1914. Há perto de 130 anos que a humanidade está fazendo manha. A revolta é justíssima. Queremos construir a alegria. A própria farsa, o burlesco não nos repugna, como não repugnou a Dante, a Shakespeare, a Cervantes. Molhados, resfriados, reumatizados por uma tradição de lágrimas artísticas, decidimo-nos. Operação cirúrgica. Extirpação das glândulas lacrimais. Era dos 8 Batutas, do Jazz-Band, de Chicharrão, de Carlito, de Mutt & Jeff. Era do riso e da sinceridade. Era da construção. Era de KLAXON.

Klaxon tem uma alma coletiva que se caracteriza pelo ímpeto construtivo.<sup>81</sup>

Ou ao próprio manifesto Pau-Brasil de Oswald de Andrade, considerado o mais extremo dos modernistas na busca de uma poética nova, e que a rigor deveria ser o mais próximo ao polo da destruição: «A coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil».<sup>82</sup> Mas havia personalidades no modernismo, como o próprio Tristão de Athayde, para quem qualquer destruição era execrável em princípio. Com estas premissas, a somente quatro anos de distância da Semana da Arte Moderna, a força transformativa do movimento ia-se enfraquecendo. É neste contexto que se insere a dura advertência de Sérgio Buarque de Holanda:

O que idealizam, em suma, é a criação de uma elite de homens, inteligentes e sábios, embora sem grande contato com a terra e com o povo [...], gente bem-intencionada e que esteja de qualquer modo à altura de nos impor uma hierarquia, uma ordem, uma experiência que estrangulem de vez esse nosso maldito estouvamento de povo moço e sem juízo.

---

<sup>81</sup> *Klaxon*, 15 de maio de 1922, In: ABEL BARROS BAPTISTA - OSWALDO M. SILVESTRE, *Seria uma rima, não seria uma solução: a poesia modernista* (coletânea), Lisboa: Livros Cotovia, 2005, p. 227.

<sup>82</sup> OSWALDO DE ANDRADE, «Manifesto da Poesia Pau-Brasil», 1924. *Ivi*, p. 231.



Carecemos de uma arte, de uma literatura, de um pensamento, enfim, que traduzam um anseio qualquer de construção. E insistem sobretudo nessa panaceia abominável da construção. Porque para eles, por enquanto, nós nos agitamos no caos e nos comprazemos na desordem. Desordem do quê? É indispensável essa pergunta, porquanto a ordem perturbada entre nós não é de certo, não pode ser a nossa ordem, há de ser ma coisa fictícia e estranha a nós, uma lei morta, que importamos, senão do outro mundo, pelo menos do Velho Mundo. É preciso mandar buscar esses espartilhos pra que a gente aprenda a se fazer apresentável e bonito à vista dos outros. O erro deles está nisso de quererem escamotear a nossa liberdade que é, por enquanto pelo menos, o que temos de mais considerável, em proveito de uma detestável abstração inteiramente inoportuna e vazia de sentido. [...] Aqui há muita gente que parece lamentar não sermos precisamente um país velho e cheio de heranças onde se pudesse criar uma arte sujeita a regras e a ideais prefixados.<sup>83</sup>

“Panaceia abominável da construção”: a imagem de Sérgio que sai destas páginas parece ser aquela de um revolucionário radical. Uma imagem sinceramente em contraste com a monumental produção ensaística através da qual Sérgio chegaria a deixar um marco na história da cultura brasileira. Em contraste com sua própria proposta de intitular a revista *Estética* com o nome “Construção”<sup>84</sup>. Em contraste, em fim, com a atitude de quem, dez anos mais tarde, chegaria a conceber a ideia de publicar uma pretensiosa “Teoria da América”, que nunca veio a lume<sup>85</sup>.

É um paradoxo perigoso para quem pretenda encontrar, nas pesquisas que Sérgio Buarque de Holanda conduziu ao longo da sua longa vida, as traças da construção de um pensamento sobre a identidade do Brasil. Um paradoxo que poderia ser rescindido grosseiramente etiquetando *O lado oposto e outros lados* como uma obra juvenil, expressão duma consciência ainda acerba e em busca do seu rumo. Tem um fundo de verdade nesta perspectiva: a experiência na Alemanha iria mudar profundamente a visão de Sérgio, seja no caráter, que perdeu um certo pessimismo latente, conforme crescia a sua segurança nos próprios meios, seja na escolha da historiografia. Todavia, na sua concepção reabilitada de construção, Sérgio sempre manteria um traço que já caracteriza seu pensamento em 1926:

---

<sup>83</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O lado oposto e outros lados». In: Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 399.

<sup>84</sup> *Ivi*, «Carta nº8, maio de 1924», p. 66.

<sup>85</sup> *Ivi*, p. 217.

Penso naturalmente que poderemos ter em pouco tempo, que teremos com certeza, uma arte de expressão nacional. Ela não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa indiferença.<sup>86</sup>

E ainda:

Somente me revolto contra muitos que acreditam possuir ela desde já no cérebro tal e qual deve ser, dizem conhecer de cor todas as suas regiões, as suas riquezas incalculáveis e até mesmo os seus limites e nos querem oferecer essa sobra em vez da realidade que poderíamos esperar deles.<sup>87</sup>

O edifício que Sérgio Buarque de Holanda pretende construir com a sua recongnição da história brasileira afunda as raízes no solo fértil da realidade brasileira, sem a tentação apologética de enaltecer ufanisticamente o destino do país ou de adornar um passado de violência, e sem pretensão de dirigi-lo para um objetivo politicamente predeterminado. O seu pensamento torna-se assim, não obstante as tentativas do poder de apropriar-se dele, como no caso famoso do conceito de *homem cordial*, radicalmente externo a todos os ídolos de identidades pré-constituídas. Resta o fato que a posição de Sérgio a respeito do tema da *construção* poderia parecer críptica, animada por uma excessiva, e temporânea, emoção. Com efeito, precisamente para evitar o risco desta subestimação, e para defender o amigo fiel, no jornal *A Manhã* de 30 de outubro, apareceu um artigo de Prudente de Moraes, que sentiu a necessidade de esclarecer a insatisfação que motivara a rutura:

O chamado modernismo guardava até aqui um aspeto de unidade, apresentava uma face de conjunto que fazia supor para a ação de todos um mesmo objetivo determinado. A expressão “frente única” que já tinham estendido à política foi aplicada por muitos também a literatura. [...] Sempre houve duas ou três palavras capazes de congregar todos os esforços, por exemplo, em épocas diferentes: modernismo, nacionalismo, construção. E muito mais do que uma opinião isolada, ele traduz alguma coisa que andava no ar, o descontentamento visível ainda que impreciso de todos o que não consentem em ficar parados. Quanto a mim penso que o Sr. Sérgio não quer nada. É o extraordinário, o importante, o essencial da atitude dele está justamente nesse não querer. Estamos cansados de plataformas e programas, estamos cansados de todos os idealismos fáceis. Querer, isto é escolher, isto é, imitar. [...] Em suma, esses modernistas se conservaram bem próximos de tudo que combatiam.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O lado oposto e outros lados». In: Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 400.

<sup>87</sup> *Ibidem*.

<sup>88</sup> PRUDENTE DE MORAES, NETO, «O lado oposto e outros lados», publicado no jornal *A manhã* de 30/10/1926. In: *Revista do Brasil*, n°6, 1987, p. 8.

Ainda uma vez, modelo almejado é a poesia Pau-brasil de Oswald, vista como uma poesia libertada das regras, da métrica oficial, da cultura e até da inteligência. É na poética avançada por Oswald que se funda a divisão em frentes opostas, onde «há de um lado os que representam um espírito de liberdade avesso a limitações. E há os do lado oposto.»<sup>89</sup>

E no que diz respeito a Mário? Em *O Lado oposto e outros lados* Sérgio critica a sua “atual atitude intelectualista”, apontando que «os pontos fracos nas suas teorias estão quase todos onde elas coincidem com as ideias de Tristão de Athayde», mesmo que essa falha tenha uma «compensação nas estupendas tentativas para a nobilitação da fala brasileira»<sup>90</sup>. Com efeito, a leitura do lindíssimo *Noturno de Belo Horizonte*, divulgado em 1925, parece revelar uma certa sugestão por uma poética celebrativa e por um pensamento religioso símil ao de Tristão:

*A Espanha estilhaçou-se numa poeira de nações americanas*

*Mas sobre o tronco sonoro da língua do ão*

*Portugal reuniu 22 orquídeas desiguais.*

*Nós somos na Terra o grande milagre do amor!*<sup>91</sup>

Todavia, como o tempo iria mostrar, a conceção de Mário a respeito da religião nunca teve nada de dogmático ou formalístico; não tinha alguma relação com a noção de ordem. A sua perceção do mundo era de tipo místico. No pequeno ensaio *Critica do Gregoriano*, publicado no mesmo número da *Revista do Brasil* onde se encontra *O lado oposto e outros lados*, Mário indica o canto gregoriano como expressão central e essencial do espírito do catolicismo:

O cantochão perdia a sua eficácia de representação histórica do Cristianismo. Porém não perdeu nada da eficácia com que representa a essência ideal e mais íntima do Catolicismo e continua assim como a manifestação máxima característica e original da musica religiosa católica. Atingiu como arte musical nenhuma a perfeição simples e ao mesmo tempo grandiosa com que interpreta a própria essência do Catolicismo, religião da alma se

---

<sup>89</sup> PRUDENTE DE MORAES, NETO, «O lado oposto e outros lados», publicado no jornal *A manhã* de 30/10/1926. In: *Revista do Brasil*, n.º6, 1987, p. 9.

<sup>90</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O lado oposto e outros lados». In: Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 402.

<sup>91</sup> MÁRIO DE ANDRADE, «Noturno de Belo Horizonte», publicado da revista *Estética* n.º3, junho 1925. In: Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, op. cit., p. 376.

considerando por si mesma pobre, fraca e miserável, mas porém fortificada pelo contato íntimo e físico da Divindade<sup>92</sup>

Um centro da religiosidade, então, que se encontra na profunda e irreduzível simplicidade formal do gregoriano, assim como o centro da nacionalidade não se encontra na superfície da sociedade moderna e colonial, mas no primitivismo da arte popular. A sensibilidade de Mário sempre aponta para a origem escondida das coisas. É uma oposição, aquela entre as essências íntimas e a aparência das construções arbitrárias, que acomuna as visões destes dois grandes intérpretes do modernismo brasileiro, e que tornaria possível a sobrevivência da amizade entre eles.

---

<sup>92</sup> MÁRIO DE ANDRADE, «Crítica do Gregoriano», publicado na *Revista do Brasil*, 15 outubro 1926. In: Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 389.

## 2.4| *A viagem a Nápoles* e a narrativa da passagem da década sob o signo do carnavalesco bakhtiniano

Se o ano de 1926 tinha sido um período de calma para a produção literária modernista, a situação iria mudar radicalmente em 1928, com a publicação de obras radicalmente inovativas para a história da literatura brasileira: são o *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade e o *Macunaíma* de Mário de Andrade. Também Sérgio Buarque de Holanda insere-se nessa atmosfera de busca da radicalidade com um artigo que publica no jornal *Diário Nacional* em 8 de abril, dedicado ao escritor inglês Thomas Hardy. No artigo *O Testamento de Thomas Hardy* o nosso crítico traça um paralelismo entre o autor inglês de época vitoriana e os modernistas de seu tempo. A rutura que Hardy significou no panorama literário inglês serve, na contemporaneidade do autor, para contrastar aqueles germes de atrofia que Sérgio achara no modernismo de 1926. Ele escreve:

A literatura inglesa no período “vitoriano” é essencialmente uma literatura de repouso, de fartura, de boa digestão. [...] O correlativo espiritual desse ambiente é uma mentalidade mais ou menos equívoca, de meio-termo e de compromisso. [...] Uma mediocridade satisfeita devora os germes de rebeldia e de negação e impõe-se todo-poderosa. Dickens é o grande poeta dessa mediocridade. [...] A importância de Thomas Hardy está nisso, sobretudo, que, em uma época de temperança, soube opor qualquer coisa de desmedido: o sentimento convulsivo dos temas essenciais de nossa existência. Está visto que um homem desses há de ser, em qualquer época, em qualquer país, um *outlaw* do pensamento.<sup>93</sup>

É uma poética, aquela de Thomas Hardy, que traz a sua força de duas fontes principais. A primeira é o sentido do trágico: nas palavras do mesmo poeta inglês, “*if way to the Better there be, it exacts a full look at the Worst*”. É este traço que permite à obra de Hardy ser, ao mesmo tempo, um «poema de desolação» e um «catecismo da esperança»<sup>94</sup> A segunda fonte da poética de Hardy são, segundo Sérgio, os «momentos de visão»:

---

<sup>93</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O testamento de Thomas Hardy». In: *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 402. A coletânea completa dos artigos de crítica literária de Sérgio se encontra em *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária*, organizado por Antonio Arnoni Prado, São Paulo, 1996.

<sup>94</sup> PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 410.

Parece mesmo, algumas vezes, que este mundo foi criado de tal jeito que só se sustenta à custa de uma ordenação policial, de um arranjo emanado de outro mundo. Só em instantes de forte tensão interior é que os homens se encontram frente a frente com as forças subterâneas e criminosas que vêm dismantelar essas sínteses admiráveis. Mas é difícil não compreender que esses “instantes” representam o que há de mais importante e que todo o resto se anula diante de sua força. É preciso que o curso do tempo se interrompa para de súbito para que se possa pressentir o inefável.<sup>95</sup>

É uma concepção, esta de momentos extáticos fora do normal escorrer do tempo e de percepção superior, onde a verdade é revelada, que tem pontos de contato com a poesia surrealista, que já em 1924, no artigo *Perspectivas*, Sérgio indicara como uma das suas maiores inspirações. Em 1932 ele publicaria, na Revista Nova, um conto fantástico, intitulado *A viagem a Nápoles*<sup>96</sup>. Este conto é uma das poucas incursões de Sérgio no campo da ficção (e portanto uma das poucas ocasiões de ver aplicadas as teorias estéticas dele), e se situa perfeitamente no ponto de viragem da sua trajetória pessoal, com a passagem do campo exclusivo da crítica literária para os interesses historiográficos.

O protagonista da história é um rapaz de nome Belarmino. Belarmino desde o começo do conto é apresentado como um menino particular, que não percebe a vida duma maneira ingênua, imediata: tem uma capacidade especial para a observação. Ele tem dúvidas sobre a própria identidade e sobre a veracidade da própria percepção, e apresenta sintomas daquilo que se poderia chamar complexo obsessivo-compulsivo:

Por que motivo ninguém olha naturalmente para ele, se é um transeunte igual aos outros? Belarmino sente em si qualquer coisa que o diferencia, que o desmerece perante os outros, que faz dele um personagem particular e quase extravagante. Sabe as esquisitices que pratica, muitas vezes sem mesmo reparar, e que ele próprio considera como um estigma humilhante. A mania que lhe vem certas vezes de contar os passos que dá desde casa até o bonde. Ou o hábito de cobrir as orelhas quando se deita, de medo que alguém as venha puxar durante o sono. Agora mesmo dava-se, sem pensar, ao seu antigo costume de pisar só no meio de cada um dos quadrados de cimento marcados na calçada, sem tocar com os pés nos riscos.<sup>97</sup>

Na atenção para a temática psicanalítica entreveem-se os traços duma poética inspirada pelo surrealismo. A organização interna da história, apesar do seu pequeno tamanho, é complicada e não respeita a ordem cronológica; isso vai para além de uma simples

---

<sup>95</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O testamento de Thomas Hardy». In: *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 404.

<sup>96</sup> O texto encontra-se reproduzido na *Revista do Brasil*, nº6 de 1987, pp. 18-26.

<sup>97</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «A viagem a Nápoles», *Revista do Brasil*, nº6, 1987, p. 20.

utilização de flashback: o mesmo tempo parece ser líquido, um mar agitado e reorganizado pela força das pulsões internas do protagonista. Não obstante essa organização dos fatos que não obedece a critérios racionais, mas pelo contrário aos processos de significação psicológica de Belarmino, foi possível reconstruir uma trama, sempre lembrando que contar uma história não é objetivo principal da obra: o que conta principalmente são as “visões”; os delírios, devaneios e sonhos do rapaz.

Belarmino acorda no seu quarto e lhe faltam dois dentes. Está na hora de ir para a escola, mas no percurso até a instituição ele experimenta uma grande ansiedade. Isso não por causa da perda dos dentes, mas por causa do que acontecera no dia anterior: após uma incompreensão com o professor, ele tinha sido colocado injustamente em punição, que consistia em ficar sozinho numa sala vazia. Durante a punição, por causa de uma série de desafortunados eventos, ele tinha quebrado o vidro do único objeto da sala, um retrato de Tiradentes. Saindo da escola sem que ninguém tivesse ainda descoberto o fato, ele começa a imaginar qual poderia ser a punição para a sua ausência de patriotismo. Cansado pelos acontecimentos do dia e entregue a uma grande agitação, afinal o rapaz chega a desmaiar e a bater a testa, como se pode deduzir, a posteriori, da perda dos dentes.

Aqui começa a passagem para a segunda parte do texto, que uma leitura atenta revela ser de natureza onírica, acontecendo dentro do sonho/delírio de Belarmino. Porém, no texto, a passagem é muito almofadada, enquanto a primeira coisa que acontece depois do da queda do rapaz é a chegada dos socorros. Só a revelação do nome do socorredor, Dicotiledônio<sup>98</sup>, revela-nos que nos encontramos nos íncubos do jovem estudante. Assim, até o final, só a natureza hiperbólica dos fatos nos revela que os acontecimentos ocorrem no reino dos sonhos. O que segue é um processo, conduzido por professores-inquisidores, onde é julgado o crime de desrespeito contra o mártir da independência pátria, assim como o falimento de Belarmino em ser um bom estudante. Afinal, a pena é a morte. Belarmino consegue fugir graças à ajuda da amiga Dona Leonor, e o projeto dele é de buscar asilo em Nápoles. Só que ao final, com uma reviravolta típica dos sonhos, Nápoles revela-se,

---

<sup>98</sup> Talvez se possam encontrar aqui traços de uma inspiração autobiográfica. O pai de Sérgio, Cristóvão Buarque de Holanda, era professor de Botânica na Escola de Odontologia e Farmácia de São Paulo: ALEXANDRE EULÁLIO, «Antes de tudo um escritor», *Revista do Brasil*, n°6, 1987, p. 135. Sérgio volta brevemente a contar os acontecimentos da sua infância também numa entrevista de 1981: «no ginásio eu me lembro dos encontros com os encarregados da disciplina, um deles chamado “Vassourinha”, por causa do corte de seu cabelo. Naquela época, nós aprendíamos francês e alemão». RICHARD GRAHAM, «Uma entrevista», *Revista do Brasil*, n°6, 1987, p. 103.

não a cidade italiana, mas uma casa “enigmática, com as venezianas pintadas de preto”. Dentro da casa, o teor alucinatório dos acontecimentos aumenta, até que um empurrão desperta o rapaz.

O aspeto mais interessante do conto, para além da apresentação de uma personagem inocente e inocuamente obsessiva-compulsiva e do traço onírico dos acontecimentos, é o aspeto da crítica social, conduzida através da paródia. A imagem da escola brasileira do começo do século que Sérgio retrata é de uma escola atrasada, inutilmente patriótica e ufanista, que ao mesmo tempo não respeita o bem-estar dos estudantes. É, também, uma imagem extremamente divertida.

Ele tinha bem na memória a sala onde depois dessa cena, e sem saber por que, foi trancado de castigo. Não havia ali nenhuma cadeira, de modo que seria forçado a ficar encostado em um canto durante todo o tempo. Além da porta e das duas janelas que ficavam do lado oposto, nada se destacava sobre as paredes brancas, a não ser, em uma delas, o retrato de Tiradentes cercado de uma moldura de ouro. Por baixo do retrato cruzavam-se um ramo de cafeeiro e outro de tabaco, as duas principais produções agrícolas do Brasil. [...] O quadro ficara entortado e todo o mundo acabaria descobrindo o autor dessa miséria. O fato era tanto mais grave quanto o patriotismo dos professores não podia admitir qualquer irreverência, ainda que involuntária, à figura do Mártir da Inconfidência.<sup>99</sup>

Trata-se de uma representação pouco lisonjeira da escola brasileira neste momento de declínio da República Velha. Note-se que o presumido desrespeito da sacralidade de Tiradentes é a origem da ansiedade do rapaz, e, por causa disso, de todo o delírio sucessivo. Uma posição que parece fazer deste conto o irmão menor daquele *Triste Fim de Policarpo Quaresma* que 20 anos antes tinha apresentado os êxitos infaustos de uma excessiva crença nos ditados do ufanismo brasileiro. A situação atinge níveis ainda mais paroxísticos na cena do processo contra Belarmino, onde o professor Carvalho chega a empossar-se das feições grotescas numa personificação do ideal pátrio:

Timbrei sempre ser em ser correto e, até certo ponto, complacente para com os meus alunos. Mas seu ato encheu as medidas da minha longa paciência. Não há como perdoá-lo. Devo responder perante mim próprio e perante a boa-fé dos pais que confiam os seus filhos à sabedoria e à experiência proverbiais deste seu criado. Orgulho-me de ter tido como discípulos um Tiradentes, um Benjamim Constant e sobretudo um Floriano Peixoto, estrelas de primeira grandeza no céu sem nuvens da história pátria. De modo que bem se pode dizer,

---

<sup>99</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «A Viagem a Nápoles». In: *Revista do Brasil*, nº6, 1987, p. 21.



como o poeta: “*Abaixai-vos heróis do velho mundo,/ Que outro valor mais alto se alto se alevanta*”.<sup>100</sup>

Juntando hiperbolicamente na turma de seus discípulos o mártir setecentista e o *Marechal de Ferro* do fim do século dezanove. A crítica que Sérgio Buarque move à ideologia cultural do Brasil da Velha República não para antes de ter destacado a pobreza provincial, de vistas estritas, daquela concepção:

“A julgar pelo desprezo com que trata os heróis da história pátria, imagino bem que não há de ser muito profundo em Geografia do Brasil”, disse o Sr. Carvalho.

-Profundo? E Dona Catarina Honório deu uma gargalhada. Imagine que nem ao menos sabe quais são os portos de mar do Estado de São Paulo!<sup>101</sup>

Uma ideologia cultural que, no ensino escolar, promove não a criatividade, mas sim o conformismo e a imitação do passado (alvo típico da condenação modernista):

-Mas talvez seja um aluno distinto em português...exclamou Dicotiledôneo.

-Distinto? É boa! Escreve nomes próprios com letra minúscula, não data nem assina suas provas...querem uma amostra? E voltando-se para Belarmino: O que quer dizer anástrofe?

-É figura de sintaxe, que consiste na...

-Bobo alegre! Ignorante! Que consiste propriamente...

-Que consiste propriamente na inversão dos termos, isto é, na descolocação pela anteposição ou posposição dos termos.

-Um exemplo! Anda! Não quero que os meus alunos decorem que nem papagaios!<sup>102</sup>

Um ensino que, afinal, opostamente à apoteose declarada do mito da independência, perpetua uma cultura de derivação e de dependência colonial, ao invés de procurar uma verdadeira expressão nacional contemporânea:

-Agora não é ignorância somente. É também teima e capricho. O exemplo que sempre tenho ensinado é este: “Era naquele tempo clara a fama de D. Duarte de Meneses<sup>103</sup>”. Todos os seus colegas já conhecem essa frase, que é um exemplo admirável.

-Pode ser que sim, pode ser que não! Exclamou o Sr. Carvalho. Quanto a mim, acho preferível a esse exemplo português, este outro do nosso genial Gonçalves de Magalhães<sup>104</sup> “E em monte alquebrado o dorso enruga”...<sup>105</sup>

---

<sup>100</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «A Viagem a Nápoles». In: *Revista do Brasil*, n°6, 1987, p. 22.

<sup>101</sup> *Ivi*, p. 24.

<sup>102</sup> *Ivi*, p. 23.

<sup>103</sup> D. Duarte de Meneses (Lisboa, 1414 – Marrocos, 1464) foi um militar e nobre português.

<sup>104</sup> Domingos José Gonçalves de Magalhães, primeiro e único barão e visconde do Araguaia, (Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1811 – Roma, 10 de julho de 1882), foi um poeta romantista brasileiro.

<sup>105</sup> *Ibidem*.

De qualquer maneira, continuou Dona Caterina Honório, creio que a família desse moço pensa que isto aqui é hospital de doentes mentais. Mas saiba que eu não nasci para enfermeira. Tenho mais que fazer.<sup>106</sup>

Para acabar com uma crítica daquele formalismo linguístico que, modulando a língua oficial à imitação de um modelo irreal e eterodireto de *norma culta*, frustra as aspirações de uma literatura verdadeiramente nacional e provoca um efeito excludente para uma grande parte da população<sup>107</sup>:

Além disso é um dos menos assíduos às aulas. Ainda neste mês falhou quatro dias seguidos sem trazer justificção de ausência. E voltando-se para Belarmino, gritou enfurecida: Vamos ver essa justificção que você prometeu para hoje? Belarmino estava pálido como cera. Sentia uma dor nos pulos e no peito. Tinha a impressão de que o sufocavam. “Onde está a justificção?” Essa pergunta lembrou-lhe a carta que ainda tinha guardada no bolo, a carta de justificção escrita há uma semana e que ele não tivera a coragem de entregar por causa de um grave erro de gramática. O que pensariam Dona Catarina e todos os professores e sobretudo alunos quando soubessem que a mãe de Belarmino escrevia a palavra “esperança” com dois ss em lugar de um c cedilhado? E que o próprio nome da professora estava escrito no envelope sem h?<sup>108</sup>

A reinvenção da língua brasileira é, contudo, um dos grandes projetos do Modernismo, como as recentes pesquisas sobre a *Gramatiquinha da Fala Brasileira* de Mário de Andrade sempre mais vêm desvendando. Há, no texto, uma clara tentativa de crítica social apresentada não por meio da denúncia séria, programaticamente política, mas através das armas da ironia e da parodia, quer dizer, dos vários aspetos do cômico. É, este uso do registro cômico com finalidade de crítica social e de demolição de um estado de coisas existente, um aspeto que tem várias consonâncias com as reflexões que, quase no mesmo período, vinha fazendo o crítico literário russo Bakhtin na sua obra dedicada ao estudo da natureza polifônica da escrita de Dostoiévski. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, de 1929, ele aponta para um aspeto da literatura que chama de *carnavalesco*, em que comicidade e crítica social se fundem no momento da *decoração do rei*:

The primary carnivalistic act is the mock crowning and subsequent decrowning of the carnival king. This ritual is encountered in one form or another in all festivities of the carnival type: in the most elaborately worked out forms—the saturnalia, the European carnival and festival of fools (in the latter, mock priests, bishops or popes, depending on the rank of the

---

<sup>106</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «A Viagem a Nápoles». In: *Revista do Brasil*, nº6, 1987, p. 23.

<sup>107</sup> Problema abordado extensamente na obra de Marcus Bagno, por exemplo em *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*, São Paulo: Loyola, 2000.

<sup>108</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «A Viagem a Nápoles», op. cit., p. 24.

church, were chosen in place of a king); in a less elaborated form, all other festivities of this type, right down to festival banquets with their election of short-lived kings and Queens of the festival. [...] Under this ritual act of decrowning a king lies the very core of the carnival sense of the world-the pathos of shifts and changes, of death and renewal. Carnival is the festival of all-annihilating and all-renewing time.<sup>109</sup>

E, acrescenta Bakhtin, passando para o campo dos géneros literários, que «Parodying is the creation of a decrowning double»<sup>110</sup>: a paródia é a criação de um duplo literário cômico com a finalidade de desconstruir e demolir o objeto. As principais produções literárias modernistas do fim da década de 1920 e começo da década sucessiva são fortemente caracterizadas pelas diversas declinações do carnavalesco: pensamos, por exemplo, na dimensão do grotesco<sup>111</sup> no *Macunaíma* de Mário de Andrade, para além do paródico do nosso conto de Sérgio Buarque de Holanda. Mas também a provocação às consciências bem-pensante implícita no título do *Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade* pode ser considerada uma face do carnavalesco: acrescenta Bakhtin que:

Connected with this is yet a fourth carnivalistic category, profanation: carnivalistic blasphemies, a whole system of carnivalistic debasings and bringings down to earth, carnivalistic obscenities linked with the reproductive power of the earth and the body, carnivalistic parodies on sacred texts and sayings, etc.<sup>112</sup>

A dimensão do carnavalesco no gênero literário dos manifestos futuristas tem sido abordada aprofundadamente pelo professor Dionísio Vila Maior: na sua leitura, o manifesto futurista é “uma forma de carnavalização literária” no sentido em que se torna um método de insulto contra o poder simbólico da autoridade, que se exprime através de um monopólio, de uma narrativa monológica da realidade<sup>113</sup>:

Orpheu constituiu indelevelmente uma manifestação da carnavalização literária, no que isso implica de oposição e desconstrução da cultura estabelecida. O mesmo é dizer que a linguagem literária carnavalesca, pelo desafio desencadeado contra as hierarquias dominantes, a ordem, o discurso monológico oficial, traduz-se, pois, numa espécie de contra-ideologia<sup>114</sup>

---

<sup>109</sup> MIKHAIL BAKHTIN *Problems of Dostoevsky's Poetics*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999, p. 124.

<sup>110</sup> *Ivi*, p. 128.

<sup>111</sup> Aspeto abordado por Bakhtin na sua obra de 1963 dedicada a Rabelais.

<sup>112</sup> MIKHAIL BAKHTIN *Problems of Dostoevsky's Poetics*, op. cit., p. 124.

<sup>113</sup> DIONÍSIO VILA MAIOR, *Introdução ao Modernismo*, Coimbra: Livraria Almedina, 1996, p. 134.

<sup>114</sup> *Ivi*, p. 108.

E ainda:

Em primeiro lugar, o manifesto, pela presença constante de estratégias discursivas de caráter subversivo, é visivelmente uma forma de “irreverência iconoclasta”, agónica e, por vezes, niilista; em segundo lugar, o manifesto apresenta-se como um espaço discursivo-ideológico de confrontação, pelo ataque dirigido ao tradicionalismo; finalmente, e decorrendo imediatamente desta segunda vertente, uma outra finalidade sustenta o manifesto: o discurso satírico dirigido individual ou emblematicamente contra “figuras representativas do tradicionalismo, do passadismo e do academismo”.<sup>115</sup>

Contra a linguagem monódica da celebração da nacionalidade surge a carnavalização, com seu poder polifônico, que permite criticar o poder por meio da sua dessacralização. É um recurso, aquilo às armas da ironia e da comicidade, como também a um registro onírico, estranho e surreal, com a finalidade de criticar a ordem constituída, que acomuna nesta passagem de década este pequeno experimento narrativo de Sérgio Buarque de Holanda e as obras dos mais avançados autores do modernismo brasileiro. A abordagem de Sérgio às problemáticas sociais, porém, já estava começando a mudar, e tomaria, depois do retorno da Alemanha, a estrada de uma crítica séria e aprofundada sob a forma do ensaio historiográfico.

---

<sup>115</sup> DIONÍSIO VILA MAIOR, *Introdução ao Modernismo*, Coimbra: Livraria Almedina, 1996, p. 135.



## *Capítulo terceiro*

### Repensando o país: *Raízes do Brasil* e a ensaística dos anos 1930

### 3.1| Premissa: o conceito em claro-escuro de identidade

Um sumário exame do título deste trabalho não poderá deixar de evocar o grande ausente de tal enunciação: a palavra identidade. Considero importante acrescentar aqui, em abertura, algumas palavras para situar aquele conceito bastante controverso que, caso não fosse enfrentado agora, iria projetar sua sombra sobre todo o discurso que será proposto. É uma elipse que tem que ser encarada, e talvez desconstruída, mas não ocultada.

Não tem como escapar, enfrentado um assunto como a obra de Sérgio Buarque de Holanda, mas em geral, de boa parte da ensaística brasileira do século XX, do problema da *identidade brasileira*. Falar de construção de uma narrativa do Brasil, ou de interpretação do país, ou de autorrepresentação, de questão nacional, caráter brasileiro, brasilidade, leva-nos sempre, inexoravelmente, a esse mesmo problema calado da *identidade*. Se buscássemos “identidade” num dicionário, por exemplo no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, encontraríamos a seguinte definição: «Estado do que não muda, do que fica sempre igual; conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la». A identidade, então, que permite individualizar uma coisa, falar dela, afinal, pensá-la, teria ao mesmo tempo uma natureza constrictiva: deveria ser unitária e permanecer igual ao longo do tempo.

Com esses pressupostos, revelam-se claramente os riscos de um discurso identitário. Por um lado, qualquer definição de identidade é causa de violência, mesmo que seja só uma violência conceitual. Definir-se, ser algo, implica não ser algo de outro. Se a identidade se quer coletiva, o risco que exerça uma ação centrípeta e cogente sobre os indivíduos, para uniformá-los a um cânone cultural, as vezes até politicamente escolhido, é muito alto. O antropólogo Francesco Remotti, que muito se tem dedicado, nos últimos anos, à análise do fenômeno identitário, apresenta-nos a identidade não só como uma ficção, mas como uma mentira; não só como uma construção imaginária, mas como um incubo, porque levaria a autorrepresentação a tornar-se fortaleza, a considerar quem não pertence à nossa identidade como alienígena e inimigo.<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup> FRANCESCO REMOTTI, «L'ossessione identitaria», *Rivista Italiana di Gruppoanalisi*, XXV, 2011, 1, p. 20.

É indiscutível que ninguém é um ser monolítico, mas sim uma criatura fragmentada na sua percepção de si mesmo e do mundo. É evidente também que se formos buscar alguém que represente em pleno a suposta identidade de seu País, não encontraríamos ninguém. No caso específico brasileiro, uma certa escola crítica tem alertado contra a aceitação imediata e ingênua de uma definição unívoca de cultura brasileira. No seu ensaio *Dialética da colonização*, Alfredo Bosi prefere falar de *culturas brasileiras*, especificando que não existe uma unidade prévia que aglutine «todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro». Essa unidade ou uniformidade, segundo o crítico, «parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes».<sup>117</sup>

Ao mesmo tempo, renunciar a qualquer forma de auto-significação, comportaria, talvez, a condenação à afasia. Procurar uma nova definição de identidade, nas sociedades latino-americanas, muitas vezes significou a busca de um antídoto a um pensamento da dependência. No Brasil dos anos 1930, o repensamento da identidade comportou uma transformação não em sentido excludente, mas pelo contrário mais incluyente. Num contexto caracterizado por uma persistência de tratos coloniais e por uma modernização autoritária, a intelectualidade brasileira de marca modernista buscou uma nova identidade brasileira que permitisse compreender a totalidade dos brasileiros numa ideia democrática de país. Que permitisse repensar aquela massa de corpos subalternizados como cidadãos, e o Brasil não só como uma casa para todos eles, mas como patrimônio de todos.

No caso de Sérgio Buarque de Holanda, buscar as raízes do Brasil, e tentar uma interpretação, uma definição complexa e geral do país, significou procurar quanto tinha de sistematicamente atrasado ou injusto na sua realidade, para modificá-lo. A definição talvez ideológica de *país do futuro* contém em si algo de bom: não se preocupando com a defesa de uma suposta pureza originária, acontecendo num tempo que é o tempo do possível, é priva exatamente daquele impulso a preservar a sua “integridade”, pertencente inevitavelmente a um passado idealizado, que constitui uma das degenerações principais do identitarismo europeu.

Precisa ainda de um último esclarecimento. Eduardo Lourenço, num belo artigo de 1961 onde desconstrói a ideologia luso-tropicalista de Gilberto Freyre, se lança contra o

---

<sup>117</sup> ALFREDO BOSI, «Cultura brasileira e culturas brasileiras: do singular ao plural». In: *Dialética da Colonização*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 307.



«nefasto aventureirismo intelectual, incoerente e falacioso, desmascarando ao mesmo tempo o falso-liberalismo deste amante de estéticas imperialistas» que se serve de «tópicos que são, há séculos, o lugar comum da autointerpretação ibérica da sua aventura tropical» para construir uma «mitificação da realidade tropical». <sup>118</sup> Espero conseguir evitar o uso daquela para-sociologia “arbitrária” e “grosseira” que Eduardo Lourenço contesta a Freyre. O capítulo que aqui começa tocará, inevitavelmente, o tema tanto discutido da democracia racial. Longe de considerá-lo um objetivo atingido, longe de eufemizar a violência e a injustiça que ainda existe, considero essa integração recíproca um objetivo valioso, verdadeiro ornamento do pensamento social modernista.

Reconhecendo que tratar um tema como esse da identidade significa percorrer uma crista sutil, contornada pelos riscos de dar espaço a discursos hiperidentitários, de nós *versus* os outros, abordarei os textos das próximas páginas com a consciência de que qualquer pensamento sobre a identidade tem que ser acompanhado, pena a produção de monstros, pelo confronto respeitoso, não canibalesco, mas propiciador de recíproca transformação, com o Outro. Afinal, trata-se simplesmente de reconhecer que são muito mais as semelhanças, do que as diferenças.

---

<sup>118</sup> EDUARDO LOURENÇO, «A propósito de Freyre (Gilberto)», 1961. In: *Do Brasil: Fascínio e Miragem*, organização e prefácio por Maria de Lourdes Soares, Lisboa: Gradiva, 2015, p. 128.

### 3.2| O contexto de *Raízes do Brasil* – Dois modelos em confronto: Oliveira Viana e Mário de Andrade

O declínio da República Velha e o divisor de águas da tomada do poder de Getúlio Vargas são os signos de mudanças sociais profundas que a intelectualidade brasileira enfrentou com uma renovada dedicação à ensaística. Se já o Modernismo da primeira hora encontrara no pensamento sobre a “arte brasileira” um dos seus percursos principais, os anos 1930 foram caracterizados por uma reflexão sistemática sobre as raízes e o destino da substância nacional.

São esses os anos de estreia daquelas que se seriam reveladas as três maiores linhas de “interpretação do Brasil”. Por um lado, há a linha de pesquisa “conservadora” de Gilberto Freyre, que oferece a imagem de um Brasil nascido na cooperação entre *casa-grande* e *senzala*. Do lado oposto, a diretriz inaugurada por Caio Prado Júnior com *Evolução política do Brasil* de 1933, que apresenta uma exposição de estampo marxista da formação econômica do País, no álveo do período colonial. Afinal, aparece a terceira via: a do «radicalismo potencial das classes médias»<sup>119</sup>, conforme a famosa análise de Antonio Candido, inaugurada com *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda. Livro saído em 1936, que com seu olhar culturalista e literário, capaz de cruzar história das ideias e a recém-descoberta sociologia, tornou-se um “clássico de nascença”.

Cada uma das linhas de investigação que procedem dessa tríade teve um desenvolvimento notável ao longo do século e constitui uma parte fundamental do pensamento brasileiro. O meu propósito, porém, é focar a atenção em *Raízes do Brasil*. Devido à sua abordagem mais técnica e destacada, atenta a não encaixar numa posição política claramente discernível, parece-me que *Raízes do Brasil* foi capaz de tornar-se patrimônio comum da cultura brasileira, fato que as obras de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior não podiam atingir sem encontrar fortes resistências. Por ter sido aceite tão em profundidade, e por basear a sua análise em características mais intangíveis, e talvez por esse motivo mais estáveis, como são aquelas da cultura, é um texto que conserva até hoje a sua atualidade. Se, como escreve Ernest Renan, uma nação é formada eminentemente por duas

---

<sup>119</sup> ANTONIO CANDIDO, «Post-scriptum». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, p. LI.

coisas, «one is the possession in common of a rich legacy of memories; the other is present-day consent, the desire to live together, the will to perpetuate the value of the heritage that one has received in an undivided form»<sup>120</sup>, *Raízes do Brasil* exerce tanto a primeira quanto a segunda função, sendo, por um lado, um dos mais conhecidos livros da literatura brasileira (a memória coletiva) e oferecendo ao mesmo tempo uma proposta de interpretação do Brasil que age no presente da autorrepresentação dos brasileiros (o consenso atual). Por esses motivos, tornou-se um verdadeiro *topos* do discurso nacional.

A ensaística dos anos 1930 revolucionou a percepção de si da cultura brasileira e poderia parecer ter sido construída a partir de golpes de gênio; porém, ela é principalmente a tentativa da intelectualidade brasileira de enfrentar um contexto social e cultural em tumulto, onde a modernização e a urbanização tinham perturbado a antiga ordem rural e senhorial da sociedade. Por esse motivo, os ensaios desse período são filhos da conjuntura histórica em que vieram à luz. Por outro lado, são também herdeiros, seja em sentido de continuidade, seja de oposição, de uma tradição mais antiga de tentativas de descrever as características do Brasil e do caráter nacional. Já a partir do começo do século começara a intensificar-se a percepção da necessidade de repensar a situação nacional. A análise desses antecedentes pode ajudar a traçar um balanço mais acurado do contexto em que se insere o florescer ensaístico da década de 1930.

Remonta a 1905 o livro de Manuel Bomfim *A América latina: males de origem*, que com seu propósito de servir a Pátria, não através de um ufanismo vazio, mas destacando os seus atrasos e as suas fraquezas, poderia parecer o progenitor direto da produção buarqueana. É uma obra pouco conhecida, em relação ao seu valor, a de Bomfim, que parece a traços aproximar-se a um José Martí de outras latitudes. Mas também são esses, no começo do novo século, os anos de aparição das fadigas literárias de Euclides da Cunha, que com agudeza rara indagou os abismos da violência do poder republicano.

Porém a minha pretensão nessa sede é apresentar dois textos, mais próximos cronologicamente a *Raízes do Brasil*, que podem ser considerados os correlativos diretos de *Raízes do Brasil*. Trata-se de *Populações meridionais do Brasil* de Francisco José de Oliveira Viana, de 1920, e do *Ensaio sobre a música brasileira*, de Mário de Andrade, datado 1928. São exemplos opostos por sensibilidade e propósitos: se o texto de Viana é a

---

<sup>120</sup> ERNEST RENAN, «What is a Nation». In: Homi K. Bhabha, *Nation And Narration*, London: Routledge, 1990, p. 19.

epítome de uma perspectiva conservadora, aristocrática, regionalmente localizada e inextricável das teorias eugenéticas da elite positivista, a obra de Mário de Andrade, longe de ser um ensaio puramente técnico-musical, apresenta-nos uma posição, aquela do poeta modernista, marcada pela busca de uma cultura nacional unitária, que seja uma síntese das contribuições das suas componentes raciais.

A cena em que se insere a publicação do livro de Viana, como também a estreia do centelhante espetáculo do movimento modernista, é a Primeira República. A gestão do País, nesse período, era dirigida através da contratação entre os presidentes dos diferentes Estados, que fechavam acordos para a indicação de candidatos à presidência da República. Era um período de grande descentralização do poder, onde o partido republicano de cada Estado se organizava autonomamente. Neste contexto, uma grandíssima autoridade achava-se nas mãos de proprietários rurais que tinham um certo nível de independência nas suas posses e nas suas áreas de influência. A justificação do seu poder encontrava-se, para além da riqueza pessoal, no seu controle sobre os votantes e sobre o processo eleitoral. Essa supremacia tornava possível para os ruralistas adquirir os votos através de pequenas contrapartidas econômicas ou de ameaças.

Os latifundiários tinham, com efeito, um certo grau de monopólio do uso da violência. Eram definidos “coronéis” por causa da sua afiliação aos coronéis da antiga Guarda Nacional. Eles tinham o direito de asseguram a ordem nas suas posses, e frequentemente o usavam. A história da Primeira República é cheia de exemplos de violência, como os famosos acontecimentos de Canudos. Com esses pressupostos, o progresso social encontrava-se bloqueado pela mentalidade aristocrática que dominava as elites, onde a escravidão fundada na raça tinha-se mudado em discriminação baseada na classe social. Muitas foram as revoltas que se sucederam nos quarenta anos da República Velha, onde as rédeas do poder eram substancialmente detidas por um pequeno grupo de oligarcas. Nas palavras do historiador Boris Fausto:

À primeira vista, pareceria que o domínio das oligarquias poderia ser quebrado pela massa da população através do voto. Entretanto, devemos lembrar que o voto não era obrigatório e o povo, em regra, encarava a política como um jogo entre os grandes ou uma troca de favores. Seu desinteresse crescia quando nas eleições para presidente os partidos estaduais se acertavam, lançando candidaturas únicas, ou quando os candidatos de oposição não tinham qualquer possibilidade de êxito. A porcentagem de votantes oscilou entre um mínimo

de 1,4% da população total do país (eleição de Afonso Pena em 1906) e um máximo de 5,7% (eleição de Júlio Prestes em 1930).<sup>121</sup>

No plano cultural, a ideologia da República Velha era dominada pelo positivismo. Ao longo do tempo, a perspectiva liberal que tinha predominado no período imperial enfraquece-se, e surge uma nova doutrina de inspiração positivista denominada *castilhismo*. O castilhismo é uma doutrina conservadora, assim nomeada em honra do político rio-grandense Júlio de Castilho, que se distingue pelo traço moralista e pela ênfase na unidade e no poder do Estado.

Enquanto para o pensamento liberal o bem público resultava da preservação dos interesses dos indivíduos que abrangiam basicamente a propriedade privada e a liberdade de intercâmbio, bem como as chamadas liberdades civis, para Castilhos o bem público ultrapassa os limites dos interesses materiais dos indivíduos, para tornar-se impessoal e espiritual. O bem público se dá na sociedade moralizada por um Estado forte, que impõe o desinteresse individual em benefício do bem-estar da coletividade. É claro que este bem-estar se traduziu, a nível do Rio Grande do Sul, no fortalecimento do Estado sobre os indivíduos, com o desenvolvimento correspondente de uma sólida burocracia oficial.<sup>122</sup>

É uma doutrina, a castilhista, que terá grande ressonância nos anos 1930, sendo retomada pelo Integralismo de Plínio Salgado e pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, para além de estar em concordância com a tendência nacionalista em voga, naqueles anos, na Europa toda. A tramitar a filosofia de Júlio de Castilho para as décadas sucessivas contribuiu também a obra de Oliveira Viana, intelectual respeitado e que será eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1937.

Na sua monumental obra de 1920, *Populações Meridionais do Brasil*, Oliveira Viana ressalta a mesma necessidade castilhista de um Estado forte, centralizado e unitário. Os fundamentos sobre os quais edificar esse Estado ideal seriam as virtudes das populações do Brasil meridional, identificadas como mineiros, fluminenses e paulistas. Entre as virtudes dessas populações sulistas Olivéria Viana enumera «o espírito conservador, a têmpera moderada e cauta, a brandura de sentimentos»<sup>123</sup>. As populações do extremo sul e do Nordeste não seriam ideais para um projeto nacional estável, por causa da sua propensão à guerra e à rebeldia.

---

<sup>121</sup> BORIS FAUSTO, *História do Brasil*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 262.

<sup>122</sup> RICARDO VÉLEZ RODRÍGUEZ, *Castilhismo: uma Filosofia da República*, Editora do Senado Federal, Brasília, 2000, p. 157.

<sup>123</sup> OLIVEIRA VIANA, *Populações Meridionais do Brasil*, Brasília: Edições do Senado Federal, 2005, p. 407.

Na sua interpretação da história é indispensável a retidão do povo, mas ainda mais é central a qualidade da classe senhorial, verdadeiro eixo da nação. A *forma mentis* da aristocracia sulista seria caracterizada, na sua visão, por quatro virtudes principais: fidelidade à palavra dada, probidade, respeitabilidade, e sentimento da independência.<sup>124</sup> Para que se desenvolvessem essas qualidades, foi crucial a ação do “meio rural”. Só nas áreas rurais é que se pode formar e conservar uma mentalidade tradicionalista pura, que para Oliveira Viana é a precondição de qualquer virtude. Só fora da cidade os laços familiares tornam-se densos e estáveis:

Ora, o latifúndio isola o homem; o dissemina; o absorve; é essencialmente antiurbano. Nesse insulamento que ele impõe aos grupos humanos, a solidariedade vicinal se estiola e morre. Em compensação, a vida da família se reforça progressivamente e absorve toda a vida social em derredor. O grande senhor rural faz da sua casa solarenga o seu mundo. Dentro dele passa a existência como dentro de um microcosmo ideal: e tudo é como se não existisse a sociedade.<sup>125</sup>

Ela considera que a sociedade patriarcal das fazendas seja não só a fonte da nacionalidade brasileira, mas também a garantia do seu futuro desenvolvimento. Este ponto de vista é em flagrante contradição com a posição dos sociólogos modernistas, que baseiam suas análises nas cidades, então em plena expansão. Se nas zonas rurais a ordem social era cristalizada nas formas tradicionais que tinham mantido há séculos, embora com a significativa exceção do fim da escravidão, a cidade era o lugar da mudança. Era, além disso, o lugar onde concentrava-se a presença de mestiços: um elemento, para Viana, inconfiável e de instabilidade. Em cada lugar ele procura a estabilidade e a ordem.

Para Oliveira Viana, a organização familiar seria o eixo da formação do Brasil. É na evolução da família senhorial no meio rural que surgiu o fundamento de uma consciência da nacionalidade:

Essa poderosa aristocracia rural, que, depois da Independência, senhoreia o governo do país, traz do recesso das fazendas, onde obscura e lentamente se elabora, uma mentalidade própria, em cuja formação não é difícil descobrir e extremar as reações sutis do ambiente rural operando sobre a mentalidade da raça superior originária. Essa aristocracia constitui, como veremos, o centro de polarização dos elementos arianos da nacionalidade. Nos seus sentimentos e volições, nas suas tendências e aspirações, ela reflete a alma peninsular nas suas qualidades mais instintivas e estruturais. São realmente essas qualidades que formam

---

<sup>124</sup> OLIVEIRA VIANA, *Populações Meridionais do Brasil*, Brasília: Edições do Senado Federal, 2005, p. 101.

<sup>125</sup> *Ivi*, p. 43.

ainda hoje o melhor do nosso caráter. Com as tintas das suas peculiaridades é que se colocam, na intimidade da nossa consciência coletiva, os nossos mais recônditos ideais.<sup>126</sup>

O livro de Oliveira Viana fotografa a tentativa de resistência de um mundo, aquele senhorial e rural, que estava por perder o cetro da supremacia no País. Se ainda o censo de 1920 mostra como das 9,1 milhões de pessoas em atividade, o 69,7% se dedicava à agricultura, ao mesmo tempo crescia o peso das cidades. A população de São Paulo passou, entre 1890 e 1900, de 65 mil para 240 mil habitantes, com uma taxa de crescimento de 14% anual.<sup>127</sup> A de Oliveira Viana era a defesa de um mundo que estava tramontando.

Para Oliveira Viana o sistema republicano é fraco porque favorece o desenvolvimento excessivo dos regionalismos. As sociedades americanas, na sua visão, são ainda jovens e em formação: a principal ameaça para estas nações ainda fracas é a anarquia. Por esse motivo, a única forma de governo possível no Brasil, se se quer que ele conserve a sua unidade, é o conservadorismo e o autoritarismo de uma elite intelectual:

Esta é a solução racional, orgânica, essencialmente americana do problema da nossa organização política. Solução prática e concreta, em que se refletem todas as nossas necessidades nacionais. Para a sua efetuação, esta solução exige, porém, têmperas feitas para as grandes abnegações do patriotismo, isto é, capazes dessa coragem infinita: a de contravir ostensivamente às ideias de liberdade, que clareiam com a sua alvorada o horizonte da política europeia e que aqui são como o próprio oxigênio da atmosfera mental, que todos sofregamente respiramos.<sup>128</sup>

Na sua perspectiva, o momento de melhor funcionamento do governo brasileiro foi o período monárquico, já que a República, com a sua obsessão pelos valores liberais europeus, arriscava levar o país para a catástrofe. Com uma notável contorção do sentido comum, identifica o período de maior independência intelectual do país com o período da dominação colonial, em que o Brasil teria sido verdadeiramente si mesmo, aderente à sua realidade, enquanto o período pós-independência seria caracterizado pela subalternidade e pela imitação daquilo que acontece na nova metrópole: a Europa toda, com suas veleidades liberais. A esse propósito escreve:

O sentimento das nossas realidades, tão sólido e seguro nos velhos capitães-generais, desapareceu, com efeito, das nossas classes dirigentes: há um século vivemos politicamente

---

<sup>126</sup> OLIVEIRA VIANA, *Populações meridionais do Brasil*, Brasília: Edições do Senado Federal, 2005, p. 41.

<sup>127</sup> BORIS FAUSTO, *História do Brasil*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, pp. 281-286.

<sup>128</sup> OLIVEIRA VIANA, *Populações meridionais do Brasil*, op. cit., p. 404.

em pleno sonho. Os métodos objetivos e práticos de administração e legislação desses estadistas coloniais foram inteiramente abandonados pelos que têm dirigido o País depois da sua independência. O grande movimento democrático da revolução francesa; as agitações parlamentares inglesas; o espírito liberal das instituições que regem a República Americana, tudo isto exerceu e exerce sobre os nossos dirigentes, políticos, estadistas, legisladores, publicistas, uma fascinação magnética, que lhes daltoniza completamente a visão nacional dos nossos problemas. Sob esse fascínio inelutável, perdem a noção objetiva do Brasil real e criam para uso deles um Brasil artificial, e peregrino, um Brasil de manifesto aduaneiro, made in Europe – sorte do Cosmorama extravagante, sobre cujo fundo de florestas e campos, ainda por descobrir e civilizar, passam e repassam cenas e figuras tipicamente europeias.<sup>129</sup>

Não pode escapar ao leitor o substrato tendencialmente *saudosista* deste trecho, que, mais de condenar a imitação eurocêntrica em si, parece estigmatizar a importação de valores liberais no país, fonte de mudança social e anarquia. O tema do liberalismo parece o ponto de maior diferença com aquela que seria a posição de Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*. Onde Oliveira Viana exalta a família, a obediência ao patriarca, os laços diretos (coisas que Sérgio resumiria sob o termo cordialidade) como alicerce almejado da nação, e atribui aos valores impessoais do liberalismo de derivação Europeia um efeito destrutivo e caótico, identificando-os com a ideologia adotada pela República, Sérgio faz exatamente o contrário: para ele a mentalidade familiar na gestão da coisa pública é exatamente a causa do atraso do país, e os valores liberais da boa gestão norte-europeia seriam a solução: valores que infelizmente o Brasil ainda não tinha conhecido por causa da mentalidade familiar da elite republicana.

Com efeito, Sérgio parece construir *Raízes do Brasil* como contraponto mais ou menos direto às teorias de Oliveira Viana. Por um lado, a exaltação da tradição rural é substituída por Sérgio pela focalização na então crescente urbanização da sociedade. Por outro lado, ele recusa as teorias racistas e as conclusões positivistas que consideravam inevitável um crescente “branqueamento” da sociedade brasileira.

As teorias racistas de Oliveira Viana são apresentadas com clareza no capítulo VI de *Populações meridionais do Brasil*. Trata-se substancialmente de uma hierarquização da sociedade com base na raça. Para apresentá-las, será suficiente transcrever um pequeno trecho que descreve a evolução da sociedade na leitura de Oliveira Viana:

---

<sup>129</sup> OLIVEIRA VIANA, *Populações Meridionais do Brasil*, Edições do Senado Federal, Brasília, 2005, p. 53.



Toda a evolução histórica da nossa mentalidade coletiva outra coisa não tem sido, com efeito, senão um contínuo afeiçoamento, por meio de processos conhecidos de lógica social, dos elementos etnicamente bárbaros da massa popular à moral ariana, à mentalidade ariana, isto é, ao espírito e ao caráter da raça branca. Os mestiços superiores, os mulatos ou mamelucos, que vencem ou ascendem em nosso meio, durante o largo período da nossa formação nacional, não vencem, nem ascendem como tais, isto é, como mestiços, por uma afirmação da sua mentalidade mestiça. Ao invés de se manterem, quando ascendem, dentro dos característicos híbridos do seu tipo, ao contrário, só ascendem quando se transformam e perdem esses característicos, quando deixam de ser psicologicamente mestiços – porque se arianizam.

Na nota XXXIII ao terceiro capítulo de *Raízes do Brasil*, pouco conhecida porque só aparece na primeira edição do livro, tendo sido tirada a partir da edição de 1948, e que é agora possível recuperar graças à edição crítica, Sérgio refere-se diretamente à obra de Oliveira Vianna:

A teoria artificiosa e extravagante da “força centrífuga” é um dos aspectos de uma tese tendente a mostrar que as formas sociais instituídas em nosso meio, depois de algum tempo de colonização, resultam exclusivamente da ação tirânica do ambiente americano agindo sobre a gente de ultramar. Devemos essa teoria, tão própria para lisonjear a vaidade patriótica de numerosos brasileiros, ao sr. F. J. Oliveira Vianna.<sup>130</sup>

Na sua nota, Sérgio ataca a “obsessão do arianismo” e o “entusiasmo” de Oliveira Vianna pelas doutrinas racistas e selecionistas, destacando a necessidade de desenvolver um estudo das raízes do Brasil contemporâneo que tenha uma fundamentação mais objetiva:

Em todo o trabalho do sr. Oliveira Vianna, ainda se observa bem nítida a pretensão de fazer coincidirem, a qualquer preço, a verdade histórica e as teses de certa escola de sociólogos particularmente interessados em acentuar os caracteres étnicos antes como efeito do que como causa. E as teses desse tipo são ansiosamente acolhidas pelos que veem qualquer coisa de detestável nas condições em que se processou a nossa formação racial e, por isso mesmo, prefeririam que, comparado a outras influências, no caso presente a do chamado “meio cósmico” — o fator étnico pudesse ser considerado de importância secundária e até nula na constituição das sociedades. No fundo é o desejo de ver cientificamente confirmada a esperança de que a influência do ambiente nos seja, ao cabo, favorável, liquidando a herança étnica que ficou dos nossos antepassados.<sup>131</sup>

---

<sup>130</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.156.

<sup>131</sup> *Ivi*, p. 158.

Exatamente no lado oposto de Populações Meridionais do Brasil, em relação a esses temas, situa-se a obra de Mário de Andrade *Ensaio sobre a música Brasileira*. Testado de 1928, o ensaio pretende indagar as características da música popular brasileira que deveriam constituir, no projeto de marioandrino, a base para a criação de uma escola musical verdadeiramente nacional. O objetivo chave para a música brasileira, na visão de Mário, deve ser a fusão das diferentes componentes sociais do país numa unidade nova:

O que a gente deve mais é aproveitar todos os elementos que concorrem pra formação permanente da nossa musicalidade étnica. Os elementos ameríndios servem sim porque existe no brasileiro uma porcentagem forte de sangue guarani. [...] Os elementos africanos servem francamente si colhidos no Brasil porque já estão afeiçoados á entidade nacional. Os elementos onde a gente percebe uma tal ou qual influência portuguesa servem da mesma forma.<sup>132</sup>

A música nacional deve visar a ser original e a espelhar fielmente a identidade brasileira, não a satisfazer a opinião dos europeus. Um dos intentos cruciais de Mário de Andrade nesse ensaio é livrar a música brasileira de todos os aspetos exóticos. Para ele, o exotismo é uma simplificação feita para o uso e consumo dos críticos estrangeiros; é uma crítica que Mário move a algumas composições de Villa-Lobos, mesmo reconhecendo o seu génio. A nova música brasileira deve mirar a colher o essencial da alma brasileira, deve confrontar-se com a sua realidade atual.

Como a gente não tem grandeza social nenhuma que nos imponha ao Velho Mundo, nem filosófica que nem a Asia, nem econômica que nem a América do Norte, o que a Europa tira da gente são elementos de exposição universal: exotismo divertido. Na musica, mesmo os europeus que visitam a gente perseveram nessa procura do esquisito apimentado.<sup>133</sup>

O antídoto seguro para evitar uma música superficial e sem verdadeiro conteúdo artístico é apoiar-se no estudo científico e bem documentado do folclore e dos motivos musicais tradicionais. O compositor brasileiro deve concentrar-se nos temas populares de origem portuguesa e africana; já é diferente o caso da música indígena. Mário recusa aquelas interpretações que queriam encontrar só na tradição dos “aborígenes” quanto é legitimamente brasileiro. É, no fundo, uma crítica ao fenómeno do indianismo, de longa tradição oitocentista, que através da exaltação de um índio idealizado chega, afinal, a

---

<sup>132</sup> MÁRIO DE ANDRADE, *Ensaio sobre a Música Brasileira*, 3ª edição, São Paulo: Livraria Martins editora, 1972, p. 29.

<sup>133</sup> *Ivi*, p. 15.

apagar a verdadeira cultura deles e a marginalizar os índios reais. Com um olhar agudo e realístico, Mário reconhece que a participação indígena na cultura brasileira é de pequeno tamanho, porque o nativo «mesmo parando em nossa terra continua ameríndio e não brasileiro». Porque na realidade o índio sempre foi explorado e marginalizado; assim, «só mesmo depois de termos praticado os deveres globais que temos pra com ele é que podemos exigir dele a prática do dever brasileiro»<sup>134</sup>. O tema do folclore indígena seria uma das grandes paixões de Mário, que nos anos sucessivos organizaria várias viagens de pesquisa à Amazônia.

A maneira de unificar as diferentes componentes da alma nacional encontra-se, em campo musical, no canto coral, que permite harmonizar as diferenças. Porque a autêntica música brasileira tem que nascer não das idealizações identitárias de homens repletos de cultura estrangeirada: o seu fundamento deve ser uma expressão da realidade social e cultural do país profundo.

Uma arte nacional não se faz com a escolha discricionária e diletante de elementos: uma arte nacional já está feita na inconsciência do povo. O artista tem só que dar pros elementos já existentes uma transposição erudita que faça da música popular, música artística, isto é: imediatamente desinteressada.<sup>135</sup>

Ao mesmo tempo, o compositor brasileiro não deve ser um diletante, um amador que só conheça as tradições regionais: ele tem que ser um músico profissional e um intelectual que conheça a linguagem musical internacional e que saiba construir uma composição que cruze as várias tradições brasileiras numa unidade de nível elevado. Porque, segundo Mário, existe um estilo musical brasileiro, para além das diferenças regionais: a mesma mistura de doçura e melancolia, de ferócia e de amor une a música nacional de norte ao sul. Para o artista, convém dedicar-se a ela, dado que «A música popular brasileira é a mais completa, mais totalmente nacional, mais forte criação da nossa raça até agora».<sup>136</sup>

Com base nas propostas de leitura apresentadas, espero que a diferença entre as concepções de Mário de Andrade e Oliveira Viana ressalte claramente: se a identidade brasileira, segundo Oliveira Viana, é fundada na mentalidade da classe alta, o alicerce do

---

<sup>134</sup> MÁRIO DE ANDRADE, *Ensaio sobre a Música Brasileira*, 3ª edição, São Paulo: Livraria Martins editora, 1972, p. 16.

<sup>135</sup> *Ibidem*.

<sup>136</sup> *Ivi*, p. 24.

projeto de música brasileira, e por sinédoque de cultura nacional, de Mário de Andrade é o povo, considerado identicamente brasileiro independentemente das suas características sociais ou raciais. É nesse contexto ideológico e cultural que se insere a reflexão de Sérgio Buarque de Holanda sobre as raízes do Brasil.

### 3.3| Para uma necessária re-afinação de *Raízes do Brasil*

O mais celebrado livro de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, pode-se considerar o mais lido e comentado livro do pensamento social brasileiro, primado talvez contido só por *Casa-grande e Senzala* de Gilberto Freyre. Desde a sua publicação em 1936 até hoje se contam 27 edições brasileiras, duas edições italianas e até três edições japonesas (com o interessante e evocativo título “Cordialidade e aventura: Mundo latino”)<sup>137</sup>: percurso triunfal culminado com a publicação da edição crítica de 2016, que se põe como objetivo a recapitulação definitiva da complicada história de um texto sobre o qual se têm exercitados gerações de brasileiros, com êxitos e interpretações diferentes.

Isso porque *Raízes do Brasil* permanece, até hoje, uma obra discretamente controversa, que a consciência política brasileira tem digerido em maneira oscilante. Desde a inicial apropriação do conceito de *homem cordial* pelas tentativas de apologia proto-tropicalistas do Estado Novo, passando por décadas de exaltação como um “clássico de nascença” do “radicalismo”<sup>138</sup> popular brasileiro, como uma terceira via entre o conservadorismo de Gilberto Freyre e o marxismo de Caio Prado Júnior, segundo a magistral leitura de Antonio Candido<sup>139</sup>, até as mais recentes observações que destacam como a fama de *Raízes* se deveria tanto a Sérgio, quanto ao mesmo Cândido, que dele teria criado um “mito”<sup>140</sup>, exagerando a leitura democrática da edição de 1936, a obra de Sérgio Buarque de Holanda tem sido ao longo das décadas um verdadeiro pomo da discórdia para os intérpretes do Brasil.

Por essas razões, sentiu-se a necessidade, desde o começo do novo milênio, de uma edição crítica que não tem uma finalidade puramente celebrativa, mas responde a uma necessidade séria de voltar ainda uma vez ao texto, tentando fazer ordem na pletora de interpretações de uma obra que, não obstante o seu envelhecimento, evidente em alguns

---

<sup>137</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 480.

<sup>138</sup> ANTONIO CANDIDO, «Post-scriptum» (1986). In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. LI.

<sup>139</sup> ANTONIO CANDIDO, «O significado de *Raízes do Brasil*» (1967). In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, op. cit., p. XXXIX.

<sup>140</sup> LUIZ FELDMAN, «Um clássico por amadurecimento», *RBCS*, vol. 28, n° 82, junho 2013, p. 119.

aspectos, continua despertando o ânimo dos críticos e que permanece até hoje, paradoxalmente, de absoluta atualidade.

A variedade das possíveis interpretações de *Raízes do Brasil* nasce, se repararmos bem, da mesma postura de Sérgio, que no texto assume uma posição destacada, quase tecnocrática, como já tinha reparado Antonio Candido, que define a atitude do autor como «aparentemente desprendida e quase remota»<sup>141</sup>, salvo depois corrigir o tom, acrescentando que se trataria simplesmente de uma «parcimoniosa elegância, um rigor de composição escondido pelo ritmo despreocupado e às vezes sutilmente digressivo, que faz lembrar Simmel e nos parecia um corretivo à abundância nacional». A verdade, porém, é que a proposta de Sérgio, tão poderosa e fundamentada quando se trata de demolir as características arcaizantes e ineficientes da sociedade brasileira do seu tempo, parece ser muito mais carente no aspecto construtivo, tomando uma posição elíptica quando se trata de apresentar soluções para sair do empasse do atraso nacional.

Citando as palavras de um viajador norte-americano, Sérgio chega a escrever que «Os brasileiros estão hoje expiando os erros dos seus pais, tanto quanto os próprios erros. A sociedade foi malformada nesta terra, desde as suas raízes. Se as classes cultas se acham isoladas do resto da nação, não é por culpa sua, é por sua desventura», acrescentando que «é talvez de uma revolução que precisa a América do Sul». Mas não teria que ser «uma revolução horizontal, simples remoinho de contendas políticas, que servem para atropelar algumas centenas ou milhares de pessoas menos afortunadas. O mundo está farto de tais movimentos. O ideal seria uma boa e honesta revolução, uma revolução vertical e que trouxesse à tona elementos mais vigorosos, destruindo para sempre os velhos e incapazes».<sup>142</sup> Uma transformação não violenta, então, que não saísse dos limites da democracia, mas que trouxesse novos elementos à política, fora do esquema oligárquico. Mas apenas um capítulo antes Sérgio tinha explicado que seria uma miragem pensar que uma alfabetização massiva do povo (remédio progressista príncipe contra a desigualdade social<sup>143</sup>)

---

<sup>141</sup> ANTONIO CANDIDO, «O significado de *Raízes do Brasil*». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. XL.

<sup>142</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 135.

<sup>143</sup> Era também a tese de Manuel Bomfim. O tema é enfrentado, na linha traçada por Sérgio, por Antonio Candido, no ensaio «Literatura e subdesenvolvimento». In: *Educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo: editora Ática, 1989, p. 143.

resolveria os problemas do país, porque seu obstáculo principal, que é o personalismo, permaneceria:

Não têm conta entre nós os pedagogos da prosperidade que, apegando-se a certas soluções onde, na melhor hipótese, se abrigam verdades parciais, transformam-nas em requisito obrigatório e único de todo progresso. É bem característico, para citar um exemplo, o que ocorre com a miragem da alfabetização do povo. Quanta inútil retórica se tem desperdiçado para provar que todos os nossos males ficariam resolvidos de um momento para outro se estivessem amplamente difundidas as escolas primárias e o conhecimento do abc. Certos simplificadores chegam a sustentar que, se fizessemos nesse ponto como os Estados Unidos, “em vinte anos o Brasil estaria alfabetizado e assim ascenderia à posição de segunda ou terceira grande potência do mundo!”<sup>144</sup>

Ao ponto que o amigo e colega modernista Sérgio Milliet, na recensão do livro saída no jornal *Estado de São Paulo*, depois de ter louvado a obra, diria que «nada apresenta de positivo», e acrescentaria:

Dirão que a crítica é extemporânea e que o autor não pretendeu resolver coisa alguma, mas tão somente fazer sua contribuição para o melhor conhecimento do Brasil. Concordamos. Vamos mais longe: admiramos a prudência da análise e o ceticismo sereno das suas considerações. Desejaríamos, porém, encontrar numa obra tão bem pensada e escrita alguns princípios norteadores, úteis para os que se preparam para o governo de amanhã, e no escritor de primeira grandeza, que o livro revela, uma dessas almas de líder que tanto carecemos.<sup>145</sup>

Tanto que o livro tem sido considerado um dos inauguradores nobres de uma linha de pensamento sobre o Brasil que se caracterizaria quase como uma teologia negativa, uma interpretação, quer dizer, que apresentaria, mais de que uma lista de traços caracterizadores efetivamente presentes de uma identidade, um elenco de queixas, uma “arqueologia da ausência”, uma articulação, afinal, dolente das faltas do país que o afastam do padrão das nações civilizadas: é o mito das más raízes lusitanas.<sup>146</sup>

É uma personalidade, aquela de Sérgio, que sempre acompanhou a uma crítica corrosiva, tanto social quanto literária, uma certa reticência em apresentar soluções preconcebidas, novos padrões, afinal, ideologias: ele permanece, no fundo, o mesmo autor que

---

<sup>144</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 123.

<sup>145</sup> SÉRGIO MILLIET, «Raízes do Brasil» (artigo), *O Estado de S. Paulo*, 18 nov., 1936. [Arquivo Central da Unicamp/Siarq – Fundo Sérgio Buarque de Holanda].

<sup>146</sup> JOÃO CESAR DE CASTRO ROCHA, «Nenhum Brasil existe: Poesia como história cultural». In: João Cesar de Castro Rocha – Valdeí Lopes de Araujo (org.), *Nenhum Brasil Existe – Pequena enciclopédia*, Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p. 23.

se embarcara na velha *querelle* contra a “construção” no artigo *O lado oposto e os outros lados*. Uma tendência a recusar todos os “ideais prefixados” que não desaparece em *Raízes do Brasil*, tanto que, falando (mal) dos teóricos positivistas brasileiros, Sérgio escreveria:

É curioso notar-se que os movimentos aparentemente reformadores, no Brasil, partiram quase sempre de cima para baixo: foram de inspiração intelectual, se assim se pode dizer, tanto quanto sentimental. Nossa independência, as conquistas liberais que fizemos durante o decurso de nossa evolução política vieram quase de surpresa; a grande massa do povo recebeu-as com displicência, ou hostilidade. Não emanavam de uma predisposição espiritual e emotiva particular, de uma concepção da vida bem definida e específica, que tivesse chegado à maturidade plena. Os campeões das novas ideias esqueceram-se, com frequência, de que as formas de vida nem sempre são expressões do arbítrio pessoal, não se “fazem” ou “desfazem” por decreto.<sup>147</sup>

Afinal, é esse o “radicalismo” democrático que Sérgio Buarque de Holanda sempre testemunhou e pelo qual viveu. Fora dos preconceitos e das ideologias, fora de um pensamento da “elite intelectual”, seja também revolucionaria, ele recusa-se a “forçar” o movimento da história numa direção ou na outra.

Nesse sentido, a maior intuição da magistral introdução de Antonio Candido permanece ter entendido que o rumo seguido por Sérgio em *Raízes do Brasil* é um rumo mediano entre dois extremos: a sua visão não é popular no sentido em que exalta as virtudes do povo (a imagem do qual, ao contrário, traça com cáustico realismo), mas no sentido em que se propõe de proteger o direito da maioria a fazer a sua escolha e a decidir do próprio destino, contra as tentativas das aristocracias ou dos caudilhos de turno de enderecá-lo numa direção que não seja uma evolução natural da sua natureza íntima.

Porque a proposta de Sérgio, em *Raízes do Brasil*, é substancialmente esperar: esperar que a “nossa revolução”, começada com a abolição da escravidão<sup>148</sup> e que se estava concretizando nos seus tempos no processo de urbanização, chegasse a cumprimento, e descobrir se essa nova organização da vida e da sociedade teria abolido aquele “personalismo”, que o Sérgio de 1936 percebia como uma herança da civilização agrária patriarcal, abrindo o rumo para o verdadeiro liberalismo de tipo anglo-saxónico que ele

---

<sup>147</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 119.

<sup>148</sup> *Ivi*, p. 41. «Com pouco exagero pode dizer-se que tal situação não se modificou essencialmente até à Abolição. O 1888 representa o marco divisório entre duas épocas; em nossa evolução nacional, essa data assume significado singular e incomparável».



considerava o pressuposto necessário para uma verdadeira democracia. Uma visão que a experiência de vida sucessiva de Sérgio teria moderado, revelando-lhe que o personalismo pode existir mesmo numa civilização urbana, mas levando-lhe ao mesmo tempo a esperança de que pode existir a verdadeira democracia no Brasil, mesmo no contexto sociologicamente e normativamente excêntrico dos trópicos.

### 3.4| «Caya onde cahir»: um país “a Deus dará”

“O estilo há de ser muito fácil, & muito natural. Por isso que Cristo comparou o pregar ao semear: *Exiit, qui seminat, seminare*. Compara Cristo o pregar ao semear, porque o semear é uma arte, que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte: na Musica tudo se faz por compasso; na Arquitetura tudo se faz por regra; na Aritmética tudo se faz por conta; na Geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte: caia onde cair. Vede como semeava o nosso lavrador no Evangelho. Caía o trigo nos espinhos, e nascia.”<sup>149</sup> (Padre António Vieira, *Sermão da Sexagésima*)

O debate sobre a essência da brasilidade e a busca da raiz originária da cultura nacional já tinha atingido, em meados da década de '30, um tamanho discreto. Desde as hipérboles do indianismo, passando pelo começo de um reconhecimento da importância do elemento africano por obra dos modernistas, até as mais recentes interpretações que valorizavam, vagamente, o elemento branco-europeu, esse debate não tinha sido isento de tentações ideológicas. É por esse motivo que resulta de particular importância, embora possa parecer tautológica, a escolha de Sérgio Buarque de Holanda de apontar fortemente no elemento ibérico-português o eixo fundamental da cultura nacional brasileira.

Esse ato introdutivo tem alguns êxitos imediatos para a sucessiva interpretação do país. Em primeiro lugar, tendo como ponto de partida uma substância *portuguesa*, Sérgio destaca que existe uma persistência dos traços herdados da metrópole. Contra as interpretações simplistas e ufanistas que queriam apresentar o “Grito de Ipiranga” como uma palingênese, a interpretação de Sérgio salienta a continuidade dos efeitos de certas más raízes, continuidade que a crítica contemporânea poderia chamar de *colonialidade*.

Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspetos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> PADRE ANTÔNIO VIEIRA, «Sermão da Sexagésima». In: *Sermões*, Lisboa, 1679, p. 27.

<sup>150</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 3.

Em segundo lugar, reconhecendo a existência de uma categoria como aquela de *iberismo*, *Raízes do Brasil* tende a tecer um laço entre Portugal e Espanha, e, consequentemente, entre as colônias portuguesas e espanholas. O resultado é situar fortemente a situação brasileira num mais amplo contexto latino-americano.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário.<sup>151</sup>

Fato não pleonástico, se considerarmos que existe, nas tradições historiográficas das culturas lusófonas, uma tendência a um certo excepcionalismo, que a visão de Sérgio, sempre orientada por uma mentalidade acentuadamente realista, visa a excluir.

Segundo a leitura histórica de Sérgio, o Brasil teria recebido em dote uma dádiva, verdadeira caixa de Pandora, de cada um dos dois contextos que o originaram. Do contexto geral ibérico teria herdado uma atitude aventureira à exploração e aos feitos da vida, contraposta, segundo Sérgio, a uma ética do trabalho, típica dos países do norte da Europa. É um traço, este, estritamente ligado com o aspecto do personalismo, que mais uma vez distingue os países de cultura ibérica dos países germânicos e anglo-saxônicos, onde as relações pessoais e econômicas são reguladas mais por normas abstratas e impessoais de que por laços de amizade (ou inimizade). Este aspecto da análise de Sérgio foi influenciado, com evidência, pela frequência da sociologia de Weber, especialmente da sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, que ele tinha conhecido na sua estadia na Alemanha no começo da década.

Além disso, do contexto específico português o Brasil teria recebido um traço que o diferencia dos países de descendência hispânica: se estes países mostram, nas suas linhas de fundação essenciais, os signos de um poder que quer enformar o espaço, que quer ordenar um caos original com uma ação acentuadamente antrópica, o Brasil expõe uma ideia matricial menos ambiciosa, menos utópica, mais realista afinal, que se adapta às imposições da natureza. É aquele que Sérgio chama *desleixo*, encontrando nele uma das

---

<sup>151</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 3.

palavras chaves das culturas lusófonas, quase ao mesmo nível de *saudade*<sup>152</sup>. Será um tema, aquele do naturalismo típico da mentalidade portuguesa na época dos descobrimentos (e no Brasil contemporâneo), que irá fundar a análise de Visão do Paraíso.

No célebre “Sermão da Sexagésima”, pronunciado em 1655 na capela real, em Lisboa, lembra Antônio Vieira que o pregar é em tudo comparável ao semear, “porque o semear he hua arte que tem mays de natureza que de arte; caya onde cahir”. Pensamento cujas raízes parecem mergulhar no velho naturalismo português.<sup>153</sup>

A mentalidade portuguesa (e, seguindo o raciocínio de Sérgio, a mentalidade das colônias que dela surgiram), nessa exegese do texto vieiriano, seria mais propensa, afinal, a confiar na intervenção da sorte ou da providência para assegurar o sucesso da aventura humana; uma atitude que poderia ser resumida na locução popular *a Deus dará*.

Essas duas características chaves de aquele que é, para Sérgio, o caráter nacional brasileiro, nomeadamente *aventura e desleixo*, são explanados inserindo-os em pares dialéticos, que correspondem, respetivamente, aos títulos do segundo e do quarto capítulo: trata-se de “Trabalho & Aventura”, e o “Semeador & o Ladrilhador”. A importância dessa estrutura dialética, que confere a *Raízes do Brasil* uma força e uma eficácia rara entre os ensaios historiográficos, porque provém de um domínio que é mais aquele da literatura propriamente dita, e que iria ter uma grande fortuna na crítica brasileira, é confirmada no prefácio da segunda edição, onde Sérgio informa-nos que dividiu o original segundo capítulo, chamado “o passado agrário”, em duas partes, exatamente para destacar essa oposição<sup>154</sup> entre semeador e ladrilhador.<sup>155</sup>

Focalizamo-nos, em primeiro lugar, sobre o conceito de aventura. Para o tipo humano do aventureiro, segundo Sérgio, o objetivo final e ideal, mira de todos os esforços, seria “colher o fruto sem plantar a árvore“. Na sua ética «as energias e esforços que se

---

<sup>152</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 76. «A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma providência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra “desleixo” — palavra que o escritor Aubrey Bell considerou tão tipicamente portuguesa como “saudade” e que, no seu entender, implica menos falta de energia do que uma íntima convicção de que “não vale a pena”».

<sup>153</sup> *Ivi*, pág. 99.

<sup>154</sup> Embora o próprio S.B.H esclarecesse que «não há, em verdade, quanto uma oposição absoluta quanto uma incompreensão radical». *Ivi*, p. 14.

<sup>155</sup> *Ivi*, (prefácio à 2ª edição), p. LIII: «Sobre as mudanças simplesmente exteriores ou formais agora introduzidas no livro, cabem ainda algumas palavras. Dois capítulos, o 3 e o 4, que na primeira edição traziam um título comum — “O passado agrário” —, passaram a chamar-se, respetivamente, “Herança rural” e “O semeador e o ladrilhador”, denominações estas que melhor se ajustam aos conteúdos, pelo menos aos conteúdos atuais, dos mesmos capítulos».

dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos [...] As energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por vícios e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador».<sup>156</sup>

O espírito de aventura, o gosto do ganho rápido e sem esforço seria, então, aquele ideal que teria movido os descobridores/conquistadores a buscar fantasmáticos tesouros de ouro e prata no Novo mundo. Mas seria também aquela cobiça que teria levado à implantação, no Brasil, de uma agricultura atrasada, de uma “lavoura de tipo predatório”<sup>157</sup> que não utilizava o arado até os tempos mais recentes, confiando na queimada de amplos traços de florestas numa perspectiva quase nomádica, em vez de empreender a via de uma bem organizada traslação das mais modernas técnicas produtivas europeias para o Brasil. Inovações que, porém, teriam precisado de longos tempos de aplicação, ética do trabalho e sedentariedade: quer dizer, exatamente o contrário do espírito aventureiro.

O gosto pela aventura acomuna as experiências colonizadoras ibéricas de Portugal e Espanha. Mas as duas trajetórias históricas são separadas pelas concepções de ordem que os governos das duas metrópoles impõem nos territórios recém-descobertos. Se, por um lado, a coroa de Espanha, habituada desde a sua fundação a lidar com a diversidade interna dos seus súditos, herança dos antigos reinos peninsulares, tinha o hábito de instituir leis que padronizavam rigidamente a vida nas novas colônias, a organização do recém-nascido Brasil foi deixada ao acaso, à providência, e ao engenho dos seus habitantes.

A tendência caótica do colonizador português tinha, ao mesmo tempo, causas culturais e materiais: ele exibia «uma aversão congênita a qualquer ordenação impessoal da existência, aversão que, entre os portugueses, não encontrava corretivo na vontade de domínio, sujeita aos meios relativamente escassos de que dispunham como nação, nem em qualquer tendência pronunciada para essa rigidez ascética a que a própria paisagem áspera de Castela já parece convidar os seus naturais e que se resolve, não raro, na inclinação para subordinar esta vida a normas regulares e abstratas.»<sup>158</sup>

Em lugar nenhum essa diferença de estilos emerge mais claramente que na organização das cidades: onde o castelhano prezava a regularidade e a simetria, o português

---

<sup>156</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 13.

<sup>157</sup> *Ivi*, p. 36.

<sup>158</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 188.

construía sem rigor nem método, com desleixo, palavra que indica uma “convicção íntima de que não vale a pena”, porque a sua cidade «não é produto mental, não chega a contrair o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem.»<sup>159</sup>

Essa modéstia, essa renúncia a idealizar e controlar a natureza, não é simplesmente descuido: é o desvendar-se de um realismo fundamental, que aceita a vida na sua irresolúvel imprevisibilidade, sem ilusões ou impaciências, e sobretudo sem a pretensa de encaixá-la em códigos ou regras formais. Mas também em utopias que não sejam de alcance limitado, que não sejam uma simples repetição de convenções e estereótipos.

Poderia parecer uma sentença de morte para a colonização portuguesa, mas a história mostra-nos que esse modelo foi aquele que se revelou vencedor, como o fracasso da experiência holandesa certifica. Isso aconteceu porque o modelo português e espanhol se demonstrou mais apropriado para situar-se nos trópicos, por causa das suas maiores capacidades de adaptação.

Estamos aqui no centro de um dos temas cruciais para a cultura brasileira. Essa adaptação, ou capacidade de adaptação, seria a base para a miscigenação e para a conceição de uma cultura brasileira como resultado de uma recíproca influência entre dominadores e subalternos. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, a causa dessa possibilidade seria o personalismo da sociedade portuguesa. O personalismo, ou seja, a atitude a favorecer os vínculos pessoais, de amizade ou familiares, a dano de uma relação normada por laços impessoais e racionais, especialmente na política ou nos negócios, é um traço que Sérgio Buarque de Holanda encontra já na sociedade portuguesa da época dos descobrimentos. Por causa da tendência a exaltar a relação direta entre as pessoas, a identidade de classe da nobreza portuguesa teria sido fraca: ela foi sempre porosa nos confrontes da nascente burguesia. Isso poderia parecer uma coisa boa, se o resultando não fosse um nivelamento da consciência de si dos burgueses nos moldes da nobreza, com a conseguinte perda de todo o potencial revolucionário da “classe média”.

Os resultados dessa resolução “cordial” da dialética entre as classes permaneceriam até os dias do autor, que encontra os signos dele na fraqueza histórica, no Brasil, das corporações e das organizações sindicais, devida a uma falta de cooperação. Nessas situações, o “homem cordial” tentaria antes de tudo uma contratação amigável com o poder,

---

<sup>159</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 195.

buscaria uma mediação que o facilite como indivíduo, ao contrário de tentar melhorar sistematicamente a organização da sociedade. Por essas razões Sérgio considera o “particularismo” como um obstáculo ao melhoramento do país.

A manifestação normal do respeito em outros povos tem aqui sua réplica, em regra geral, no desejo de estabelecer intimidade.<sup>160</sup>

Para ele, personalismo, oligarquia e atraso rural são um todo único: ao contrário seria necessária uma organização social impessoal e superior as vontades individuais porque houvesse verdadeiro progresso e democracia:

O Estado não é ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo. Não existe, entre o círculo familiar e o Estado, uma gradação, mas antes uma descontinuidade e até uma oposição. A indistinção fundamental entre as duas formas é prejuízo romântico que teve os seus adeptos mais entusiastas durante o século dezanove. De acordo com esses doutrinadores, o Estado e as suas instituições descenderiam em linha reta, e por simples evolução, da família. A verdade, bem outra, é que pertencem a ordens diferentes em essência. Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade. Há nesse fato um triunfo do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo, e não uma depuração sucessiva, uma espiritualização de formas mais naturais e rudimentares, uma procissão das hipóstases, para falar como na filosofia alexandrina. A ordem familiar, em sua forma pura, é abolida por uma transcendência.<sup>161</sup>

Esse elogio de um Estado poderoso, de alguma maneira, pode estranhar a nossa sensibilidade contemporânea. E é verdade que *Raízes do Brasil*, é, em suma, filho do espírito do seu tempo. Porém, na época em que saiu a primeira edição de *Raízes do Brasil*, a “opressão” no Brasil ainda tinha a cara particularista e rural da “república dos coronéis”.

É, de toda maneira, um aspeto que não deixou de turbar quantos se aproximam ao livro depois da leitura da introdução “progressista” de Antonio Candido, quer dizer, com a imagem do Sérgio das décadas sucessivas. É uma incompreensão que tem sido abordada pelos críticos mais recentes. Pedro Meira Monteiro, no seu ensaio *Signo e desterro*:

---

<sup>160</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 108.

<sup>161</sup> *Ivi*, p. 101.

*Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*, comenta assim a conjuntura histórica dos anos 1930, período dominado pelo conservadorismo a nível mundial:

Não é possível sacar *Raízes do Brasil* de seu próprio tempo: o entreguerras e a aurora do pacto populista, quando a organicidade do Estado e a autonomia do indivíduo eram questões embaraçosas, das quais ninguém podia seriamente desviar-se.<sup>162</sup>

Para Sérgio, um estado bem organizado e “de ninguém” era a solução contra o domínio da oligarquia, que é «o prolongamento do personalismo no espaço e no tempo»<sup>163</sup>, e contra o fenômeno do caudilhismo, de governantes “providenciais e irresponsáveis” que «representam, no melhor caso, um disfarce grosseiro, não uma alternativa, para a anarquia.»<sup>164</sup>. Ele parece compartilhar a opinião platônica segundo a qual o tirano seria o máximo da corrupção, enquanto representaria o total domínio do arbítrio, a máxima distância de um princípio ordenador.

O objetivo de um estado imparcial e moderno não é, na leitura que Sérgio Buarque de Holanda apresenta-nos em *Raízes do Brasil*, um impedimento para a democracia; pelo contrário, é uma barragem contra a hegemonia dos grandes donos rurais:

Na verdade, a ideologia impessoal do liberalismo democrático jamais se naturalizou entre nós. Só assimilamos efetivamente esses princípios até onde coincidiram com a negação pura e simples de uma autoridade incômoda, confirmando nosso instintivo horror às hierarquias e permitindo tratar com familiaridade os governantes. A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas.<sup>165</sup>

Alvo de *Raízes do Brasil*, se de alvo se pode falar, para uma obra que tenta ser técnica e ficar distante da intervenção direta na política, revela-se então a modernização do país. Modernização que Sérgio confia àquela revolução, começada com a abolição da escravidão, que no seu pensamento teria levado à urbanização e ao tramontar da velha ordem patriarcal e rural da sociedade.

---

<sup>162</sup> PEDRO MEIRA MONTEIRO, *Signo e desterro – Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*, São Paulo: HUCITEC editora, 2015, p. 168.

<sup>163</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 138.

<sup>164</sup> *Ivi*, p. 138.

<sup>165</sup> *Ivi*, p. 121.



### 3.5| O Homem Cordial: o equívoco da bondade e reflexos para uma compreensão do colonialismo português.

O mais conhecido legado de *Raízes do Brasil* é a tão eficaz quanto equivocável fórmula do “homem cordial”. Uma fórmula que foi imediatamente mal-entendida, tendo sido apropriada antes por teóricos do Estado Novo, depois como justificção da ideologia luso-tropicalista, fato que obrigou o próprio Sérgio a embarcar-se numa longa tentativa de esclarecer e de livrar das idealizações hiperbólicas esse termo com que ele está amarrado. A mesma história de *Raízes do Brasil*, ao longo das suas edições, está, no fundo, ligada ao desejo do autor de se distanciar dessas interpretações apologéticas da cordialidade. Polêmicas que, apesar dos seus esforços, continuaram até os nossos dias, figurado como uma das razões principais que levaram à composição da edição crítica de *Raízes*. Vejamos então o trecho incriminado:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal.<sup>166</sup>

Como mais tarde o autor explicaria difusamente, “cordialidade”, na sua utilização, não é um sentimento, não significa nem “bondade”, nem “polidez”: trata-se de uma praxe social que, conforme a sua descendência etimológica do latim *cor*, nasce do coração, sem a mediação da razão ou a obediência a uma estrutura social hierarquizada: é uma declinação do personalismo brasileiro.

Cabe aqui informar ao leitor que o contexto em que essa afirmação se encaixa é uma discussão sobre a presença (ou melhor, sobre a ausência) de sentido do Estado, no seu sentido superior e impessoal, na sociedade brasileira, um vazio preenchido pela lealdade aos laços de amizade e às estruturas familiares. Uma dicotomia que Sérgio explicita através da referência às figuras trágicas de Creonte e Antígona, inconciliáveis nos seus

---

<sup>166</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 106.

antinômicos pertencimentos a diferentes ordens de discurso, o primeiro tudo dado a uma implacável razão de estado, a segunda inabalável na sua necessidade de subordinar o plano público ao seu dever de sepultar o irmão defunto. Algumas linhas antes, a propósito, o autor tinha-nos informado que:

No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar — a esfera, por excelência, dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e de coração — está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. Isso ocorre mesmo onde as instituições democráticas, fundadas em princípios neutros e abstratos, pretendem assentar a sociedade em normas antiparticularistas.<sup>167</sup>

Para Sérgio, a cordialidade está ligada ao personalismo de descendência ibérica: longe de ser uma qualidade desejável, esse traço leva à impossibilidade da aplicação imparcial das leis, e à ausência, na política, que aquele que ele chama “liberalismo”, pressuposto de uma efetiva democracia.

A discussão poderia fechar-se aqui. Mas assim não foi. Afinal, “lhaneza no trato, hospitalidade, generosidade” traços que Sérgio põe como pertencentes ao caráter brasileiro, são indiscutivelmente ótimas qualidades. E o mesmo Sérgio nos tinha explicado, no começo do livro, que o modelo de colonização português, embora imperfeito e carentes em comparação com o padrão holandês, baseado na ética do trabalho, foi aquele mais apto a instaurar-se nos trópicos: uma prova de vitalidade que o próprio autor reconhece.

Eis aqui que se insere a apropriação, em substancialmente ufanista, de Cassiano Ricardo, que desencadearia um vórtice de respostas sucessivas. Em 1940 Ricardo, então membro, desde 1937, da Academia, publicou para a Coleção Documentos Brasileiros da editora José Olympio, então dirigida por Gilberto Freyre, o livro *Marcha para Oeste-Influências da Bandeira na formação Social e Política do Brasil*<sup>168</sup>. Era a publicação n°

---

<sup>167</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 106.

<sup>168</sup> FÁBIO FRANZINI, *À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)* (tese de doutorado), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. p. 217.

25 da mesma iniciativa editorial que se abria, quatro anos antes, com *Raízes do Brasil*. O tema da bandeira como ação fundadora de um “certo” Brasil é um tema que acomuna os dois autores paulistas.

Em *Raízes do Brasil*, a imagem de São Paulo que Sérgio nos apresenta é aquela de um lugar onde as más raízes do antigo personalismo ibérico são mais fracas, fraqueza atávica que teria como prova a difusão da língua geral por todo o Século XVII<sup>o</sup>. Essa “diversidade” de São Paulo do resto do Brasil causaria o seu maior dinamismo, seja no campo econômico, onde a cidade tinha se tornado pioneira de uma cultura, aquela do café, que tinha enfraquecido a primordial ordem patriarcal do engenho, seja no seu natural olhar para o interior, com o fenômeno bandeirante, ao contrário do resto do país, arranhado “como caranguejos”<sup>169</sup> à costa atlântica.

É claro que a interpretação de “homem cordial” que podia dar Cassiano Ricardo, que mais tarde falaria de “raça cósmica”<sup>170</sup> brasileira, salvo destacar, contemporaneamente, uma forte hierarquização da sociedade em sentido conservador, não podia ser congruente com a definição de Sérgio, segundo o qual a cordialidade era um obstáculo à modernização e ao melhoramento do país. Talvez seja este o fato que o levaria a tratar em profundidade o fenômeno das bandeiras nos seus ensaios sucessivos *Monções* (1945) e *Caminhos e Fronteiras* (1957). Na segunda edição de *Raízes do Brasil*, de 1948, Sérgio acrescentaria uma nota ao famoso trecho sobre o homem cordial, onde explicaria a definição em contraste com as teorias de Cassiano Ricardo:

A expressão é do escritor Ribeiro Couto, em carta dirigida a Alfonso Reyes e por este inserta em sua publicação *Monterey*. Não pareceria necessário reiterar o que já está implícito no texto, isto é, que a palavra “cordial” há de ser tomada, neste caso, em seu sentido exato e estritamente etimológico, se não tivesse sido contrariamente interpretada em obra recente de autoria do sr. Cassiano Ricardo onde se fala no homem cordial dos aperitivos e das “cordiais saudações”, “que são fechados de cartas tanto amáveis como agressivas”, e se antepõe à cordialidade assim entendida o “capital sentimento” dos brasileiros, que será a bondade e até mesmo certa “técnica da bondade”, “uma bondade mais envolvente, mais política, mais assimiladora”.[...] Feito este esclarecimento e para melhor frisar a diferença, em verdade fundamental, entre as ideias sustentadas na referida obra e as sugestões que propõe o presente trabalho, cabe dizer que, pela expressão “cordialidade”, se eliminam

---

<sup>169</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 83. Citação de Frei Vicente de Salvador.

<sup>170</sup> CASSIANO RICARDO, «O negro tomou parte no Bandeirismo?» In: *Revista Brasileira*, Academia Brasileira de Letras, p. 76. «carvão humano chegava em cargueiros, para a oficina das raças. Adubos pretos para a fecundação de nossa democracia biológica. Plantas negras cujas raízes quentes mergulhariam bem fundo, no fundo da raça cósmica».

aqui, deliberadamente, os juízos éticos e as intenções apologéticas a que parece inclinar-se o sr. Cassiano Ricardo, quando prefere falar em “bondade” ou em “homem bom”. Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado. Pertencem, efetivamente, para recorrer a termo consagrado pela moderna sociologia, ao domínio dos “grupos primários”, cuja unidade, segundo observa o próprio elaborador do conceito, “não é somente de harmonia e amor.”<sup>171</sup>

O pomo da discórdia é, aqui, decidir se pertenceria ao homem cordial o atributo da “bondade”, termo tão equivocável em sentido apologético e celebrativo, como a experiência do nosso dito “italiani brava gente” pode comprovar. E são estes discursos, por mais que possam parecer distantes, baseando-se num critério cartográfico, que tocam profundamente as cordas das nossas latitudes.

Nesse sentido, o recurso de Sérgio a um termo pouco transparente como “cordialidade”, que se justifica só através do recurso, tortuoso, à etimologia, parece ser o “pecado original” do nosso autor, que deu origem a toda essa sucessão de equívocos. Por outro lado, a escolha do termo esquisito, indireto, que precisa ser glosado pela referência às ciências sociais, tem dificultado a sua apropriação plena pelo discurso simplificador das ideologias.

O imortal responderia com um texto, *Variações sobre o homem cordial*, publicado na revista Colégio, e que seria incluído só na terceira e na quarta edições de *Raízes*: que foi tirado, quer dizer, antes que comparecesse a “edição definitiva” de 1969, acompanhada pelo prefácio de Antonio Candido<sup>172</sup>. Nele, Cassiano Ricardo contesta a utilização de “cordialidade” feita por Sérgio Buarque de Holanda, argumentando que seria errado usar um termo que na sua aceção contemporânea tem um sentido ligado à polidez (entendida como uma ritualidade social da cordialidade) para designar a natureza do povo brasileiro, cuja forma de convívio social seria, segundo o mesmo Sérgio «justamente o contrário da polidez».<sup>173</sup> Para ele, seria melhor falar em “bondade”, termo que caberia melhor ao caráter nacional brasileiro<sup>174</sup>, e nas suas diferentes facetas: hospitalidade, ausência de

---

<sup>171</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 106.

<sup>172</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 266.

<sup>173</sup> *Ivi*, p. 254.

<sup>174</sup> CASSIANO RICARDO, «Variasões sobre o Homem Cordial». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 379.

crueldade, tendência à mediação nos conflitos. Facetas que Ricardo enumera pontualmente, elencando as qualidades que o Brasil oferece ao mundo:

- a) Que estamos elaborando uma civilização de fundo mais emotivo que a dos outros povos — não há dúvida.
- b) Que o brasileiro se deixa levar, ou consegue vencer, mais pelo coração do que pela cabeça, é coisa que me parece incontestável.
- c) Que somos muito mais propensos a ideologias do que a ideias — quem o negará?
- d) Que detestamos a violência porque o nosso estilo de vida é o da mansidão — certíssimo.
- e) Que até na inimizade e mesmo na hostilidade o brasileiro é menos cruel que os outros povos — muito bem. Menos odioso — nada mais verdadeiro.
- f) Que a história nos demonstra esse menos cruel, como acontece na própria conquista da terra — é ponto pacífico.
- g) Que a bondade (ao invés da cordialidade) é a nossa contribuição ao mundo — é uma verdade que a observação dos fatos confirma plenamente.
- h) Que o brasileiro (quando mais polido) sabe tirar partido da própria bondade, e que esse seu recurso se poderia chamar técnica da bondade — é tese que me pareceu não só procedente, como original.
- i) Que essa bondade, no plano social, é o primeiro fundamento de nossa democracia social — sempre me pareceu certo.
- j) Que somos individualistas, mas que o nosso individualismo encontra, em grande parte, o seu corretivo natural na bondade específica do brasileiro — nada mais justo.<sup>175</sup>

Qualidades às quais acrescenta, no capítulo do seu texto chamado “Teoria da Bondade Natural”:

Como, porém, terá nascido a bondade brasileira? Não seria demais responder que, naturalmente, na terra mal descoberta, e logo que o litoral recebeu os primeiros degredados, os primeiros oprimidos. Já estes ficaram bons, ao contato com o chão agreste e acolhedor. “Com a riqueza”, diz o autor do Diálogo das grandezas, “foram largando de si a ruim natureza de que as necessidades e as pobreza que padeciam no reino os faziam usar.” O homem nascia de novo, como na linguagem bíblica.

Por certo não se trata, hoje, apenas de uma bondade adquirida com a riqueza da terra nova. Mas a observação do cronista não pode ser esquecida. Também a bondade natural ajudará a explicar a origem do nosso estilo de convivência social. A inocência do selvagem fazia pensar na idade do ouro e a carta de Vaz de Caminha contava coisas maravilhosas a el-rei. Quem foi que disse ser o índio um animal fabuloso e intratável? E em que outro paraíso encontrar Evas mais formosas que as nossas índias?

O índio da fase pessimista, tido e havido como bicho, índio por ouvir dizer — não era o que se dizia. Ao contrário, era o homem como Deus o fez, em seu estado de pureza nativa.

---

<sup>175</sup> CASSIANO RICARDO, «Variações sobre o Homem Cordial», In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 381.

Sem o pecado da civilização. Criança grande ainda habitando a esfera mágica da realidade.<sup>176</sup>

Interpretação totalmente idealizada, se pensarmos na descrição da realidade indígena que nos traz, naqueles mesmos anos, a pesquisa antropológica de Lévi-Strauss. Focalizando-se sobre as modalidades de colonização brasileiras, especificamente no fenômeno histórico das bandeiras, Cassiano Ricardo acrescenta:

No próprio drama da conquista, que muita gente pensa ter sido uma página rubra de destruição e de crueldade, as coisas se passaram de modo diferente. Podendo ter sido tão cruel como os demais conquistadores, o brasileiro não o foi. Foi muito menos.

Alega-se, por exemplo, que o bandeirante escravizou, sacrificou o índio. Não é bem assim. Não raro, o bandeirante é um mediador, um apartador de briga entre tribos rivais. É a mesma conclusão a que eu havia chegado, em minha despretensiosa *Marcha para oeste* (2a ed., v. 1, cap. VII, p. 233 e ss.).

Coisa mais curiosa, porém, é o cabo de tropa que, para evitar briga, faz sempre um dos da sua tropa casar com a filha do cacique. Chega, assim, o conquistador a uma técnica amorosa — ou melhor, o bandeirante se torna lírico, alcoviteiro, nesses casamentos agrestes, nesses idílios que salpicam de tanta graça a luta do desbravamento.<sup>177</sup>

Referências claras à teoria da miscigenação relativamente pacífica de Gilberto Freyre, pacificidade baseada na suposta ausência de racismo do colonizador português. O imortal insiste pesadamente sobre este e outros traços do caráter nacional, verdadeiras contribuições brasileiras à “salvação mundial”:

Não temos de enfrentar, por exemplo, o preconceito racial, como acontece com o americano do Norte. O problema das minorias raciais e culturais é quase inexistente entre nós.

Gilberto Freyre em seu livro “O mundo que o português criou” salienta este aspecto de tamanha importância à compreensão do problema da nossa formação social, apontando o português colonizador, quase inteiramente despido de preconceitos — capaz de realizar o intercruzamento desde que foram estabelecidos os primeiros contatos com o nativo —, como causa eficiente da ausência do problema das minorias no Brasil. Entre nós não existiram os muros do ghetto, nem as limitações do Harlem.

Não damos margem a uma psicologia racial, criadora de estereótipos negativos que, por sua vez, mantenham o preconceito. Não temos o problema dos desocupados, da falta de terra, da violenta diferença de classes, do ódio de raças ou de religiões, da excessiva diferença de cultura ou de riqueza. Ao contrário: precisamos de milhares de braços; temos uma extensão territorial devoluta, rica e deserta. Esta ausência de problemas nos deu um clima de cordura social. O catolicismo terá contribuído muito para a formação de nossa índole, feita de tolerância e de amor ao próximo. Aqui a esperança obriga a ser bom, na terra, onde

---

<sup>176</sup> CASSIANO RICARDO, «Variações sobre o Homem Cordial», In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 384.

<sup>177</sup> *Ivi*, p. 385.

tudo é uma novidade. A facilidade da hierarquização pelo próprio esforço não deixa crescer ódio. A liberdade de movimentos desembaraça os gestos fecundos, convidando o homem a “largar a sua ruim natureza” — como já dizia o cronista.

Será uma bondade por temor de Deus, por ausência de atritos econômicos, por mestiçagem conciliador de arestas psicológicas e raciais, por índole herdada do português, pela soma de tendências contrárias, mas coincidentes na direção de certos objetivos, por euforia espacial, por sentimento de hospitalidade provindo do aborígine, por nenhuma filosofia sobre o destino<sup>178</sup>.

Para acabar com uma aparente apologia do projeto político populista do contemporâneo governo Vargas:

Mas a técnica da bondade não é um artifício de que possam lançar mão os sofistas, os falsos. Trata-se da bondade empregada com sabedoria e até mesmo com um certo maquiavelismo (vamos dizer assim), mas maquiavelismo cheio de calor humano, em lugar do maquiavelismo frio e agudo nascido da desesperança e que é o traço do Príncipe. Todo governante, pois, que quiser reduzir o brasileiro à solidariedade e à obediência terá que fazer uso dessa técnica que constitui a arma do homem bom governando homens bons. O Brasil nasceu sob esse signo social e político. Talvez seja agora o único país do mundo em condições de opor, à técnica da violência, a técnica da bondade.<sup>179</sup>

As conseqüências celebrativas da interpretação de Cassiano Ricardo do binômio cordialidade=bondade não podem escapar à sensibilidade de Sérgio, que na sua *Carta a Cassiano Ricardo*, publicada no número sucessivo do *Convívio*, rejeita-as claramente, tanto a atribuição ilusória de uma especial bondade ao povo brasileiro, quanto a questionável existência de uma “bondade maquiavélica”. Depois de ter defendido seu recurso à definição etimológica de cordialidade, julgando-a perfeitamente legítima, tenta minimizar o sentido totalizante da bondade na exegese de Ricardo, extrâneas ao seu pensamento, enquanto possíveis fundamentos de uma *ideologia à brasileira*:

Cabe-me dizer-lhe ainda que também não creio muito na tal bondade fundamental dos brasileiros. Não pretendo que sejamos melhores, ou piores, do que outros povos. Mas qualquer discussão sobre este tópico envolveria divagações em volta de critérios subjetivos, sem resultado plausível.<sup>180</sup>

Para reconduzir, no final da carta, o “homem cordial” do céu das ideologias identitárias ao álveo limitado da análise histórica: a cordialidade é um produto social (e, ainda

---

<sup>178</sup> CASSIANO RICARDO, «Variações sobre o Homem Cordial», In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 393.

<sup>179</sup> *Ivi*, p. 391.

<sup>180</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «Carta a Cassiano Ricardo». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 401.

mais, um produto imperfeito duma organização social atrasada), e não uma substância que caracterize e defina o povo brasileiro:

Por fim quero frisar, ainda uma vez, que a própria cordialidade não me parece virtude definitiva e cabal que tenha de prevalecer independentemente das circunstâncias mutáveis de nossa existência. Acredito que, ao menos na segunda edição de meu livro, tenha deixado este ponto bastante claro. Associo-a antes a condições particulares de nossa vida rural e colonial, que vamos rapidamente superando. Com a progressiva urbanização, que não consiste apenas no desenvolvimento das metrópoles, mas ainda e sobretudo na incorporação de áreas cada vez mais extensas à esfera da influência metropolitana, o homem cordial se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo.<sup>181</sup>

A cordialidade, contrariamente às expectativas de Sérgio, não desapareceu, mas ao contrário fortificou-se como chave de interpretação da sociedade brasileira, não de raro servindo como justificação para a redução eufemística do tamanho da desigualdade econômica ou do prejuízo racial.

A cordialidade tem, como sua condição básica, o enfraquecimento das distâncias e das barreiras entre as pessoas, tanto num plano pessoal, quanto nas relações entre as diferentes camadas sociais. Como já foi posto em evidência pela celeberrima análise de Gilberto Freyre, ela está na base do aparecimento do mulato que, com a sua peculiar característica de poder-se mover mais ou menos livremente entre o mundo dos ricos e entre o mundo dos pobres, entre o mundo dos brancos e o mundo dos negros, é também o principal intérprete, seu malgrado, de uma *técnica da cordialidade* como meio de uma ascensão social da qual seria caso contrário excluído.

Como já resultará evidente da leitura de alguns parágrafos de Cassiano Ricardo, a convicção de um caráter fundamentalmente benévolo da colonização portuguesa tornou-se um grande *topos* de certa ensaística. A este acompanhava-se a imagem de um passado escravocrata do país substancialmente pouco violento e onde os escravos gozavam de uma certa liberdade. Teria sido uma escravidão “mole”, certamente diferente da condição dos Estados Unidos, modelo de uma escravidão “dura” e verdadeiramente racista. Efetivamente, a escravidão no Brasil sempre foi menos normatizada do ponto de vista racial, e a existência de uma aproximação *cordial* entre patrões e escravos poderia ter vindo a adoçar a condição do escravo no território brasileiro. Todavia, a temporânea aparência de

---

<sup>181</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «Carta a Cassiano Ricardo». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 401.



uma relação amigável ou paterna entre casa-grande e senzala não mudava a realidade de uma estrutura de poder totalmente iníqua. O escravo permanecia uma propriedade do senhor da fazenda, que podia revocar em qualquer momento sua conduta cordial, para aplicar as mesmas crueldades em voga no vizinho norte-americano.

Num recente artigo intitulado *A pouco cordial cordialidade*, Luiz Lima Costa aponta como traço que mais diferenciaria o regime escravocrata brasileiro do estadunidense a ausência aparente da necessidade de achar uma justificação ideológica para a escravidão. Na sua leitura, a desigualdade radical era apreciada como um dado natural:<sup>182</sup> Não precisava de leis que a cristalizassem, era suficiente a evidência do exercício de um poder cogente. Para explicar o contexto histórico em que se insere a reflexão buarqueana sobre a cordialidade ele transcreve parte de uma resenha que Élisée Reclus, geógrafo e viajador francês, publicou em 1963, onde reflete sobre as diferenças entre os sistemas escravocratas brasileiro e norte-americano. Ele escreve:

Também com vantagem para o império sul-americano, pode-se dizer que o abismo cavado entre o branco e o negro liberto é muito menos profundo que nos Estados Unidos. Não poderia ser de outro modo em um país em que o número dos brancos livres de toda mistura chega apenas a um milhão, aí compreendendo os estrangeiros e assim forma no máximo um oitavo da população. É em vão que se aplicam medidas diversas que recordem aos libertos sua antiga servidão e os rebaixem no interior da sociedade brasileira: protegidos pelos costumes, eles se cruzam livremente com as castas superiores, a população mestiça cresce sem cessar em uma proporção considerável e, apesar da soberba dos que se mantiveram puros de toda mistura, pode-se prever estar próximo o dia em que o sangue dos antigos escravos correrá nas veias de todo brasileiro. Essa invasão gradual já fez dobrar muitas barreiras. Os filhos dos negros emancipados tornam-se cidadãos; entram no exército e na marinha, com maior frequência, é verdade, em consequência de um recrutamento forçado, e podem, do mesmo modo que seus companheiros de armas de raça caucásica, falar da causa da pátria e da honra à bandeira. [...]

Alguns sobem de grau em grau e comandam brancos, que permanecem seus subordinados; outros se dedicam às profissões liberais e se tornam advogados, médicos, professores, artistas. É verdade que a lei não concede aos negros o direito de entrar na classe dos eleitores, nem na dos elegíveis; mas os empregados de pele mais ou menos escura não sofrem diferença alguma em serem reconhecidos como brancos todos os que queiram dizer-se tais e recebem os documentos necessários para que seja assim estabelecido legalmente e de uma maneira incontestável a pureza de sua origem. É assim que os filhos de antigos escravos podem ingressar na carreira administrativa e mesmo fazerem parte no Congresso, ao lado dos nobres fazendeiros. No Brasil, não é a cor que faz vergonha, é a servidão.

Todos esses fatos são da maior importância para o futuro do país, mas não podem servir de desculpa para a escravidão brasileira, que, por sua própria natureza, é idêntica à ‘instituição

---

<sup>182</sup> LUIZ LIMA COSTA, «A pouco cordial cordialidade», *Revista USP*, São Paulo, nº110, p. 112.

divina' dos anglo-americanos. Seja o senhor um patriarca ou um tirano, não é menos o possuidor de outros homens, aos quais usa segundo sua vontade e quanto aos quais sua própria justiça não é senão arbitrária. Se ele achar conveniente, pode espancar e torturar; pode impor cadeia, grilhões, coleira ou qualquer outro instrumento de suplício. Toda senhora refinada que, por vaidade, venha cobrir suas negras com seus próprios adereços para dar aos estrangeiros uma ideia elevada de sua riqueza, pode um instante depois fazer que as mesmas mulheres sejam espancadas, ainda ornadas de seus colares de ouro ou de pérolas. Este proprietário empobrecido, que sempre teve a maior doçura com seus escravos, vende uma parte deles para resgatar suas propriedades endividadas: separa o amigo do amigo, talvez o filho do pai, e o deixa levar por algum estrangeiro ávido para uma fazenda distante.<sup>183</sup> (Reclus, 1863, tomo 40, pp. 384-9)

Como Sérgio já tinha notado, a cordialidade, entendida como atitude ligada ao personalismo e à estrutura social patriarcal, pode conter em si tanto os matizes da amizade, quanto da inimizade: de nenhuma maneira apaga a possibilidade do exercício da violência. Luiz Costa Lima no seu artigo tenta achar um ponto intermédio que balance, na interpretação do Brasil, a fraqueza do prejuízo racial com a prática da opressão, tanto imprevisível quanto verdadeira na sua total arbitrariedade:

É de supor que, por várias razões, a cordialidade se impusesse contra alguma outra prática metafórica antes próxima da raiz da rudeza. Creio que a primeira fosse não haver na tradição ibérica, ao contrário da saxônica, a crença arraigada na diferença das raças. O evolucionismo de Darwin rapidamente contaminou a reflexão social saxônica e estabeleceu o dogma da desigualdade das raças, que não havia estado em sua doutrina original, ao passo que, na tradição ibérica, a escravização do indígena antes provocaria a discussão de ordem teológica entre os religiosos Victoria e Bartolomé de las Casas. No ambiente menos cultivado da Península Ibérica, onde a escravidão africana era anterior à colonização americana, o branco considerava que naturalmente os senhores eram de sua cor e os escravos, de cor negra. Assim nenhuma razão biológica o impedia, nas colônias americanas, de frequentar a cama de suas escravas. Creio que o segundo motivo, associado àquela, fosse que uma prática cordial trouxesse inúmeras mais vantagens e fosse pouco propiciadora de conflitos.<sup>184</sup>

Daí a convicção, muito radicada, que no Brasil não existiria racismo, mas sim clasismo. O mesmo Sérgio Buarque de Holanda tinha destacado o fato que, no Brasil de época colonial, pelo menos no plano das ideias, mas do que a cor da pele diferente, era receado o trabalho manual, símbolo de uma ocupação pouco dignificadora, em oposição

---

<sup>183</sup> LUIZ LIMA COSTA, «A pouco cordial cordialidade», *Revista USP*, São Paulo, n°110, p. 112.

<sup>184</sup> *Ivi*, p. 113.

à épica da exploração fácil da terra e a cultivação do *otium* erudito.<sup>185</sup> A lógica conclusão é que a ser objeto de prejuízo não seria o negro, mas o pobre. Todavia, mesmo nessa perspectiva, segundo à qual a escravidão brasileira, e o colonialismo português antes dela, teriam sido caracterizadas não por uma ideologia racista estruturada, mas por uma simples aplicação direta de uma relação de poder desigual, não se elimina ou apaga a presença, indiscutível, da violência.

O assunto do racismo no espaço colonial português é objeto de um debate ainda quente e atual. De um lado, como pesquisadores, a nossa consciência contemporânea impõe-nos que desconfiemos daquelas formulações que correrem o risco de dançar ao passo das ideologias, que parecerem diminuir a tragicidade da experiência histórica da escravidão. Do outro lado, percursos como aquele do Brasil miscigenado, com a sua grandíssima produção cultural tão estritamente ligada à contribuição afro-brasileira, oferecem-nos a evidência de um pensamento que dificilmente se acostuma a aceitar demarcações rígidas entre as pessoas, baseadas em preconceitos raciais. De um pensamento, afinal, que existe sempre num lugar de fronteira entre as diversidades.

Será que existe uma teoria capaz de juntar, não como simples justaposição, mas como síntese viva, uma sociedade racialmente matizada, possível graças à cordialidade, com a avaliação rigorosa da violência que foi necessária para realizá-la? Na minha opinião, a análise da teoria pós-colonial do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos pode ajudar nesse sentido. Em *Entre Prospero e Caliban: Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade*, desenvolvendo um estudo que nunca se presta ao jogo das ideologias que querem minimizar a violência, a opressão, a desigualdade que o colonialismo português (e o Brasil independente) produzira, nos apresenta ao mesmo tempo a necessidade de reconhecer as culturas pós-coloniais lusófonas como caracterizadas por uma interidentidade: uma identidade, quer dizer, não etnicamente monolítica, mas negociada e reciprocamente influenciada pelas culturas dos grupos que a compuseram.

Nem Prospero nem Caliban, resta-lhe a liminaridade e a fronteira: a interidentidade como identidade originária.<sup>186</sup>

---

<sup>185</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 51.

<sup>186</sup> BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, «Entre Prospero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade», *Novos Estudos CEBRAP*, julho 2003, p. 34.

Traçando uma diferença com os “colonialismos hegemônicos”, especialmente o inglês, *Entre Prospero e Caliban* convida-nos então a analisar o colonialismo português não por aquilo que não foi, mas por aquilo que foi: um colonialismo determinado pela situação de subalternidade da mesma metrópole que o gerou. Na sua leitura, a causa dessa aceitação dos colonizadores portugueses da miscigenação, não foi uma quimérica “bondade”, mas uma fraqueza do centro, ele mesmo numa condição semiperiférica, pequeno e fraco.

Na sua excursão histórica, Sérgio Buarque de Holanda nos tinha descrito como a fraqueza da identidade de classe da nobreza portuguesa produzira uma fraqueza da identidade opositiva da burguesia que, ao invés de assumir uma posição revolucionária, teria tentado se aproximar e “miscigenar” com os nobres. O resultado disso seria a persistência da ideologia “cavaleiresca” no seio da modernidade, ou seja, um atraso da sociedade portuguesa. Ao mesmo tempo, na leitura de Boaventura de Sousa Santos, um colonialismo “cordial” cria uma resposta “cordial” do colonizado, com a conseguinte persistência da colonialidade, mesmo quando o colonialismo tiver acabado:

O colonialismo português carrega consigo o estigma de uma indecibilidade que deve ser objeto primordial do pós-colonialismo português. A colonização por parte de um Próspero incompetente, relutante, originariamente híbrido, redundou em subcolonização ou em hipercolonização? Uma colonização particularmente capacitante ou incapacitante para o colonizado? Um Próspero caótico e absenteísta não terá aberto espaço para a emergência de Prósperos substitutos no seio dos Calibans? Não será por isso que no contexto do pós-colonialismo português a questão do neocolonialismo é menos importante que a do colonialismo interno? O deficit de colonialismo e de neocolonialismo ajuda a explicar a especificidade das formas políticas que emergiram com a independência das grandes colônias. Em sentidos opostos, essas formas divergiram da norma de descolonização estabelecida pelo colonialismo hegemônico. No caso do Brasil, tratou-se de uma das independências mais conservadoras e oligárquicas da América e a única sob a forma de Monarquia, com o que se criaram as condições para que o colonialismo sucedesse o colonialismo interno, para que o poder colonial sucedesse a colonialidade do poder.<sup>187</sup>

Menos colonialismo ou mais colonialismo? Cordialidade ou disfarça sanguinária? interidentidade ou luso-tropicalismo? Miscigenação ou ideologia da cultura brasileira? No capítulo “Nossa Revolução”, que fecha *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda apresenta-nos a abolição da escravidão como a única verdadeira revolução que acontecera

---

<sup>187</sup> BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, «Entre Prospero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade», *Novos Estudos CEBRAP*, julho 2003, p. 29.

no Brasil. Mas não se tratou de uma revolução pontual: era um percurso, que perdurava até os dias do autor, que levava consigo a urbanização e a reorganização da sociedade toda. Essa imensa libertação de energias sociais, na sua leitura, inevitavelmente teria transformado a face do país, não obstante as tentativas autoritárias de controlar esse movimento. Talvez nesse fervedouro esteja uma resposta. Nas palavras do próprio Sérgio:

Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso próprio ritmo espontâneo, à lei do fluxo e do refluxo, por um compasso mecânico e uma harmonia falsa.

Talvez aí se encontre uma síntese de verdades tão contraditórias:

Há uma única economia possível e superior aos nossos cálculos para compor um todo perfeito de partes tão antagônicas.<sup>188</sup>

Talvez, ainda uma vez, a resposta esteja no futuro.

---

<sup>188</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987, p. 142.

### 3.6 | O gosto para a interpretação: uma trajetória buarqueana

A reflexão que foi proposta neste capítulo sobre *Raízes do Brasil* apoia-se num pressuposto: a legitimidade daquela tradição que considera Sérgio Buarque de Holanda como um dos fundadores de uma linha crítica de interpretação do Brasil. Como trata-se de um dos assuntos principais do presente trabalho, valerá a pena tentar esclarecer este ponto, para responder à pergunta chave: será lícito considerar *Raízes do Brasil*, e em geral toda a obra historiográfica de Sérgio, uma tentativa de repensar o país?

O nosso papel, em outras palavras, é imaginar uma espécie de teoria geral da obra buarqueana: uma tentativa de interpretação complexiva da figura de Sérgio Buarque de Holanda e da sua produção literária. É algo que deve ser experimentado, se quisermos conectar numa só trajetória as suas primeiras obras de crítica modernista com a historiografia da maturidade. Recentemente, foram propostas leituras que destacam e ressaltam um certo cunho filosófico da produção de Sérgio Buarque de Holanda. É uma atitude legítima: a figura intelectual de Sérgio, o seu rigor metodológico, podem de certa maneira exercitar esse papel na história da cultura brasileira. Com base nesta sensação, é possível, voltando ao artigo *O lado oposto e outros lados*, de 1926, interpretar a sua condenação do conceito de “construção” como uma renúncia a fornecer qualquer proposta de interpretação do Brasil: interpretar quer dizer, queiramos ou não, direta ou indiretamente, fornecer um padrão de leitura de um fenómeno ou de um problema, e de certa maneira uma proposta construtiva para a sua resolução.

Posto o problema nesses termos, emerge claramente a dificuldade de conciliar o *corpus* da produção literária buarqueana com uma leitura taxativa da condenação do conceito de construção. As obras de Sérgio foram interpretações e neles é ínsito um certo degrau de espírito construtivo: nomeadamente a censura do velho e do ineficiente para propiciar uma viragem. É necessário, portanto, não exagerar até as extremas consequências a atribuição a Sérgio da qualificação de filósofo. O título que Sérgio escolheu para si foi, afinal, aquele de historiador. A virada historiográfica sucessiva à estadia alemã parece, de certa maneira, uma fuga de um certo papel de “vate” que ele tinha adquirido com a crítica dos últimos anos da década de 1920. O historiador pode, enfim, escapar à necessidade de definir de modo cabal o próprio horizonte teórico refugiando-se na comentação

precisa e circunscrita dos documentos e dos fatos. Por estes motivos, é necessário não absolutizar a crítica ao conceito de construção que ele conduziu em *O lado oposto e outros lados*. Como foi tratado no curso do presente trabalho, através da referencia ao artigo coevo de Prudente de Moraes neto, aquela censura precisa ser circunscrita ao campo específico da degeneração moralizante e passadista do modernismo de 1926, que parecia ter perdido a própria pulsão modernizadora e iconoclasta; ao risco, afinal, de «atrofia»<sup>189</sup> do movimento: risco afastado em 1928 com a publicação do *Manifesto Antropófago* e de *Macunaíma*.

Se quiséssemos dar um significado geral aquelas palavras de repúdio da construção, um significado que descreva a substância do projeto literário de Sérgio Buarque de Holanda, talvez seria este: a recusa a fornecer uma descrição totalizante e prescritiva da vida. Tendo como base essa ideia, torna-se claro porque, entre o polo da filosofia, de um lado, e da história, do outro, Sérgio escolheu o segundo: na história as exceções ao sistema, as suas aporias, não são uma deviação que prejudiquem a sua validade: são o pão de cada dia do historiador. É uma escolha que pareceria mais em sintonia com a descrição do caráter de Sérgio que dele nos forneceram amigos e conhecidos. Pensamos, por exemplo, nas palavras de um colega que o conheceu bem: Antonio Candido. Num texto de 1988, o famoso crítico refere-se a Sérgio nesses termos:

De Sérgio Buarque de Holanda deve-se falar com a mesma alegria que ele sempre manteve. Nunca houve homem mais sábio, nunca houve homem mais erudito, nunca houve homem de maior seriedade intelectual. Mas também nunca houve ninguém mais brincalhão, alegre e até moleque, quando fosse o caso. Ele era uma dessas grandes personalidades da geração de 1922, de um tipo que infelizmente está acabando no Brasil. Personalidade complexa e irreverente, de uma humanidade transbordante, cheia de simpatia humana e generosidade, marcada pelo encanto dos aspectos contraditórios. Essa personalidade se reflete de certa forma em sua obra, também vária e complexa, que com certeza será analisada de ângulos os mais variados pelas gerações de estudiosos.<sup>190</sup>

Será possível prender por toda a vida um homem desse tipo a palavras que escreveu em 1926, quando tinha, é necessário lembra-lo, 24 anos? Seria mais sábio, talvez, enfrentar o texto de 1926 com uma atitude mais compreensiva e condescendente, a mesma

---

<sup>189</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O lado oposto e outros lados». In: Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 399.

<sup>190</sup> ANTONIO CANDIDO. «Sérgio, o radical». In: Antonio Candido, *Sérgio Buarque de Holanda: a vida e a obra*, São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 63.

atitude que Sérgio, habituado a lidar com as aporias do comportamento humanos, imprimia às suas obras históricas. Esse tipo de observações acerca do caráter de Sérgio Buarque de Holanda poderia parecer supérfluo para a construção de uma teoria geral da obra buarqueana. O homem e a escrita são, afinal, coisas bem diferentes. Uma interpretação absolutizante da crítica de Sérgio à *construção*, porém, seria um golpe mortal para o nosso propósito: como afirmar, enfim, que Sérgio Buarque de Holanda foi um *intérprete* do Brasil, se ele estava categoricamente contrário a qualquer construção, a qualquer proposta de interpretação? Um outro indicio em favor de uma leitura mais relativizada do artigo de 1926 pode provir da já citada entrevista concedida a Richard Graham, em 1981. Interrogado a propósito das suas referências historiográficas, depois de ter contando que a sua formação passara «também através das amizades – muito importante para nós brasileiros»<sup>191</sup>, relativiza a concepção de um seu pertencimento a uma qualquer específica escola teórica:

-Isso se deu durante aquele período que você estava sob influência da historiografia alemã?

-Eu estava sob influência da historiografia alemã?

-Assim eu ouvi dizer.

-Isto é tudo uma justaposição conjectural e acidental.<sup>192</sup>

Além de uma certa atitude de *trickster* que a tarde idade autoriza Sérgio a manifestar -mais diante na conversação falará longamente sobre a própria influência alemã-, o que importa aqui e recavar uma lição útil para a interpretação de toda a produção literária de Sérgio: o que é importante nela não é a palavra isolada, as vezes escolhida por razões principalmente icásticas, mas o sentido complexivo: a sua pode ser considerada uma autêntica aversão ao formalismo.

Tentou-se demonstrar, nestas páginas, por quais motivos pode ser considerada legítima a atribuição a Sérgio Buarque de Holanda da definição de explicador, de intérprete do Brasil. Quais foram, portanto, as contribuições que o pensamento de Sérgio aportou para a compreensão do Brasil, e para a tradição literária e histórica que se ocupa dessa interpretação? Entre os conceitos por ele desenvolvidos, aqueles que deixaram a marca mais profunda e indelével são os contidos na sua primeira obra, *Raízes do Brasil*. O primeiro traço da obra que Sérgio que marcou uma época foi uma certa atmosfera, em *Raízes*

---

<sup>191</sup> RICHARD GRAHAM, «Uma entrevista», *Revista do Brasil*, nº 6, 1987, p. 102.

<sup>192</sup> *Ivi*, p. 104.



*do Brasil*, de crítica corrosiva, até de condenação, da colonização e especialmente da sua variante portuguesa. Embora já houvesse análises que retraíam sob um signo negativo a colonização e a período de formação do Brasil, como a obra de Manuel Bomfim, e *Evolução política do Brasil* de Caio Prado Júnior, a atmosfera na década de 1930 era geralmente favorável a respeito da herança colonial lusitana. A leitura das obras de Sérgio deixa, pelo contrário, uma impressão pouco favorável do colonizador português, apesar das numerosas contextualizações. É um traço, afinal, que se harmonizará bem com a tendência dominante entre os historiadores dos anos 1960 e 1970, contrários de norma a qualquer forma de subalternidade, dependência e herança colonial.

Um outro traço da produção de Sérgio que será apreciado pelo históricos estimadores de Sérgio é a sua atenção, evidente tanto em *Raízes do Brasil*, quanto em *Visão do Paraíso*, para o contexto geral latino-americano. Pensamos, por exemplo, na ênfase e na atenção que *Raízes do Brasil* dedica ao estudo do tipo do aventureiro no processo de colonização ibérica da América. A ética da aventura, oposta à ética do trabalho, é um traço que, longe de pertencer excepcionalmente aos portugueses, acomunou os descobridores dos dois reinos peninsulares. Esse aspeto cosmopolita da historiografia de Sérgio não podia não ser apreciado no horizonte de uma nova análise histórica que evidenciasse a unidade do continente sul-americano sob o signo da sua subalternidade. Veja-se, por exemplo, o prefácio que o antropólogo Darcy Ribeiro escreveu para a obra de Manuel Bomfim *A América Latina: Males de Origem*:

Foi lá [nos anos de exílio em Montevideo], lendo e repensando nossas vivências, que rompi com meu provincianismo brasileiro para perceber que somos parte de um todo: a *América Latina*. Que nossa história é feita das mesmas vicissitudes vividas pelos povos que construíram, aqui, com a carne e com a alma dos índios e dos negros que os brancos caçaram e encurralaram para produzir suas riquezas. Que nosso destino se jogara e decidira também, conjuntamente, dentro do quadro continental que compartilhamos.<sup>193</sup>

Mas com certeza o conceito desenvolvido por Sérgio que será mais valorizado pelos sucessivos intérpretes do Brasil foi o de *personalismo*, acompanhado ou substituído pelo seu conceito gémeo, a *cordialidade*. O significado veiculado por esses termos já foi discutido no curso do presente capítulo: o personalismo é, em substancia, a tendência a rejeitar a aplicação automática de um principio social impessoal, substituído pelo

---

<sup>193</sup> DARCY RIBEIRO, «Manuel Bomfim, antropólogo». In: Manuel Bomfim, *A América Latina: Males de Origem*, Brasília: Editora UnB, 2014, p. 5.

enaltecimento dos laços pessoais entre conhecidos. O personalismo é, de certa maneira, o substrato em que se radica a famosa reflexão de Antonio Candido sobre a dialética da Malandragem. O tema foi desenvolvido num artigo de crítica literária ao romance *Memórias de um Sargento de Milícia* de Manuel Antônio de Almeida, publicado em 1854. A *Dialética da Malandragem*, que saiu em 1970 na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, apresenta uma afinidade temática com alguns dos conceitos sociológicos destacados em *Raízes do Brasil*, e é razoável pensar que haja uma continuidade com a obra de Sérgio, dado que Antonio Candido somente em 1967 acabara de escrever o prefácio à 4ª edição do livro, passado à história como *O Significado de Raízes do Brasil*. Essa contínua comunicação entre literatura e sociologia foi uma das marcas fundamentais da crítica destes dois grandes nomes do pensamento brasileiro. O próprio itinerário literário de Sérgio, sempre oscilante entre crítica da literatura e *crítica da história*, parece caber adequadamente naquela que Antonio Candido teria definido “literatura de dois gumes”: uma literatura que sempre mostra as duas faces da estética pura e da contextualização histórico-social. Em *Educação pela noite*, o crítico escreve:

Nos países da América Latina a literatura sempre foi algo profundamente empenhado na construção e na aquisição de uma consciência nacional, de modo que o ponto de vista histórico-sociológico é indispensável para estudá-la. Entre nós, tudo se banhou de literatura, desde o formalismo jurídico até o senso humanitário e a expressão familiar dos sentimentos.<sup>194</sup>

É com esse olhar que Antonio Candido se apresta à análise das *Memórias de um Sargento de Milícia*. O livro é, na interpretação do crítico, uma das mais fieis e interessantes representações da sociedade brasileira do Segundo Reinado. O sistema de relações pessoais e sociais do livro seria caracterizado por uma dialética constante entre ordem e desordem. Os dois polos, escreve Candido, representariam duas diferentes camadas da sociedade:

Acima estão os que vivem segundo normas estabelecidas [...]; abaixo estão os que vivem em oposição ou pelo menos integração duvidosa em relação a elas. Poderíamos dizer que há, deste modo, um hemisfério positivo da ordem e um hemisfério negativo da desordem, funcionando como dois ímãs que atraem Leonardo [...]. A dinâmica do livro pressupõe

---

<sup>194</sup> ANTONIO CANDIDO, *A educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo: editora Ática, 1989, p. 179.

uma gangorra dos dois polos, enquanto Leonardo vai crescendo e participando ora de um, ora de outro, até ser finalmente absorvido pelo polo convencionalmente positivo.<sup>195</sup>

Os dois hemisférios, como se vê, não são no romance completamente incomunicáveis: eles entrariam, pelo contrário, constantemente em contacto. Ordem e desordem, em outras palavras, seriam conceitos relativos, que «se comunicam por caminhos inumeráveis».<sup>196</sup> A essência deste contacto é exatamente o personalismo, e o modo desta comunicação é precisamente a cordialidade. O personalismo, como já escrevera Sérgio Buarque de Holanda, tende a contornar a hierarquia da sociedade e a aplicação imparcial das leis, dobrando-as por meio das ligações de amizade e familiares. Assim, no romance, o protagonista pode evitar a condenação da justiça só por meio da intervenção direta e pessoal de Maria Regalada, que segreda algumas palavras na orelha do Major Vidigal. É exatamente esta, segundo Candido, a sustância do malandro: apoiando-se no personalismo ele pode navegar entre os polos da ordem e da desordem, entre o crime e a lei. Assim, na sociedade cordial, em sentido propriamente buarqueano, «Os extremos se anulam e a moral dos fatos é tao equilibrada quanto as relações dos homens».<sup>197</sup>

Passando para o campo da antropologia, um dos maiores escritores que retomou as teorias desenvolvida por Sérgio foi o já citado Darcy Ribeiro. O antropólogo, que foi aluno de Sérgio Buarque de Holanda na Escola de Sociologia Política<sup>198</sup>, propulsionou a publicação da quarta edição de *Raízes do Brasil* pela recém-nascida editora da Universidade de Brasília em 1963<sup>199</sup>, para além de ser o curador da *Revista do Brasil* na época em que ela se aprestava a organizar o número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda<sup>200</sup>, que permanece até hoje uma das referências fundamentais para os pesquisadores da obra de Sérgio. Na impossibilidade de resumir nestas páginas os conteúdos da produção literária de Darcy, que vai muito além do argumento do presente trabalho e da lição de Sérgio, será todavia possível procurar na sua escrita as traças de alguns temas de ascendência buarqueana. Darcy Ribeiro, diferentemente de Sérgio, põe-se explicitamente

---

<sup>195</sup> ANTONIO CANDIDO, «Dialética da Malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)», *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, n° 8, 1970, São Paulo: USP, p. 77.

<sup>196</sup> *Ivi*, p. 80.

<sup>197</sup> *Ivi*, p. 85.

<sup>198</sup> RICHARD GRAHAM, «Uma entrevista». In: *Revista do Brasil*, n° 6, 1987, p. 107.

<sup>199</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil* (edição crítica), São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 15.

<sup>200</sup> ROBERT WEGNER, «Um número especial e esquecido da Revista do Brasil». *Revista Estudos Políticos*, Rio de Janeiro, Vol. 6, n° 1, dezembro 2015, p. 285.

como objetivo a construção de uma interpretação do Brasil: esse trabalho é indispensável e inevitável, porque, como ele escreve em *O povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995), «nenhum povo pode viver sem uma teoria de si mesmo. Se não tem uma antropologia que a proveja, improvisa-a e difunde-a no folclore».<sup>201</sup>

Assim, na sua obra mais importante Darcy retoma o raciocínio desenvolvido em *Raízes do Brasil* acerca da dialética entre a burguesia e a classe nobre no Portugal da Idade Média: os efeitos do personalismo, que relativizando e aproximando as duas classes, bloqueara o desenvolvimento de uma consciência revolucionária da burguesia no reino português, são agora observados no contexto da mecânica de interações raciais brasileiras. Assim, a cordialidade da dinâmica *Casa Grande-Senzala* levou à assimilação da componente afro-brasileira da população no padrão dominante. Em torno desse conceito, em *O povo Brasileiro* Darcy escreve, comparando os regimes escravocratas norte e sul-americano:

É preciso reconhecer, entretanto, que o apartheid tem conteúdos de tolerância que aqui se ignoram. Quem afasta o alterno e o põe à distância maior possível, admite que ele conserve, lá longe, sua identidade, continuando a ser ele mesmo. Em consequência, induz à profunda solidariedade interna do grupo discriminado, o que o capacita a lutar claramente por seus direitos sem admitir paternalismos. Nas conjunturas assimilacionistas, ao contrário, se dilui a negritude numa vasta escala de gradações, que quebra a solidariedade, reduz a combatividade, insinuando a ideia de que a ordem social é uma ordem natural, senão sagrada.<sup>202</sup>

Com o resultado que, neste contexto dominado por uma dialética racial onde o personalismo permite que certos indivíduos atinjam às camadas superiores da sociedade, escapando ao padrão geral graças a um golpe de sorte ou à presença de um conhecido num lugar de poder, resulta enfraquecida a perspectiva de uma mudança radical e sistemática de paradigma. O assimilacionismo, em outras palavras, «cria uma atmosfera de fluidez nas relações inter-raciais, mas dissuade o negro para sua luta específica, sem compreender que a vitória só é alcançável pela revolução social».<sup>203</sup>

O confronto entre os modelos coloniais anglo-saxónico e ibérico, explícito na obra de Darcy, foi também um dos eixos da análise de Sérgio Buarque de Holanda, que opusera em *Raízes do Brasil* a ética “nórdica” do trabalho e ética peninsular da aventura. O tema

---

<sup>201</sup> DARCY RIBEIRO, *O povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 267.

<sup>202</sup> *Ivi*, p. 226.

<sup>203</sup> *Ivi*, p. 227.

é agora retomado por Darcy Ribeiro, que, sempre permanecendo no esquema buarqueano do jogo contrapontístico das metáforas, opõe o estilo de colonização *gótica* do reino inglês ao estilo *barroco* dos reinos ibérico:

Dois estilos de colonização se inauguram no norte e no sul do Novo Mundo. Lá, o gótico ativo de frias gentes nórdicas, transladado em famílias inteiras para compor a paisagem de que vinham sendo excluídos pela nova agricultura, como excedentes de mão-de-obra. Para eles, o índio era um detalhe, sujando a paisagem que, para se europeizar, devia ser livrada deles. Que fossem viver onde quisessem, livres de ser diferentes, mas longe, se possível para outro além-mar, Pacífico adentro. Cá, o barroco das gentes ibéricas, mestiçadas, que se mesclavam com os índios, não lhes reconhecendo direitos que não fosse o de se multiplicarem em mais braços, postos a seu serviço. Ao apartheid dos nórdicos, opunham o assimilacionismo dos caldeadores.<sup>204</sup>

A antropologia de Darcy Ribeiro, portanto, mesmo se radicalmente diferente em quanto a temas e sobretudo a objetivos, é herdeira de algumas importantes reflexões da Obra de Sérgio Buarque de Holanda. Mas é um outro antropólogo, Roberto DaMatta, que conduzirá com maior coerência as próprias pesquisas no sulco de uma trajetória buarqueana. O argumento central da análise que DaMatta faz da sociedade brasileira é a evidência da existência de uma dicotomia entre o mundo da casa e o mundo da rua. A casa é o templo do coração, o lugar de pertencimento profundo do brasileiro. Ela é o espaço que simboliza as ligações familiares e de amizade: na casa o sujeito tem um nome e uma cara, e a ele são devidos reconhecimento e respeito. Na casa, em substancia, a pessoa torna-se indivíduo, e ganha valor graças às relações pessoais baseadas na comum ascendência de sangue. Na rua, pelo contrário, o indivíduo acaba sendo um número dentro de uma massa: a rua é o lugar do perigo e da fadiga. A rua é dominada pelos mecanismos impessoais da lei e da violência cega. Em *O que faz o Brasil, Brasil?*, publicado em 1984, Roberto DaMatta resume os termos dessa oposição:

Por tudo isso, o universo da rua – tal como ocorre com o mundo da casa – é mais que um espaço físico demarcado e universalmente reconhecido. Pois para nós, brasileiros, a rua forma uma espécie de perspectiva pela qual o mundo pode ser lido e interpretado. Uma perspectiva, repito, oposta – mas complementar – à da casa, e onde predominam a desconfiança e a insegurança. Aqui, quem governa não é mais o pai, o irmão, o marido, a mulher e as redes de parentesco e amizade que nos têm como uma pessoa e um amigo. Ao contrário, o comando é dado à autoridade que governa com a lei, a qual torna todo mundo igual

---

<sup>204</sup> DARCY RIBEIRO, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 69.

no propósito de desautorizar e até mesmo explorar de forma impiedosa. Todos sabemos, por experiência respeitável e profunda, que na rua não se deve brincar com quem representa a ordem, pois naquele espaço se corre o grave risco de ser confundido com quem é “ninguém”. E entre ser alguém e ser ninguém há um mundo no caso brasileiro. Um universo ou abismo que passa pela construção do espaço da casa, com seu aconchego e sua rede imperativa de relações calorosas, e o espaço da rua, com seu anonimato e sua insegurança, suas leis e sua polícia. Daí por que, na rua, tendemos a ser todos revolucionários e revoltados, membros destituídos de uma massa de anônimos trabalhadores.<sup>205</sup>

Entre casa e rua existe uma relação, que assume formas que espelham a dialética entre ordem e desordem que Antonio Candido destacara no seu artigo de 1970. A realidade dessa dialética entre casa e rua é sinalizada pela existência de espaços intermédios, liminares, como a varanda, onde os elementos caracterizantes dos dois mundos se encontram e são resumidos. É nesse ponto que os fenômenos levantados por Sérgio Buarque de Holanda se entrelaçam com a antropologia de Sérgio Damatta. Com efeito, tanto a sociedade brasileira desvaloriza e teme a impessoalidade da *rua*, quanto aprecia e enaltece o modelo familiar de gestão das relações sociais fornecido pela *casa*. A tentação, portanto, será inevitavelmente projetar o sistema dos laços pessoais da família na sociedade geral, nas relações económicas e na política. Esse movimento é exatamente a essência do que Sérgio Buarque de Holanda denominara personalismo.

Como estas páginas têm tentado demonstrar, a influência dos temas e dos problemas focados por Sérgio Buarque de Holanda, especialmente nos termos nos quais eles são expressos no seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*, deixaram uma marca profunda e indelével no universo da interpretação do Brasil. A obra de Sérgio tentou explicar alguns dos principais mecanismos de funcionamento da sociedade brasileira. Por esse motivo, Sérgio merece o título de interprete do Brasil, embora com todas as necessárias clarificações, devidas ao seu desejo de produzir uma historiografia de grande precisão metodológica e de respiro global. E os conceitos por ele levantados ter-se-iam tornado uma bancada de trabalho para gerações de jovens pesquisadores com a intenção de repensar o país.

---

<sup>205</sup> SÉRGIO DAMATTA, *O que faz o brasil, Brasil?*, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986, p. 21.

## *Capítulo quarto*

### *O peso da origem: Visão do Paraíso*

## 4.1| O sentido da História em Sérgio Buarque de Holanda

A mais célebre obra de Sérgio Buarque de Holanda é *Visão do Paraíso*, livro publicado em 1959 e dedicado ao estudo dos “motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil”. É uma obra que se caracteriza pela sua erudição, culminação de longos estudos onde convergem o interesse pela historiografia alemã, que Sérgio já tinha conhecido nos anos da escritura de *Raízes do Brasil*, e a experiência de pesquisa na Itália e nos arquivos do Vaticano, conduzida no biênio 1953-1954, quando exercia o cargo de professor na universidade *la Sapienza*. Pela variedade de fontes analisadas e pelo rigoroso método empregado, *Visão do Paraíso* é considerado um divisor de águas no desenvolvimento da historiografia brasileira.

*Visão do Paraíso* é também a obra onde se exprime com maior clareza o sentido da historiografia e o ofício do historiador no pensamento do Sérgio Buarque de Holanda. O prefácio à segunda edição de 1969 é uma introdução de tipo metodológico ao texto e, por seu caráter abrangente, a toda a produção de Sérgio desde a sua adoção do gênero histórico. O tema do livro é, nas suas palavras, «a biografia de uma ideia»<sup>206</sup>: trata-se do ideal edênico que acompanhara os descobridores e os colonizadores do Novo Mundo, ou melhor, da convicção que nele se achasse o Éden, o Paraíso terreal, e que, conseqüentemente, toda a América fosse uma terra mais perto do projeto original de Deus, mais próxima da sua graça, e afastada do deterioramento e da corrupção em que se encontrava a velha Europa. Aquela apresentada em *Visão do Paraíso*, portanto, é uma historiografia que se situa entre o campo da história da cultura e aquele da história das mentalidades. Sérgio reivindica fortemente a legitimidade deste tipo de historiografia, embora ela fosse minoritária no ambiente acadêmico brasileiro do seu tempo.<sup>207</sup> Na sua visão, as mentalidades não são sempre o produto da estrutura econômica: pode acontecer também o contrário, que uma ideia fixa governe e molde um fenômeno histórico, como aconteceu com a epopeia dos descobrimentos. Para explicar e suportar a sua posição, Sérgio tenta, no prefácio, encontrar um ponto de contato com a historiografia de escola marxista:

---

<sup>206</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 24.

<sup>207</sup> RONALDO VAINFAS, «Posfácio». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, op. cit., p. 559.



Não pretende esta ser uma história “total”: ainda que fazendo cair o acento sobre as ideias ou mitos, não fica excluída, entretanto uma consideração, ao menos implícita, de seu complemento ou suporte “material”, daquilo em suma que, na linguagem marxista, se poderia chamar a infraestrutura. Mas até mesmo entre os teóricos marxistas vem sendo de há muito denunciado o tratamento primário e simplificador das relações entre base e superestrutura, que consiste em apresenta-las sob a forma de uma influência unilateral, eliminadas, assim, quaisquer possibilidades de ação recíproca.<sup>208</sup>

A ideia de Paraíso Terreal não foi uma produção da sociedade da época dos descobrimentos: vem da idade média, e nela entrelaçam-se motivos clássicos da antiguidade (a idade do ouro, o jardim das hespérides), e bíblicos (o Éden). Foi uma ideia de grande força e duração, que atravessou os séculos e deslocou-se no espaço, passando da África para as Índias e, então para a América. Nessa *translatio* encontra-se, talvez, o signo de uma necessidade, a de um lugar edênico, que é a prova da sua força perante os mecanismos da história. A mentalidade edênica foi, num certo sentido, o verdadeiro motor da colonização americana:

Ao lado da interação de base material e da estrutura ideológica, e como decorrência dela, não falta quem aponte para a circunstância de que, sendo as ideias fruto dos modos de produção ocorridos em determinada sociedade, bem podem deslocar-se para outras áreas onde não preexistam condições perfeitamente idênticas, e então lhes sucederá anteciparem nelas, e estimularem, os processos materiais de mudança social.<sup>209</sup>

Embora dedicando-se ao estudo de ideias e mentalidades de tempos remotos, que remontam aos primeiros séculos de colonização, à própria origem do Brasil, Sérgio recusa uma concepção de história exclusivamente erudita, antiquária, que seja somente uma estetização do passado: para ele as raízes produzem seus frutos no presente. Por esse motivo, um bom historiador sempre reflete sobre a atualidade. Na vida pessoal, Sérgio engajou-se com a situação política do seu tempo, mesmo quando, ficando na retaguarda, limitava-se a indicar, através dos seus livros, as origens das degenerações do presente, apontando para as carências da formação nacional. Numa palestra pronunciada em São Paulo à inauguração de um curso sobre a história da arte barroca no Brasil, cuja transcrição foi publicada em ocasião do cinquentenário do escritor no Diário Carioca de treze de julho de

---

<sup>208</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 23.

<sup>209</sup> *Ivi*, p. 24.

1952, sob o título *O senso do passado*, Sérgio aprofunda esta relação entre passado e presente no papel do historiador:

Penso apenas nessa espécie de ilusão desastrada que trata de ver uma contrariedade e incompatibilidade fundamentais entre a evocação ou o estudo do passado e o interesse permanente pelos fatos e problemas dos nossos dias. Historiador, ao menos por inclinação intelectual e também por profissão, tenho sido muitas vezes abordado acerca do paradoxo que haveria no estimar-se e apreciar-se com o mesmo fervor as manifestações artísticas- e não somente artísticas- do passado e do presente. Não existiria flagrante incongruência entre as duas atitudes: uma presa às formas transatas, estabilizadas e estabilizadoras; outra atenta a expressões ainda instáveis e em muitos casos revolucionárias? Minha resposta inevitável é de que não existe um tal paradoxo pois, para o verdadeiro historiador, as duas tendências não se contradizem, antes se enlaçam e se completam.<sup>210</sup>

A conexão entre a palestra de 1952 e a atmosfera que presidiu a escritura de *Visão do Paraíso* é confirmada pelo próprio Sérgio quando, numa célebre entrevista concedida a Richard Graham, revela que «*Visão do Paraíso* deveria ser a introdução de um estudo do barroco no pensamento luso-brasileiro. Mas a introdução ficou maior do que o tema central»<sup>211</sup>. Na mesma entrevista, relatando como anedota uma conversa entre os historiadores Marc Bloc e Henri Pirenne, -fato que fala claramente sobre as suas referências científicas, mesmo em 1952-, onde o estudioso belga teria justificado o seu interesse para a arquitetura contemporânea<sup>212</sup>, pois era «um historiador, não um antiquário»<sup>213</sup>, Sérgio põe o foco da verdadeira e boa historiografia na capacidade de conectar as pulsões profundas do passado com as veias do presente:

Ninguém menos apto, em realidade, para conhecer e valorizar o passado do que aquele que voluntariamente fecha os olhos à sua época, às solicitações e aos estímulos do mundo que o cerca. [...] Nessa faculdade de apreender em tudo a vida presente, o mundo presente, está, com efeito, uma das qualidades dominantes do historiador.<sup>214</sup>

As recuperações do passado, porém, têm que ser feitas numa maneira crítica, científica, para entender as possíveis direções do futuro e para contrastar as suas possíveis degenerações: a *história magistra vitae* não tem que se tornar madrinha, o seu peso não deve aniquilar as possíveis aberturas para o futuro:

---

<sup>210</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O senso do passado». In: *Revista do Brasil*, junho 1987, p. 82.

<sup>211</sup> RICHARD GRAHAM, «Uma entrevista». In: *Revista do Brasil*, junho 1987 p. 107.

<sup>212</sup> Lembremos que Sérgio projetaria ter a própria casa construída pelo arquiteto e amigo Oscar Niemeyer.

<sup>213</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, «O senso do passado», op. cit., p. 84.

<sup>214</sup> *Ivi*, p. 83.

Mas o sentimento que comandará a inteligente e boa interpretação do passado é, por si mesmo, sereno e inclusivo. Fixando determinada era, ele não cuida de destacá-la das demais, em particular da era presente, para colocá-la sobre um pedestal perene. Busca, ao contrário, situá-la na corrente móvel dos acontecimentos, inseri-la no curso da História, justamente da História que se alimenta da diversidade dos tempos e das coisas. Estamos aqui nos antípodas do sentimentalismo, que, este sim, é naturalmente exclusivo e não tolera partilhas. Quando queremos sentimentalmente uma coisa ou uma época, queremos-la com exclusividade e ciúme, contra as outras coisas e contra as outras épocas. Por isso repito que o sentimentalismo histórico é o que há de mais avesso ao senso do passado. Não é próprio do historiador, mas do mau antiquário. O próprio do historiador não está em querer ver e enaltecer o passado no presente ou vice-versa, mas em reconhecer e estimar as formas diferentes que se sucedem através dos tempos. Conservar, restaurar, procurar entender o patrimônio histórico de cada povo é, sem dúvida, uma das grandes e gratas missões do historiador. Refazer, porém, o presente, nos moldes do passado, de um passado que escolhemos e arbitrariamente isolamos para convertê-lo em norma insistente, é contrariar e trair essa missão.<sup>215</sup>

A crítica de Sérgio refere-se, especialmente, aos apologistas e aos saudosistas de um presumido passado áureo, aos conservadores que se apoiam na exaltação fictícia da história, no seu fetiche, para fundamentar o próprio senhorio no presente. Em *Raízes do Brasil*, já escrevera:

E será legítimo, em todo caso, esse recurso ao passado em busca de um estímulo para melhor organização da sociedade? Não significaria, ao contrário, apenas um índice de nossa incapacidade de criar espontaneamente? As épocas realmente vivas nunca foram tradicionalistas por deliberação.<sup>216</sup>

Palavras que ecoam com força no texto de 1952, onde ele rejeita a ideia que o passado possa servir de modelo para a projeção do futuro, a não ser como um almanaque de problemas aos quais prestar atenção, de desvios e estradas sem saída, de erros a não ser mais cometidos:

É um cego engano pensar que estamos mais perto de nossos avós quando escolhemos, para nela residir, uma casa de arquitetura neo-colonial, como se diz, ou neo-barroca, e nos rodeamos de perfeitos fac-símiles do austero mundo que os rodeara. Só a cegueira pode esconder-nos que nesse caso estamos suscitando um ambiente feito de contrafações e pastiches, bem ao contrário dos nossos modelos, que viviam em sua realidade sempre presente e viva.<sup>217</sup>

---

<sup>215</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. «O senso do passado». In: *Revista do Brasil*, nº3, junho 1987, p. 83.

<sup>216</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil* (edição crítica), org. Pedro Meira Monteiro & Lilia Moritz Schwarcz, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 43.

<sup>217</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. «O senso do passado». In: *Revista do Brasil*, nº3, junho 1987, p. 84.

Em *Visão do Paraíso*, a atribuição ao Brasil de características edênicas, encontradas em textos do período colonial, para além do interesse estritamente histórico, é acompanhada pela individuação e desestruturação dos padrões de comportamento que se acompanharam à mentalidade edênica, levando a colonização para êxitos em alguns casos nefastos. Nunca se abandona, o nosso autor, à exaltação ufanista da terra brasileira como terra paradisíaca. Da mesma maneira, a constatação de que o paradigma edênico se encontra, entre os colonizadores portugueses, numa forma reduzida, atenuada até quase os limites do possível, longe de constituir, para Sérgio, uma prova da superior mentalidade racional e proto-científica lusitana, é reconduzida por ele a um atraso, a uma sobrevivência de modelos e esquemas de raciocínio medievais, em contraste com o pensamento cósmico e que tende a generalizar a maravilha dos castelhanos. Das reflexões conduzidas em torno de *Raízes do Brasil* sabemos, por exemplo, que a *cordialidade* dos portugueses, dependente do seu *personalismo* e do seu *desleixo*, não levou à ausência da escravidão, mas pelo contrário a uma sua longa persistência. Mesmo na fraca convicção em doutrinas racistas, que levaram a uma pluralidade de interações entre *casa-grande e senzala*, a escravidão podia sobreviver porque não era um problema de princípios, de abstrações, mas de simples disparidade de poder. Da mesma maneira, *Visão do Paraíso* enfrenta o problema da percepção dos gentios no recém-nascido Brasil: se a colonização castelhana cometera inenarráveis violências contra os indígenas, porém a sua mentalidade “abstrata” chegara a produzir reflexões, como as de Las Casas e de Vitória, que os enalteciam até considerá-los bons selvagens, homens não manchados pelo pecado original. A mentalidade portuguesa, pelo contrário, mais realista, sem se preocupar muito com a natureza boa ou maligna dos gentios, concentrava-se mais na sua maior ou menor atitude para o trabalho e para a rebeldia.

A crítica de Sérgio às errôneas interpretações em chave ufanista do ideal edênico e do racionalismo dos colonizadores portugueses é explícita no prefácio à segunda edição do livro. Talvez ciente da antiga apropriação feita pelos teóricos do Estado Novo do conceito de *cordialidade*, substituída por uma mais evocativa e duvidosa *bondade* natural do povo brasileiro, Sérgio -agora que começa um novo regime autoritário, o dos militares- declara que essas tendências da colonização do Brasil não foram traços pertencentes a uma intrínseca identidade portuguesa, mas um aspecto da sua cultura, portanto abertas a mutações e compartilhadas com outros povos:

Quando acima se mencionaram razões históricas que ocasionariam as atenuações plausíveis, não se quis associá-las a alguma suposta e imutável característica étnica, ou a um vago “espírito nacional” dos portugueses, que os definisse, em particular, contra os castelhanos. Entende-se, isto sim, que essas “atenuações” e, de modo mais amplo, toda a mitologia da conquista, se prendem sobretudo a contingências históricas onde, em última análise, vão deitar raízes, e que essas contingências podem variar não só no tempo, mas também no espaço.<sup>218</sup>

Eram contextualizações necessárias, dado que, desde a primeira edição de *Raízes do Brasil*, o mundo tinha experimentado as consequências peçonhentas do autoritarismo. E, com efeito, não faltavam riscos de que *Visão do Paraíso* fosse interpretado como uma clássica exaltação da linda terra brasileira e do excepcional espírito do colonizador português. Numa resenha do livro, que apareceu no jornal “*O Estado de São Paulo*” no dia 6 de dezembro de 1959, o crítico, amigo e colega modernista Sérgio Millet faz exatamente isso, transformando as observações neutras ou negativas de Sérgio em celebrações do esplendor da colonização:

O que [*Sérgio*] aponta nesse livro é um aspeto da colonização portuguesa que, em parte, explica o milagre da unidade brasileira: o espírito funcional de nossos desbravadores, seu apego á realidade, sua faculdade de adaptação ao meio que outros povos mais sonhadores não tiveram. Essa conjunção da audácia á prudência, essa capacidade de fitar o céu sem tirar os pés do chão, constituíram em verdade a grande força e o segredo do êxito lusitano em terras da América. [...] A “inspiração prosaicamente utilitária” dos cronistas portugueses não os levou a se deixarem empolgar pela visão de um paraíso recuperado. Uma constante preocupação de tirar partido prático da terra descoberta evitou-lhes aventuras que não evitaram os espanhóis. Por isso enquanto estes ainda se aplicam a destruir e converte, criando ressentimentos e ódios, já os portugueses vão alcançando resultados positivos na assimilação do gentio e na exploração das riquezas brasileira.<sup>219</sup>

O artigo parece apresentar uma renovada aplicação da equivocada cordialidade à *Visão do Paraíso* e ao movimento todo da colonização do Brasil. Talvez neste ponto se enlacen as considerações feitas, em 1969, relativamente ao ideal edênico, nas suas diferentes declinações, no contexto da colonização da América do Norte. Se as «representações coletivas» e os «mitos nacionais»<sup>220</sup> dos UEA correm o risco de transformar-se, quando tendem à uma afervorada e impossível recuperação de um paraíso perdido, de

---

<sup>218</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 23.

<sup>219</sup> SÉRGIO MILLIET, «Visão do Paraíso». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017 (imagem fac-símile do artigo original).

<sup>220</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, op. cit., p. 14.

uma missão coletiva e revolucionária para a regeneração moral, um «símbolo narcisista do retraimento conservador»<sup>221</sup>, os riscos que uma tentativa de reprodução pedissequa de padrões conceituais do passado no presente produza danos são elevados. Especialmente quando subsista a noção de que «os valores dominantes na civilização americana são como uma dádiva da história, isto é, de que os primeiros colonos, os *Founding Fathers*, equiparam o país, desde o nascimento, com uma teoria política completa e adequada a todas as suas necessidades futuras»<sup>222</sup>. O mesmo discurso valia numa situação como a brasileira onde, escreve Sérgio, na exaltação da essência edênica da terra se enlaçava a história do ufanismo nacional: «"Todos cantam sua terra"..."Minha terra tem palmeiras"..."Auriverde pendão"..."Porque me ufano do meu país"...».<sup>223</sup>

A análise dos motivos edênicos, e o exercício do estudo histórico, não devem servir como altar onde consagrar um culto ao passado. Deveria, ao contrário, livrar-nos da compulsão à repetição de erros seculares, ou como mínimo ajudar-nos a prestar atenção nos mecanismos recorrentes da nossa cultura e nos problemas que podem criar. Contra a exaltação dogmática do passado, Sérgio escreve:

Seja qual for o real valor da explicação aqui oferecida para o empenho moderno de autores americanos no sentido de uma recuperação da história primordial, é fora de dúvida que ela pode prestar-se a equívocos, quando acena vivamente para aquela ambição nostálgica de viver de novo as próprias origens. Estou longe de crer que as tentativas de captar, instalando-a no campo da história das mentalidades, tomada a palavra no sentido mais amplo (e não apenas no sentido de história das ideias conscientemente adotadas), uma representação ideal, espontânea ou refletida, que tao sedutora pareceu aos primeiros exploradores deste continente, devam equivaler à ambição de recuperar um passado perdido. Nem acho que mostrar a força de contágio que teve naqueles começos a imagem edênica, ou até procurar ver como tal imagem, embora fazendo-se mais rala ou tomando formas novas com o correr do tempo, signifique necessariamente renunciar a uma lúcida inteligência das coisas idas para soçobrar no impreciso ou no irracional. Ou, ainda menos, para ceder à magia ancestral do mito e querer ressuscita-lo, como se dessa forma nos fosse ainda possível fazer milagres.<sup>224</sup>

A glorificação sonambúlica do passado produz monstros. A dedução é que o ensinamento da história pode provir só numa maneira negativa; ela pode ensinar, em outras palavras, somente aquilo que não se deve fazer. Não pode fornecer modelos pré-

---

<sup>221</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 19.

<sup>222</sup> *Ivi*, p. 20.

<sup>223</sup> *Ivi*, p. 29.

<sup>224</sup> *Ivi*, p. 21.

constituídos para a construção do futuro. A sua função, se ela deve ter uma função, é portanto informar e tentar mudar padrões sociais iníquos. O verdadeiro ofício do historiador deveria ser, assim, aquele do exorcista: ele deveria livrar o passado da presença de assombrações que secularmente se perpetuam:

Esta espécie de taumaturgia não pertence, em verdade, ao ofício do historiador, assim como não lhe pertence o querer erigir altares para o culto do Passado, desse passado posto no singular, que é palavra santa, mas oca. Se houvesse necessidade de forçar algum símile, eu oporia à figura do taumaturgo a do exorcista. Não sem pedantismo, mas com um bom grão de verdade, diria efetivamente que uma das missões do historiador, desde que se interesse nas coisas do seu tempo –mas em caso contrário ainda se pode chamar historiador?- consiste em procurar afugentar do presente os demônios da história. Quero dizer, em outras palavras, que a lúcida inteligência das coisas idas ensina que não podemos voltar atrás e nem há como pretender ir buscar no passado o bom remédio para as misérias do momento que corre.<sup>225</sup>

Por um lado, então, Sérgio nos convida a mergulhar na história, porque não existe uma divisão nítida entre os tempos idos e o presente, entre as gerações, e, por outro, nos convida a não idolatrar o passado, a não atribuir qualquer sentido mágico a um hipotético mas inexistente paraíso perdido no tempo. Especialmente porque, na perspectiva de Sérgio, o passado brasileiro não é um modelo que possa servir de inspiração: ele sempre tem sido caracterizado por uma constante aplicação da violência. Na sua última entrevista, depois de ter relatado o projeto de escrever uma obra sobre a «tradição autoritária-militar no Brasil»<sup>226</sup>, evidentemente conectada com a experiência da ditadura que ia se exaurindo, resume a própria opinião sobre o sentido da história, para excluir *tranchant* a ideia de que possa ser glorificada:

Como Croce disse, toda história é história contemporânea. O historiador escreve com uma visão da sua época. O historiador está dentro da história. Mas o passado não é o presente e o bom historiador sabe disso. O passado, é claro, leva ao presente e ajuda a explica-lo. A função do historiador, no entanto, é nos fazer esquecer do passado, nos libertar dele. No caso do Brasil, nosso passado é tão triste que o melhor é esquecê-lo.<sup>227</sup>

A busca no passado de modelos para orientar o presente é, portanto, uma armadilha. No seu importante livro *Urdidura do Vivido*, dedicado ao estudo da obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950, Thiago Lima Nicodemo aponta para o que seria, na

---

<sup>225</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 22.

<sup>226</sup> RICHARD GRAHAM, «Uma entrevista». In: *Revista do Brasil*, nº6, junho 1987, p. 106.

<sup>227</sup> *Ivi*, p. 108.

conceção de história de Sérgio Buarque de Holanda, uma contrariedade radical -reflexo da antiga *querelle* sobre a construção do artigo *O lado oposto e outros lados*, de 1926- a fornecer um compêndio dos traços íntimos brasileiros, para evitar que possam se tornar tijolos na constituição de um discurso nacionalístico:

Em numerosos estudos de “formação” publicados pela mesma época encontra-se insistente o apelo àquilo que um ensaísta norte-americano denomina “passado utilizável”, para a composição de quadros empolgantes que se apresentam ao mesmo tempo como terapêutica ideal para todas as nossas mazelas. Essas supostas reconstruções, que levadas à sua forma extrema desembocariam em manifestações totalitaristas, especialmente na doutrinação integralista, mal interessam, em sua generalidade, à pesquisa historiográfica.<sup>228</sup>

A imagem de Sérgio que emerge é aquela de um discreto iconoclasta, que desconfia profundamente da história como modelo. Na leitura de Thiago Lima Nicodemo, Sérgio exalta fortemente a imagem do exorcista como símbolo de quem lida na justa maneira com o passado: rechaçando-o e dissipando-o. É nessa posição anti-historicista que se encontraria a ligação entre a posição historiográfica buarqueana e a sua militância modernista:

Analisando a mesma questão podemos medir a importância e os possíveis desdobramentos da avaliação extremamente negativa que intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. propuseram. Pensar no sentido da colonização do Brasil como fenômeno eminentemente exploratório e, de certo modo, inescrupuloso, é desejar seu exorcismo. Mesmo que isto implique a renúncia a qualquer prognóstico racional que se possa estabelecer analisando o ritmo e o sentido dos acontecimentos no passado.<sup>229</sup>

Talvez não seja necessário renunciar à função da história como *magistra vitae*. Da obra de Sérgio Buarque de Holanda emerge, entre o coro das vozes críticas, um nítido amor para a história, para o prazer que ela sabe dar, e, segundo minha concepção, para a cultura brasileira. O importante para Sérgio é conduzir o próprio trabalho com objetividade, sem deixar-se seduzir pelo espírito do tempo. O pesquisador deve sempre manter a própria visão independente e clara. A esse propósito, considero interessante uma anedota que Sérgio conta em sua já citada última entrevista:

Em 1941, recebi um convite do Departamento de Estado, e visitei os Estados Unidos. Naquela época, Lewis Hanke me perguntou “Você escreverá um livro sobre este país?”, ao

---

<sup>228</sup> THIAGO LIMA NICODEMO, *Urdidura do Vivido*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 193.

<sup>229</sup> *Ivi*, p. 199.



que respondi que só passaria lá três meses. Hanke retorquiu, “Está perfeito. Se você pretendesse escrever um livro sobre um país, três meses é o tempo ideal. Ou isto, ou você tem que viver no país durante dez anos. Se você ficar aqui seis meses, Não será mais capaz de fazê-lo.” E ele estava certo. Há o choque da novidade, e depois perde-se isto.<sup>230</sup>

O que conta, para o historiador, é ser capaz de distanciar-se, de manter sempre um juízo crítico. Não pertence à deontologia do bom historiador deixar-se capturar pelas se-reias do saudosismo ou do ufanismo; colaborar, em outras palavras, através das suas pesquisas, à construção das ideologias. A única construção que ele pode estabelecer é mais parecida com uma terraplanagem: identificar e remover as formas historicamente cristalizadas da injustiça e da ineficiência, para que o melhor venha à tona. Como quem comece a ver a própria terra sob uma luz diferente, depois da experiência de um exílio, o historiador não pode se encaminhar na estrada sem saída dos lugares comuns. Estrangeirado no seu próprio contexto, ele deve se por ao nível do céu para ver os frutos, ao nível do chão para ver as raízes.

---

<sup>230</sup> RICHARD GRAHAM, «Uma entrevista». In: *Revista do Brasil*, nº6, junho 1987, p. 109.

## 4.2| A cornucópia dos mitos ibero-americanos

O alvo da extensa dissertação de *Visão do Paraíso*, como já foi brevemente mencionado, é a indagação de uma ideia, a do Paraíso Terreal, das suas várias declinações, no espaço e no tempo, e dos seus produtos na mentalidade dos descobridores do Novo Mundo e no próprio processo da colonização americana. Porque o ideal edênico não foi simplesmente um *topos* literário; não ficou limitado ao campo da especulação erudita. A busca de um paraíso perdido foi, pelo contrário, uma das motivações principais dos navegadores da época dos descobrimentos e dos colonizadores do período colonial, dando forma à própria visão do mundo daqueles aventureiros. A imaginação de um globo organizado segundo uma ordem simbólica foi um grande impulso para a descoberta de novas terras: na hierarquização cósmica que eles percebiam, o paraíso terreal constituía o eixo, e as demais regiões apresentavam uma crescente degradação de força vital, graça divina e beleza sensível, quanto maior fosse seu afastamento do centro simbólico.

A centralidade da motivação edênica não significa que não houvesse outras razões para a conquista, de ordem mais prática. A obsessão pelo ouro sempre foi uma constante das aventuras ultramarinas, basta pensar que encontrou um papel substancial mesmo num documento tão benévolo como a *Carta de Caminha*. A oscilação, porém, entre um princípio transcendente, sagrado, de organização da vida, e uma mais prosaica sede de riquezas, que para nós poderia parecer uma insanável contradição, para os atores dessa incipiente estréia da modernidade representava uma síntese perfeitamente lógica e razoável. A riqueza não era um produto, mas um achamento. Ela fazia parte de uma construção alegórica do mundo. Os bens do espírito eram frequentemente vistos como inseparáveis dos corporais, configurando-se como correlato objetivo do milagre. Se, nas palavras do próprio Sérgio, por um lado «aqueles metais, aquelas pedras rutilantes e raras, podem seduzir vivamente aos cobiçosos da riqueza e grandeza da terra», por outro «o fascínio que despertam tem sua origem na mesma atração exercida por algumas das formas mais vistosas, peregrinas, às vezes monstruosas, da natureza».<sup>231</sup> E, aliás, como condenar a apreciação

---

<sup>231</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 299.

do nobre metal, quando os próprios santos, mesmo pregando a vaidade das coisas terrena, o buscavam para enriquecer os templos e as cerimônias, *ad maiorem Dei gloria?*

A mentalidade dos descobridores, se repararmos bem, era orientada por um raciocínio de tipo mítico: nela os opostos não se excluíam, mas pelo contrário se fundiam e se sincretizavam. Num mundo percebido por meio do mito, onde tudo é possível, não seria impossível, em outras palavras, a suspensão dos nexos causais habituais, ou, ainda melhor, a sua conciliação. Origem e junção de todos os mitos era o Paraíso terreal: lugar de natureza superior, quase divina, dele se emanam todas as outras maravilhas, de modo que quanto mais aproximava-se a ele, tanto mais seriam aumentados o ouro, os animais fantásticos, os portentos.

Os próprios monstros, exemplos por definição do perigoso e do arrepiante, não escapavam dessa perspectiva. Longe de minar a confiança dos exploradores na essência supremamente deleitosas do lugar escondido que buscavam, a absoluta crença na presença de criaturas assustadoras era uma prova ulterior da existência de um paraíso entre as selvas. De certo modo, os monstros compartilhavam e espelhavam algumas características da mais almejada dádiva da terra, a esmeralda, no seu possuir «uma espécie de auréola difusa, promessa de outras e maiores maravilhas».<sup>232</sup> A mentalidade mítica ligava todas as manifestações sobrenaturais do novo mundo, agradáveis ou perigosas, e as fazia remontar à existência de um lugar especialmente abençoado pela providência. Os monstros em questão eram bem diferentes de demónios: habitando aqueles lugares desde tempos remotos, faziam parte da ordem do mundo pensado por Deus, com o papel de revelar as suas mais secretas mensagens. As monstruosidades que cercam o Éden eram o sinal de um mundo incorrupto, mais perto do seu desígnio originário. Assim como nos bestiários medievais cada animal era figura de uma virtude da divindade, cada maravilha desse mundo desconhecido, seja ele um monoceronte ou um beija-flor, seja um hermafrodita ou uma amazona, representava uma lição a ser interpretada.

Todas as criações dessa natureza exuberante eram, na linguagem erudita do tempo, recuperada por Sérgio, hieróglifos<sup>233</sup>: figuras de um ensinamento transcendente. Assim aconteceu, a título de exemplo, com os prodígios da flora americana: a flor da indígena *maracujá*, *granadilla* para os castelhanos, torna-se *flor da paixão*, pelo seu

---

<sup>232</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 125.

<sup>233</sup> *Ivi*, p. 321.

compendiar, na sua esquisita beleza, os sofrimentos de nosso senhor<sup>234</sup>. O mesmo procedimento, e em tons ainda mais hiperbólicos, aconteceu com o abacaxi: a gostosa fruta tornou-se retrato do rosário no Novo Mundo, substituindo a rosa do Velho. Porque, se a rosa tem «coroa, púrpura, trono e guarda real para representar na cor os mistérios gozosos, nos espinhos, os dolorosos e na gala, os gloriosos»<sup>235</sup>, o abacaxi tem tudo isso e, ademais, é um doce fruto, metáfora de uma graça mais plena. Cada elemento dessa mitologia americana torna-se desta forma depositário de recônditas verdades.

Nessa transformação em chave mítica da realidade, o mundo todo torna-se um texto a ser decifrado, e a descoberta de novos continentes incontaminados, ainda intocados ou pouco tocados pela ação perturbativa e corruptiva do pecado original, abre a possibilidade de atingir uma felicidade antes inesperada. À confirmação da resistência desse ideal edênico, dessa necessidade, de certa forma, da existência de um lugar na terra indene, como uma nova arca de Noé, dos efeitos venéficose do envelhecimento moral e substancial da terra, pode-se apresentar o curioso fenômeno da relocação da suposta localização do Éden. Se, segundo a lógica das sagradas escrituras, o Paraíso terreal teria que se situar em algum lugar da África, conforme dele nasceriam os quatro maiores rios do globo (o Tigre, o Eufrates, o Nilo e o Ganges), algumas fontes o posicionavam porém nas bandas da Índia, cofre natural de todas as maravilhas. Todos sabem que Colombo achava, originariamente, ter desembarcado nas ilhas mais orientais do continente asiático; difícil de imaginar, para nós, é que a confusão entre Índias e América teria perdurado por décadas. Mesmo quando a separação entre os dois continentes acabara, sobrevivia ainda o equívoco irracional, porém fixo, que houvesse algum tipo de ligação entre as duas terras, separadas pelo Pacífico. Foi possível, assim, que acontecesse uma translação mental do Paraíso da África para a Índia, e, daqui, para as Américas. Nesse evidente choque de noções, os nossos antecessores não achavam nenhuma inquietação: tão forte a atração do mito, que quanto mais o mistério aumentava, tanto mais considerava-se sábio acreditar nele. Esse tipo de pensamento, capaz de urdir numa rede conceitual as mais disparadas manifestações do deslumbrante e do transcendente, era o alento das iniciativas dos descobridores:

---

<sup>234</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 342.

<sup>235</sup> *Ivi*, p. 350.

A mentalidade da época acolhe de bom grado alguns modos de pensar de cunho analógico, desterrados hoje pela preeminência que alcançaram as ciências exatas. Em tudo discernem-se figuras e signos: o espetáculo terreno fornece, em sua própria evanescência, lições de eternidade. A Natureza é, em suma, “o livro da Natureza”, escrito por Deus, e, como na Bíblia, encerra sentidos ocultos, além do literal. Até a razão discursiva, feita para o uso diário, deixa-se impregnar, não raro, da influência do pensamento mítico, e entre os espíritos mais “realista” encontram-se as marcas dessa atitude, que traz no bojo um sentimento vivo de simpatia cósmica.<sup>236</sup>

O pensamento mítico da época, então, pressupõe a existência, no Novo Mundo, de um Éden perdido, crença derivada por tradição direta da Idade Média. Esse lugar paradisiaco, porém, não era mais um lugar exclusivamente transcendente, cuja ação salvífica limitava-se ao campo da escatologia, como na concepção dos séculos precedentes: era agora possível, mesmo se através de longas peripécias, alcançá-lo, para gozar de seus dons: se não fosse a vida eterna no jardim das delícias, seria pelo menos um gole de água da fonte da juventude, ou parte do ouro que perto dele necessariamente seria achado em abundância. A sua existência, como também a existência de inúmeros portentos a ele ligados, era tida por certo não só pelas camadas mais baixas da população, ou por navegadores em busca de aventura e de riquezas, mas também por letrados, religiosos, homens de igreja:

Essa psicose do maravilhoso não se impugna só à singeleza e credulidade da gente popular. A ideia de que do outro lado do Mar Oceano se acharia, se não o verdadeiro Paraíso Terreal, sem dúvida um símile em tudo digno dele, perseguia, com pequenas diferenças, a todos os espíritos. A imagem daquele jardim fixada através do tempo em formas rígidas, quase invariáveis, compêndio de concepções bíblicas e idealizações pagãs, não se podia separar da suspeita de que essa miragem devesse ganhar corpo num hemisfério ainda inexplorado, que os descobridores costumavam tingir da cor do sonho. E a suspeita conseguia impor-se até mesmo aos mais discretos e atilados, àqueles cujo espírito se formara no convívio assíduo com os autores da Antiguidade.<sup>237</sup>

A atração pelo exótico e pelo maravilhoso não se exauriu conforme as reais dimensões e características do continente vinham sendo desvendadas: o dogma da excelência da terra americana propagou-se por longos séculos, mesmo quando, passado o deslumbramento inicial, «ainda se mantém longamente por força dos costumes e da inércia,

---

<sup>236</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 118.

<sup>237</sup> *Ivi*, p. 273.

conseguindo sobrepor-se tranquilamente aos primeiros desenganos». <sup>238</sup> A esse propósito, pode-se relatar o testemunho de Pero de Magalhães Gândavo, que na sua História da Província de Santa Cruz, já em 1576, relaciona o nomadismo dos índios à própria busca do jardim do Éden, pois eles procurariam sempre novas terras «afim de lhes parecer que acharão nellas imortalidade e descanso perpétuo». <sup>239</sup>

Quais são, então, as características desse almejado Paraíso Terreal? Ele apresentava características eminentemente fixas: era um lugar de extraordinária beleza, verde, coberto de ervas e árvores. Nele havia abundância de fontes de água cristalina, e o cheiro das flores permeava os bosques. O ambiente era animado pela música dos pássaros canoros que aí voavam, e as frutas ofereciam-se ao paladar humano sem a necessidade de trabalho. O clima era imerso numa eterna primavera, e não havia nem frio, nem calor excessivo. A bondade dos ares e a favorável disposição dos astros completavam o deleitoso quadro. Além disso, quem vivesse nesse paraíso não teria padecido de doenças, nem envelhecimento.

Na imagem portentosa do Éden chegaram a entrelaçar-se, naquela época, para além de motivos bíblicos, lendas medievais e temáticas atingidas da literatura clássica. Sob o aspecto das heranças da Idade Média, ainda tão patentes numa figura geralmente considerada “além” da sua época como Colombo, e que pelo contrário se revela «tributário de velhas convenções eruditas, forjadas ou desenvolvidas por inúmeros teólogos, historiadores, poetas, viajantes, geógrafos, até cartógrafos» dos séculos precedentes, pode ser encerrada a certeza inabalável de que o jardim das delícias seria «inconcebível sem a presença de uma fauna mais ou menos antropomórfica.» <sup>240</sup> Por esse motivo, quando de volta da sua primeira viagem, acredita ter encontrado, entre as ondas do oceano, a silhueta de duas sereias, embora um pouco mais parecidas com grossos peixes do que seria desejável, registra o acontecimento sem grande fervor. Mas a lenda medieval que talvez teve o maior êxito ao longo destes séculos foi a da Ilha dos Beatos, tema incluído no famoso texto de tradição irlandesa da *Navigatio sancti Brendani*. A lenda, declinando em chave profundamente religiosa a busca do Éden esquecido como meio de alcançar uma salvação espiritual, que se acharia numa ilha paradisíaca cercada por mares tempestuosos, deu

---

<sup>238</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 31.

<sup>239</sup> *Ivi*, p. 217.

<sup>240</sup> *Ivi*, p. 56.

origem a uma longa tradição de narrativas insulares, em que desembocaram logo lembranças clássicas das lendárias *insulae fortunatae*. Entre as ilhas incluídas na navegação de São Brandão encontra-se, curiosamente, a *ilha Brasil*: mais uma vez o mito teria demonstrado sua natureza móvel, deslocando-se, como uma jangada de pedra, para o Novo Mundo, quando os descobrimentos lhe deram a possibilidade de se concretizar na deslumbrante tangibilidade do continente americano.

A ideia de que existe na Terra, com efeito, algum sítio de bem-aventurança, só acessível aos mortais através de mil perigos e penas, manifestos, ora sob a aparência de uma região tenebrosa, ora de colunas ígneas que nos impedem alcançá-lo, ou então de demônios ou pavorosos monstros, pode prevalecer, porém, independentemente das tradições clássicas ou das escolásticas sutilezas. Na história, por exemplo, das peregrinações de São Brandão, originária de antigas lendas celtas, a ilha dos Santos, meta dos navegadores irlandeses só é atingida após dilatada viagem sobre um mar infestado de dragões e gigantes, povoado de ilhas sagradas ou malditas, de onde se eleva, ao cabo, uma larga muralha de trevas, espécie de “mar tenebroso”, que hão de transpor os peregrinos quando já se achem quase à vista do lugar a que se destinam.<sup>241</sup>

A outra fonte primária que deu corpo aos motivos edênicos foi a recuperação sistemática de temas herdados da antiguidade clássica. Os descobridores mostravam a tendência a encontrar nas espécies vegetais ou animais reedições de modelos clássicos. Um exemplo emblemático é apresentado pelo próprio Colombo, que, nos seus relatos, narra de ter ouvido a constante música do canto do rouxinol. Trata-se de um pássaro eminentemente poético, fato eloquente a respeito da tendência no navegador a associar o novo ambiente em que se achava não com a mais simples imagem da experiência, mas pelo contrário com as áulicas descrições da literatura e da poesia. O rouxinol, escreve Sérgio Buarque de Holanda, era um pássaro desconhecido naquelas paragens, mas que constituiria:

um “atributo fixo, imutável, das primaveras poéticas, dos cerrados bosques umbrosos, dos jardins de delícias, que os poetas não se cansam de celebrar [...]” como se o encantamento em que a maravilhosa visão tinha posto o almirante só se pudesse manifestar por intermédio da convenção literária, sem ficar margem para a notação realística.<sup>242</sup>

---

<sup>241</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 59.

<sup>242</sup> *Ivi*, p. 54.

Mas o lugar onde com mais evidência nota-se uma sinergia entre cultura medieval e ressurgências de *topoi* da classicidade seja, talvez, no entrelaçar de imagens do paraíso terreal de ascendência popular ou sagrada com o mito da Idade do Ouro. Nessa idade feliz, identificada na época clássica com o reino de Saturno da terra, o homem não conhecia a fadiga do trabalho ou a dor da guerra, e percorria o mundo ainda jovem imbuído por uma serena e resplendente felicidade. A idade atual, pelo contrário, seria caracterizada pela violência e pela necessidade de ganhar o pão de cada dia com o suor do rosto, traçando uma ligação evidente com o episódio de Adão e Eva. A história, nessa perspectiva, seria dominada por uma tendência constante para a decadência, justificando a busca de um lugar ainda imaculado, permeado por uma formosura antiga. A saudade de um tempo perdido de intacta felicidade declinou-se, na literatura, em *topoi* tais como o *laudator temporis acti* ou o *ubi sunt*. Uma vez descoberto o Novo Mundo, porém, abriu-se a possibilidade de entrever naquela natureza exuberante e nos gentios da terra a imagem recuperada de uma postulada excelência do estado natural, ou, na linguagem dos homens de igreja, de um *statu innocentiae*, cujo estatuto fora descrito por Tomás de Aquino na sua *Suma Teologica*.<sup>243</sup> Assim, pôde o humanista Pedro Mártin de Anghiera, na descrição dos índios da ilha de Espanhola, chamá-los afortunados, visto que «Nus, sem pesos nem medidas, sem a mortífera pecúnia, vivendo na idade do ouro, sem leis, sem caluniosos juízes, sem livros, contentam-se com o estado de natureza, nada preocupado com o porvir».<sup>244</sup>

Dessa forma, na geografia fantástica dos descobridores, mas em medida ainda maior daqueles que, ficando na Europa, se nutriam de mitos de reflexo, para os quais o desconhecimento da América real aumentava a aura de mistério, foi possível a imaginação hiperbólica da unidade de todos os motivos edênicos, incarnada pelo paraíso terreal e pelos seus arredores. No Éden bíblico convergiram o Paraíso Terreal medieval, o *locus amoenus* literário, o Horto das Delícias erudito, o Jardim das Hespérides clássico. Ele ganhou consistência num lugar impreciso e remoto, mas real, do continente americano recentemente achado. A terra toda, por osmose, chegou a ser vista como terra sem mal, na qual não existiam doenças ou insetos molestos, os frutos da natureza se ofereciam espontaneamente e em abundância, as águas corriam frescas e limpas num contexto

---

<sup>243</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 276.

<sup>244</sup> *Ivi*, p. 275.



supremamente deleitoso, nunca tinha nem frio nem calor extremo, os ares eram saudáveis e os céus favoráveis, e onde os gentios viviam até tardíssima idade. Essa terra abençoada era, enfim, repleta de riquezas, apresentando «muito ouro de nascimento».<sup>245</sup>

Acerca desse eixo sobrenatural, articulavam-se os demais mitos: o do Eldorado, dado que quanto mais perto do Éden chegava-se, tanto mais seriam aumentados os dons da terra. O da Fonte da Juventa, pois a água sagrada e milagrosa manava do próprio Éden, para desembocar, depois de um tortuoso fluxo subterrâneo, aos pés da montanha mística. As próprias amazonas, mulheres guerreiras, para além de possuir elas próprias abundantes riquezas, eram de certa maneira postas à guarda do jardim onde Deus criara os primeiros homens. As mulheres guerreiras conservavam, segundo o relato de Gaspar de Carvajal, que tanto contribuiu para divulgar seu mito, seus ídolos de ouro e de prata em templos que chamavam “casas do sol”, cujas paredes eram revestidas de chapas de prata, e cujos tetos eram constituídos por penas de papagaios multicoloridas.<sup>246</sup> A referência ao sol não é casual, mas pertence em pleno a um tipo de pensamento que, como já foi dito, procede por analogias. O nosso astro, manifestação cardeal da graça divina, nasce, como todos sabem, *ex parte orientis*. Ele é o promanator e o gerente do elemento áureo<sup>247</sup>: por este motivo, a quantidade de ouro seria maior nas regiões onde ele nasce, e diminuiria progressivamente ao longo do seu curso. Isso significava, patentemente, que o maior depósito de metais preciosos ter-se-ia encontrado nas bandas da Índia, e, no continente americano, nas montanhas da costa pacífica. Deduzia-se que as áreas de maior interesse eram a Califórnia, e sobretudo, o Peru, “concubina dos ambiciosos”<sup>248</sup>. Se havia ouro e guerreiras lendárias a protegê-lo, o Paraíso Terreal não podia ficar distante.

A extrema prova da tendência intelectual conciliatória e unificadora daqueles homens pode ser considerada, para concluir, a lenda da “lagoa grande” de Parauapaba, lugar mítico da Cordilheira dos Andes, não distante do almejado lago do Eldorado, de onde proviriam as águas dos maiores rios do América meridional: o rio das Amazonas, o rio São Francisco e o Rio da Plata. Uma vez mais, a ideia de uma irmandade entre os maiores rios da terra era uma tradição herdada da original posição africana do Éden. Verdadeira

---

<sup>245</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 166.

<sup>246</sup> *Ivi*, p. 71.

<sup>247</sup> *Ivi*, p. 154.

<sup>248</sup> *Ivi*, p. 152.

chave do continente, a mítica lagoa se acharia não distante do jardim das delícias, de onde surgiriam as águas destinadas a banhar todo o Novo Mundo.

Qual foi, então, o tempo “mental” que presidiu ao desenvolvimento da epopeia americana? Prevaleceu o aspecto medieval ou o traço moderno? Como espero que estas páginas tenham demonstrado, os “motivos edênicos” são, em certa medida, uma herança da Idade Média. Eles faziam parte de um corpus de lendas que se transmitira de geração em geração sem solução de continuidade, e em que se formaram as concepções do mundo dos homens dos séculos XIV, XV e XVI. Concentrando a análise na figura de Colombo, Sérgio nos informa que:

Colombo não estava tao longe de certas concepções correntes durante a Idade Média acerca da realidade física do Éden, que descrevesse de sua existência em algum lugar do globo. E nada o desprendia da ideia, verdadeiramente obsessiva em seus escritos, de que precisamente as novas Índias, para onde o guiara a mão da Providência, se situavam na orla do Paraíso Terreal. Se à altura do Pária ele chega a manifestar com veemência essa ideia, o fato é que muito antes, e desde o começo de suas viagens de descobrimento, a tópica das “visões do paraíso” impregna todas as suas descrições daqueles sítios de magia e lenda.<sup>249</sup>

A idade média, portanto, ainda está viva na perspectiva conceitual em que se renovam os motivos edênicos em chave renascentista. O período preso em exame pareceria caracterizado por uma convivência de *formae mentis* de duas épocas que, na reconstrução histórica, são sucessivas; mais exatamente, porém, trata-se de um período liminar, onde o velho dilui-se lentamente no novo, e onde as sobrevivências da antiga ordem podem ressurgir inesperadamente, até em pleno Barroco, para suprir de significado uma realidade ainda incógnita e proteiforme. Essa imagem de uma época histórica de fronteira é apresentada, em *Visão do Paraíso*, num trecho que se tornou famoso:

A noção de que existiria uma fratura radical entre a Idade Média e o Renascimento, e é em suma a noção básica de Burchkhardt, tende a ser superada em grande parte da moderna historiografia pela imagem de uma continuidade ininterrupta. Mas precisamente a teoria da continuidade vem reforçar a importância desses momentos que se diriam crepusculares, momentos, no caso, em que a tese da produtividade inexaurível, quase orgiástica, do homem e da Natureza é ainda, ou já é, sofreada por hesitações e titubeio.<sup>250</sup>

---

<sup>249</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 53.

<sup>250</sup> *Ivi*, p. 279.

Trata-se, portanto, de uma “continuidade ininterrupta” entre as duas concepções do mundo e da vida. Os dois termos do binômio, porém, não são, como seria fácil de esperar, uma idade média espiritualizante e imaginativa mais obscurantista e crédula, e uma modernidade realista, racional, amarrada ao chão. A busca real do Éden perdido apresenta traços que seriam estados impossíveis de pensar no contexto de uma mentalidade medieval propriamente dita. Na idade média, a crença nos mitos era granítica mais passiva, subida. O homem era cercado por seres maravilhosos e transcendentais, mas não podia fazer a experiência deles. Enfim, não dissera o próprio Cristo que os homens eram «estrangeiros e peregrinos sobre a terra» e que seu reino «não é deste mundo»? A perspectiva do homem medieval era potentemente a da escatologia, a da salvação fora da história, no Outro Mundo. Os navegadores da era dos descobrimentos, pelo contrário, procuravam o Paraíso Terreal dentro da História, num Novo Mundo concreto e tangível. A reavaliação do homem desenvolvida pela Renascença comportou uma mudança de paradigma. Agora tornava-se possível, por meio do esforço e da inteligência humana (temperados por justas doses de sorte e de graça divina) alcançar metas antes consideradas inatingíveis.

É nessa encruzilhada que se situa o nascimento da utopia moderna. Mas é no mesmo cruzamento que as estradas da utopia propriamente dita e dos motivos edênicos se separam. O projeto utópico, com efeito, parece possuir uma carga maior de modernidade, no sentido antes enunciado: ele visa ao futuro, à construção de um novo paradigma. O seu alvo não é uma idade perdida a ser recuperada, mas uma terra prometida a ser construída com novas fundações. O pensamento edênico, pelo contrário, dirige o seu olhar para o passado: nunca cumpre o passo da criação de um modelo completamente novo, nunca traz até a sua ultimação a pulsão intramundana nele contida. Ele mantém-se sempre em equilíbrio entre o anelo transcendente e o alicerce terreno, entre o mistério e a localização concreta no globo terráqueo. A ação própria do edênico não é um andar, mas um voltar: ela quer o retorno a uma idade do ouro. Talvez por esses motivos a busca de paraísos perdidos seja o mais puro espelho dessa era liminar em que se desdobrou a aventura do descobrimento e da colonização do Brasil.

### 4.3| Experiência *versus* Fantasia: especificidade do pensamento edênico português.

Os motivos edênicos até agora apresentados como gerais pertenceram integralmente aos descobridores castelhanos. Entre os portugueses, porém, foram compartilhados em medida atenuada. Recuperando um estratagema retórico já experimentado em *Raízes do Brasil*, o da contraposição entre dois termos, que permite explicar ambos os conceitos, um na luz reflexa do outo, Sérgio opõe a mentalidade da fantasia, caracterizada por uma modalidade mítica de raciocínio, e mentalidade da experiência, própria dos portugueses, na qual o mito é recebido em maneira reduzida.

Para introduzir essa dicotomia, tão central em *Visão do Paraíso*, será conveniente voltar para os motivos edênicos concretos, para encontrar neles as traças dessa diferença. Focamo-nos, por exemplo, no mito do Eldorado, príncipe de todas as fantasmagorias coibiosas. O almejado lago em que um rei indígena lançaria regularmente inexauríveis riquezas, propulsaria, ao longo das décadas, inúmeras expedições à sua busca. A confiança na real existência do Eldorado era inabalável, ao ponto que chegou a contagiar os próprios governantes do reino espanhol. Os conquistadores castelhanos não achavam nenhuma dificuldade em conciliar o próprio senso prático com a mais exuberante imaginação, tanto que, como nos informa Sérgio, o seu acreditar na lendária cidade dourada era «tão obstinada [...] que chega em dado momento a receber um sinete oficial com a nomeação de Pedro de Orsúa para governador e capitão-geral do Dourado e com a remessa, em várias épocas, de poderosos contingentes militares incumbidos de descobrir aquele país encantado».<sup>251</sup>

O corresponsivo em terra brasileira do Eldorado foi a lendária Sabarabuçu, nome indígena que significa “serra resplandecente”, também conhecida como “sol na terra”. As refulgentes montanhas, tão reluzentes por serem constituídas totalmente ou quase por metais preciosos, foram o alvo sonhado de várias expedições de exploradores e, em seguida, de bandeirantes. A localização imaginada da mítica montanha achar-se-ia num ponto indefinido entre a fim do sertão e o começo do Peru. A quantidade de ouro seria tão grande,

---

<sup>251</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 78.

que os índios fariam dele gamelas para dar de comer aos porcos, ou se valeriam dele para pescar, atando um granel do precioso metal para a extremidade da linha.<sup>252</sup>

A matéria parece caber perfeitamente na definição de “motivo edênico”. Não há razões, porém, para considerar que o Rei de Portugal acreditasse excessivamente nos relatos hiperbólicos dos exploradores e dos informadores indígenas. Talvez o reino português não tivesse os meios ou a energia necessária para perseguir objetivos tão distante da costa: em qualquer caso, poucas foram as expedições oficiais que partiram em busca da mágica serra. As iniciativas particulares foram mais numerosas; elas, porém, pareciam visar mais à colheita de índios apresados.<sup>253</sup> Os mais abastecidos entre os habitantes da colônia, além disso, não pareciam concordar com a perspectiva de tornar o Brasil num novo Potosí, contentando-se do seu controle sobre os engenhos costeiros: pois uma vez que o tesouro tivesse sido descoberto, «lhes haveriam de enviar governador e vice-rei, meter presídios na capitania para sua maior segurança, multiplicar ali os tributos», com o resultado de que seriam «mandados onde antes mandavam, e nem lhes deixariam ir para o sertão, ou, se lá fossem, lhes tirariam as peças apresadas para as empregar no serviço das minas».<sup>254</sup> Melhor seria, então, que não se descobrisse o tesouro das preciosas minas.

Um outro fator, além disso, adicionou-se aos já mencionados, para tornar improvável a busca da serra resplandecente. Corrompendo lentamente o dogma da grande opulência do Brasil, alguns espíritos céticos chegaram a afirmar que a colônia era, na realidade, pobre de metais preciosos. Foi uma opinião periférica, mas existente, representada pelas palavras do governador-geral Dom Diogo de Meneses, que em 1609 mandou escrever ao Rei, para convencê-lo de que “As verdadeiras minas do Brasil são açúcar e pau brasil, de que Vossa Majestade tanto tem proveito sem lhe custar de sua fazenda hum só vintém».<sup>255</sup> Mesmo no geral crédito de que gozava a lenda da serra resplandecente do sertão, então, não se fez grande coisa para que a imaginação se convertesse em realidade, tanto que o Brasil raramente foi associado à exploração mineraria, até pelo menos à descoberta das Minas Gerais.

Focalizamos agora a atenção num outro motivo edênico, o da longa, até inaturalidade dos gentios da terra brasileira. A excepcional salubridade do ar e do solo americano

---

<sup>252</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 84.

<sup>253</sup> *Ivi*, p. 95.

<sup>254</sup> *Ivi*, p. 105.

<sup>255</sup> *Ivi*, p. 155.

deveriam, com certeza, levar os naturais a atingir uma longevidade surpreendente que era, nas palavras de Sérgio, «atributo dos patriarcas bíblicos» como Matusalém e, além disso, «sucadâneo plausível da imortalidade, própria do estado de inocência em que foram postos os nossos primeiros pais no Paraíso Terrestre».<sup>256</sup> O mito moveu seu primeiros passos graças às letras de Vespúcio, que estabelecia a idade dos gentios mais velhos, aproximadamente, em torno dos 132 anos. Um missionário francês, já em 1614, chegou por sua parte a avaliar, após ter residido por algum tempo entre os índios do Maranhão, o prazo de vida deles como compreendido entre os 120 e os 140 anos de idade.<sup>257</sup>

A opinião dos viajadores portugueses a propósito parece, em contraposição com a dos estrangeiros, distintamente mais realística. Gândavo, por exemplo, evita de fazer cifras e limita-se a referir que o ambiente era muito salúífero, tanto que as pessoas no Brasil viviam muitos anos em boa saúde, e os velhos que aí chegassem volveriam a renovar.<sup>258</sup> Damião de Gois, por sua parte, contenta-se de afirmar que a terra «he muito viçosa, muito temperada, e de muito bons ares, muito sadia, tanto que há mor parte da gente morre he de velhice, mas que de doença...».<sup>259</sup> É uma espécie de reticência ao panegírico que parece distinguir, de maneira geral, todos os relatos portugueses sobre o tema. A esse propósito, Sérgio afirma que:

A moderação relativa de todos os cronistas portugueses do século XVI e princípio do seguinte, quando lidam com esses assuntos, é tanto mais notável quando, muito depois da era dos grandes descobrimentos marítimos, não parece ter arrefecido a disposição do publico europeu para dar algum crédito às versões mais caprichosas dos viajantes sobre as terras ignotas do Novo Mundo.<sup>260</sup>

O lugar comum da longevidade indígena, portanto, não pôde evitar de se infiltrar na conceição dos colonizadores portugueses, mas o fez de maneira atenuada, quase eufemística, reduzida até os limites do fora do comum, não do milagre. À prática e à experiência, assim sendo, acompanhou-se em muitos casos entre os portugueses uma redução da portada mítica do *topos* edênico. Ele não desapareceu, evidentemente, dado que, mesmo quando desmentido pela prática, «ainda se sustentava pela simples força do hábito

---

<sup>256</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 357.

<sup>257</sup> *Ivi*, p. 367.

<sup>258</sup> *Ivi*, p. 361.

<sup>259</sup> *Ivi*, p. 367.

<sup>260</sup> *Ivi*, p. 366.

como acontece tantas vezes no campo das ideias».<sup>261</sup> Como desconfiar, enfim, de fenômenos que tinham sido atestados por inúmeros testemunhos? Como escreveu, a propósito das curiosidades do Novo Mundo, o jesuíta Padre Simão de Vasconcelos: «quem haverá que negue ainda hoje haver-se de ter por certa tradição tão constante, por tantas vias, por tantos reinos, por tantas nações, e casos tão extraordinários?».<sup>262</sup> Houve porém, de acordo com a interpretação de Sérgio, uma tentativa de conciliação «entre a fantasia e a realidade, entre a opinião e a observação».<sup>263</sup>

Mas a verdadeira prova de fogo, para a nossa hipótese -a da atenuação, entre os portugueses, da mentalidade edênica- será o atravessamento do único mito que Sérgio considera ser genuinamente de origem lusitana: o de São Tomé, apóstolo das Índias. Era muito antiga a crença que associava os cristãos da Índia, de ramo nestoriano, à pregação de São Tomé. Sabe-se também que, no horizonte conceitual da época, a Índia misteriosa e o ainda mais misterioso Novo Mundo eram de frequente fusos, desempenhando, para os homens da época, o mesmo papel: o da terra incógnita. Assim, pôde um cronista da época afirmar que «a terra do Brasil continua, dobrando, até Malaca».<sup>264</sup> De qualquer forma, pelos mesmo mecanismos da analogia que levaram a considerar conectados o extremo oriente e as américas, começou a acreditar-se no fato que, depois da sua pregação no continente asiático, o apóstolo Tomé teria desembarcado no Brasil, onde teria começado a anunciar o evangelho para os gentios. A tese do prévio conhecimento da palavra sagrada em terra brasileira podia achar reflexo na presença, entre os mitos de fundação indígenas, de um herói civilizador, que teria ensinado aos antigos habitantes do continente as regras do plantio e do preparo da mandioca. Os missionários jesuítas, evidentemente, não podiam evitar de achar nesse traço da cultura local uma potente facilitação para a construção de uma mitologia sincrética, preâmbulo para uma útil e salubre evangelização.

Seja como for, por todo o comprimento da terra brasileira começaram a se encontrar vestígios de misteriosos pés humanos, impressos na pedra. Independentemente das variações, descalços ou com sandálias, a presença das sagradas formas era tida como prova da passagem por aqueles lugares do Santo. E não demorou muito para que comesçassem a surgir testemunhas de outros milagres e a aparecer uma panóplia das mais diferentes

---

<sup>261</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 364.

<sup>262</sup> *Ivi*, p. 213.

<sup>263</sup> *Ivi*, p. 361.

<sup>264</sup> *Ivi*, p. 176.

reliquias, todas com poderes taumatúrgicos. O mito chegou a ser, enfim, uma confirmação da universalidade da atividade de evangelização dos apóstolos.

Parece de qualquer modo evidente que muitos pormenores dessa espécie de hagiografia do são Tomé brasileiro se deveram sobretudo à colaboração dos missionários católicos, de modo que incrustaram, afinal, tradições cristãs em crenças originárias dos primitivos moradores da terra. Que a presença das pegadas nas pedras se tivesse associado, entre estes, e já antes do advento do homem branco, à passagem de algum herói civilizador, é admissível quando se tenha em conta a circunstância de semelhante associação se achar disseminada entre inúmeras populações primitivas, em todos os lugares do mundo. E é de compreender-se, por outro lado, que entre missionários e catequistas essa tendência pudesse amparar o esforço de conversão do gentio à religião cristã.<sup>265</sup>

A lenda tornou-se tao forte que se difundiu em terras castelhanas. É interessante porém, nota Sérgio, observar –e aqui estamos voltando para o nosso assunto principal– como «à medida que avança do oriente para o poente, a imagem e a predicação do são Tomé americano se enriquece de novos e mais fantásticos elementos».<sup>266</sup> No Peru, por exemplo, quando perseguido pelos índios descrentes, o mesmo Tomé, que na tradição brasileira fugia às injúrias, rebelava-se com seus poderes sobrenaturais. No Paraguai, por ter o Santo fabricado uma grande cruz com a madeira olorosa e curativa da árvore de jacarandá, a planta começou a ser chamada de pau-santo. O mito adquiriu, portanto, uma vasta envergadura, espalhando-se por todo o sul-américa. O próprio Nóbrega escrevera que São Tomé, antes de voltar à Índia, onde concluiria a sua aventura terrena, teria anunciado para os Índios, pelos quais nesta altura já era chamado de Pay Zumé, que «havia de tornar a vê-los».<sup>267</sup> Só entre os jesuítas paraguaios, porém, a despedida de Tomé seria considerada como um anúncio direto da própria missão evangelizadora. E somente entre teóricos e juristas hispânicos, a começar pelos próprios Vitoria e Las Casas, chegou a ser utilizado, entre outros, o precedente da catequese lendária de são Tomé para justificar uma natural dignidade dos gentios. Os colonos portugueses ter-se-iam apoiado, eventualmente, na evidência da falida evangelização para justificar a continuação, agora sob o título de “guerra justa”, da exploração usual contra aqueles que tinham recusado a conversão, visando como sempre interesses mais práticos.

---

<sup>265</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 180.

<sup>266</sup> *Ivi*, p. 187.

<sup>267</sup> *Ivi*, p. 195.



Quais lições, portanto, podem ser tiradas da história do São Tomé americano e da sua diferente recepção entre as nascentes culturas hispano-americana e luso-brasileira? «É sempre curioso», escreve Sérgio, «notar como o São Tomé americano, que, para os colonos e missionários do Brasil, não passa, se tanto, de um mito vagamente propedêutico, se vai enriquecer e ganhar maior lustre à medida que a notícia de suas prédicas se expande para oeste, rumo as possessões de Castela».<sup>268</sup> O fenômeno observado pelo nosso historiador é sempre o mesmo, mas emerge com ainda maior força quando, como no caso da lenda do apóstolo americano, o mito da conquista em questão é o único de assentada origem luso-brasileira, e pode-se observar o seu reforço, a sua sublimação nas regiões da fantasia, conforme procede para as áreas de cultura espanhola. O fenômeno encontra, em *Visão do Paraíso*, a definição de “atenuação plausível”. O conceito, que é uma das teses principais do livro, pode ser sintetizado pelas palavras do seguinte trecho, levado da primeira página do capítulo homônimo:

Todo o mundo lendário nascido nas conquistas castelhanas e que suscita eldorados, amazonas, serras de prata, lagoas mágicas, fonte de Juventa, tende a adelgaçar-se, descolorir-se ou ofuscar-se, desde que se penetra na América lusitana. Mesmo os motivos sobrenaturais de fundo piedoso, já bem radicados na península, parecem amortecer-se no Brasil, e de qualquer forma, desempenham papel menos considerável na conquista do território.<sup>269</sup>

Analisando os documentos relativos à fundação da colônia brasileira, Sérgio Buarque de Holanda encontra uma certa perifericidade dos temas ligados a uma intervenção divina, tanto difundidos entre os colonizadores espanhóis do tempo. A descoberta seria, para os pioneiros lusitanos, um fato eminentemente terreno, e assim seria também a obra de colonização. Em relação às magias e aos mistérios do novo continente, os “exploradores cosmógrafos”<sup>270</sup> portugueses, mesmo sem nunca deixar de duvidar da realidade dos mitos, seriam levados, pelo seu próprio conservantismo intrínseco, «tanto mais genuíno quanto não é, em geral, deliberado»<sup>271</sup> a circunscrever a sua frequência, a atenuar a sua intensidade até os limites do possível.

Sérgio reconduz a origem desse conservadorismo àquelas mesmas condições sociais que identificara em *Raízes do Brasil*. No reino que tão cedo atingira as suas fronteiras

---

<sup>268</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 201.

<sup>269</sup> *Ivi*, p. 202.

<sup>270</sup> *Ivi*, p. 212.

<sup>271</sup> *Ivi*, p. 445.

definitivas, a burguesia que, graças ao personalismo, pudera se afirmar com tamanho adiantamento em relação às outras nações, não desenvolveu, por causa do mesmo personalismo, um espírito de consciência de classe, de oposição à aristocracia. Teria assim moldado a sua mentalidade naquela da nobreza. A nobreza, por reação à chegada desses *parvenu*, teria aprofundado ainda mais a sua busca de padrões de comportamento tanto na antiga tradição medieval e cavaleiresca, quanto na excessiva exposição de luxo e de riqueza. Seriam esses os motivos da longa sobrevivência da literatura cavaleiresca em Portugal, e pelos mesmos motivos seriam os portugueses tão avessos às especulações, mesmo de tipo mítico.

É uma mentalidade, aquela portuguesa, que espelha o tipo de conhecimento atribuído por Camões ao Velho do Restelo, um conhecimento, quer dizer, que valoriza um saber «só de experiências feito». A obsessão para o irreal e o maravilhoso não parece ter sido o motivo principal das suas navegações. Foi a experiência, e não a imaginação, a moldar a visão do mundo dos navegadores portugueses:

A forma mentis vinculada ao passado e avessa, por isso à especulação e à imaginação desinteressadas do humanismo renascentista. No íntimo sempre se mostrarão os portugueses pouco afeitos às transformações espirituais que, em muitos outros países, se operam simultaneamente com a grande obra dos navegadores do reino. Seu conservantismo, nesse ponto, seria semelhante ao do ermitão de um dos diálogos de frei Heitor pinto, para quem a verdadeira filosofia não consiste tanto no saber quanto no fazer e no amar.<sup>272</sup>

Uma filosofia prática, portanto, teria norteado a obra de exploração português no mundo. Uma epopeia que se fez gradualmente, descoberta após descoberta, sem o “pulo no vazio” de um Colombo. Fazendo leva na força bem pousada e assentada da tradição, os portugueses tentaram, segundo Sérgio, fazer do Brasil um “novo Portugal”, cópia em tudo do velho.<sup>273</sup> A sua visão do mundo, filtrada através do bom-senso, deu um grande contributo à civilização global:

Não haverá grande exagero em dizer-se daqueles homens que, alheios, embora, às ruidosas especulações, puderam, com seu toco realismo, inaugurar novos caminhos ao pensamento científico, no alvorecer dos tempos modernos, pelo simples fato de terem desterrado alguns velhos estorvos ao seu progresso. E dificilmente se

---

<sup>272</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 207.

<sup>273</sup> *Ivi*, p. 222.

poderia deixar de dar razão a historiadores portugueses que assinalam a importante contribuição prestada nesse sentido, por aqueles viajantes e marinheiros.<sup>274</sup>

Isso não aconteceu, porém, por causa de um explícito desejo de inovar, de uma sua consciente escolha da modernidade. Um dos pontos-chaves de *Visão do Paraíso*, com efeito, é a dissipação da falsa possibilidade de reconduzir essa mentalidade “realista” dos colonizadores portugueses a uma maior adesão ao espírito moderno. No texto, pelo contrário, Sérgio encontra as raízes da modernidade no campo da *fantasia*: é na sua capacidade de abstração, na sua radicalidade, na sua inclinação à novidade, que se acham, *in nuce*, os germes da revolução epistemológica moderna. Assim, o desenvolvimento da atitude secularizadora do moderno deve passar pela tendência generalizadora do mito, porque só por meio da sua criatividade hiperbólica pode-se encontrar o alicerce para um novo modelo de interpretação do mundo; só por meio da sua simbolização hiperbólica pode ser achado o impulso para revolucionar o padrão mental perpetuado desde tempos imemoriais. Já se vira que o começo da idade moderna está intrinsecamente ligado com o nascimento da utopia. O realismo, associado, na nossa concepção contemporânea, com a mentalidade científica, teve que passar previamente por uma fase de desmesurado idealismo, de transformação mítica da realidade, para se estabilizar:

Assim, as mesmas correntes espirituais que vão desembocar a seu tempo na negação do sobrenatural, passando sucessivamente pelo naturalismo, o racionalismo o agnosticismo e enfim pelo ateísmo sem reboço u temor, parecem ocupadas, num primeiro momento, em retardar o mais possível e, por estranho que pareça, em contrariar a marcha no sentido da secularização crescente da vida: meta necessária, posto que nem sempre manifesta, dos seus esforços. De modo que não hesitam em ataviar, idealizar ou querer superar a qualquer preço o espetáculo mundano. Propondo-se uma realidade movediça e ativa, rica em imprevistos de toda sorte, elas destoam abertamente do tranquilo realismo daqueles que, ancorados na certeza de uma vida ditosa e perene, ainda que póstuma, consentem em aceitar o mundo atual assim como se oferece aos sentidos, e se recusam de vesti-lo de galas vãs. O resultado é que uns, meio desenganados, talvez sem saber, das promessas consoladoras, e movidos de uma desordenada impaciência, procuram ou já cuidam ter encontrado na vida presente o que os outros aguardam na futura, de sorte que o mundo, para as suas imaginações. Se converte num cenário prenhe de maravilhas. Aos últimos, porém, o viver quotidiano nem os deixa oprimidos, nem os desata dos cuidados terrenos, e o freio que parece moderar sua fantasia é uma esperança contente e sossegada.<sup>275</sup>

---

<sup>274</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 49.

<sup>275</sup> *Ivi*, p. 40.

É nesse segundo tipo de mentalidade, nesse realismo desencantado e filtrado através do bom-senso, que Sérgio encontra a chave para a interpretação da colonização portuguesa. Esse realismo não era, porém, uma abertura em direção do ceticismo de marca moderna, mas uma herança da plácida aceitação dos feitos da vida, que tinha inspirado, na idade média, a obra dos cronistas medievais. Eles compuseram, segundo o espírito da época, listas de acontecimentos registradas sem fervor, em contraposição com a historiografia moderna que quer apresentar uma explicação das razões subjacentes aos feitos da vida. O pertencimento da mentalidade quinhentista portuguesa à idade média é bem explicado no seguinte trecho, que vale a pena transcrever integralmente:

Todavia é bem menos nítido do que se poderia supor à primeira vista o contraste entre a capacidade de adesão à realidade, que distingue tantos desses homens e um fundo singelamente crédulo. Pode dizer-se, ao contrário, que seu realismo é, de fato, tributário de sua credulidade, que constitui propriamente uma forma de radical docilidade ou passividade ante o real. Não há verdadeiramente nesse realismo uma negação dos infinitos possíveis da Natureza, nem evidentemente do sobrenatural, por mais que o afetem de preferência as formas mais visíveis, palpáveis, ou apenas serviçais que oferece o mundo. O sobrenatural preserva, para eles, seus eternos direitos. Não chega, por isso, a ser um verdadeiro e excitante problema, como o fora para o humanismo do tempo, e nem era um problema falso, como é hoje para os positivistas.<sup>276</sup>

E acrescenta, a propósito da atitude prática e extrânea a especulações teórica dos navegadores e colonos portugueses:

De que podem valer especulações desvairadas, inquietas solitudes e fantasias, bons ou maus agouros, afinal, se indiferente a tudo isso o mundo há de seguir seu curso? “Admitindo do que conheças as coisas vindouras pelos astros, de que te servirá isso? *Qui iuvat?*” Assim escreveu o português Francisco Sanches em seu poema sobre o medonho cometa de 1577, que alguns têm de ter por anúncio do fim sombrio de d. Sebastião. “A ninguém”, acrescenta o filósofo, “a ninguém é dado furtar-se ao próprio fado. Aquilo que há de vir, virá, seja qual for o teu alvitre.” E é nesse fatalismo, tão alheio a curiosidade universal dos humanistas, que em grande parte se nutre um pensamento que não faltou, contudo, quem pretendesse vislumbrar antecipações de Bruno ou de Bacon.<sup>277</sup>

Eis aqui a ligação com os inveterados problemas da cultura brasileira levantados por Sérgio já na década de 1930. O *fatalismo* individuado nestas páginas traz uma lembrança daquele desleixo que Sérgio tinha focado em *Raízes do Brasil*, atitude que no presente trabalho tem sido definida por meio do ditado popular “a deus dará”. *Visão do*

---

<sup>276</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 160.

<sup>277</sup> *Ivi*, p. 170.

*Paraíso* conclui-se, significativamente, com o capítulo «América portuguesa e Índias de Castela», no sulco da velha distinção entre semeador e ladrilhador. O exorcismo de Sérgio das más raízes lusitana é, de certa forma, conclusivo, com a analogia entre o tosco e passivo realismo da colonização portuguesa e o desleixo do Brasil do seu tempo. O império «disperso, fragmentário, linear, mais de feitorização que de colonização»<sup>278</sup> dos portugueses traduziu-se na distribuição litorânea da população brasileira: os colonos portugueses na Índia já foram chamados «bate-praias»,<sup>279</sup> e tornaram-se, na América, «caranguejos» arranhados à costa. Assim pode Sérgio, através da referência aos *Diálogos da Grandeza do Brasil* de frei Vicente, sugerir que foram, os portugueses, «ruins colonizadores».<sup>280</sup> A localização à beira-mar das cidades brasileiras tornou mais fácil, além disso, o controlo directo da colónia por parte do Estado português, e a exploração dos seus recursos. Afinal, não fora sempre, o que se queria encontrar no Brasil, não o Brasil real, mas o Peru<sup>281</sup>, país das infinitas minas de ouro e prata? Para introduzir uma crítica a essa conceição abusiva de organização económica, Sérgio inclui excepcionalmente uma citação do famoso histórico Caio Prado Júnior, colega modernista, mas de escola historiográfica marxista:

Se vamos ver à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes, depois algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem aquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileira.<sup>282</sup>

A estruturação litoral da colónia portuguesa, porém, não era nada mais que o espelho da estruturação do Portugal europeu: campanhas descuidadas que convergiam em Lisboa. As fraquezas brasileiras achavam a própria correspondência na metrópole. Como *Raízes do Brasil* tinha-se aberto com a descrição dos brasileiros desterrados na própria terra, *Visão do Paraíso* fecha-se com a imagem de um outro desterro: agora é Portugal a viver «a bem dizer, do exterior e para o exterior»<sup>283</sup>: duas carências que se completavam respetivamente.

---

<sup>278</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 451.

<sup>279</sup> *Ivi*, p. 466.

<sup>280</sup> *Ivi*, p. 168.

<sup>281</sup> *Ivi*, p. 165.

<sup>282</sup> *Ivi*, p. 468.

<sup>283</sup> *Ivi*, p. 467.

A intuição dessa especularidade de Brasil e Portugal, dos problemas, afinal, de dois países semiperiféricos é a prova de que a polêmica de Sérgio não é um simples, por quanto amargo, anti-portuguesismo. Se é vero que uma colonização imperfeita produzira uma sociedade imperfeita, é vero também que a independência não mudou a situação. Assim, a busca aventurosa das riquezas edênica dos primeiros séculos traduziu-se na exploração desvairada dos bens da terra, na injusta distribuição do seu proveito.

Teremos também os nossos eldorados. O das minas, certamente, mais ainda o do açúcar, o do tabaco, de tantos outros gêneros agrícolas, que se tiram da terra fértil, enquanto fértil, como o ouro se extrai, até esgotar-se, do cascalho, sem retribuição de benefícios. A precisão dos milagres há de continuar assim através de todo o período colonial, e não a interromperá a Independência, sequer, ou a República.<sup>284</sup>

A busca do Eldorado transformar-se-ia, em campo econômico, em uma economia organizada segundo o *topos* do aventureiro, como fora descrito em *Raízes do Brasil*: organizada, quer dizer, sem passar pela ética do trabalho. Talvez nesse ponto possa entrelaçar-se a referência, no prefácio à segunda edição de 1969, ao conceito de wilderness norte-americano, em oposição com o Paraíso Terreal da tradição ibérica: enquanto o primeiro tem que ser tornado hospitaleiro com lenteza e dedicação, o segundo fornece um ganho rápido e fora do comum.

Conclui-se, com estas palavras, o longo percurso de *Visão do Paraíso*. Um percurso que, partido de um assunto aparentemente distante, passando através de uma dissertação erudita sobre a mentalidade da época das grandes navegações, chega, nas últimas páginas do livro, a desembocar no fluxo vivo do presente. É uma conclusão que acrescenta valor à obra toda, que ganha assim o direito de ser considerada entre as grandes propostas de interpretação do Brasil. E é um fechamento, além disso, que nos deixa deslumbrar a imagem de um Sérgio que atingira, na maturidade, um certo equilíbrio entre o afastamento crítico necessário ao historiador e a radicalidade que nele individuaram os seus comentadores.

---

<sup>284</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso*, São Paulo: Companhia das Letras, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 469.



## *Conclusões*



## Conclusões.

*Visão do Paraíso* significará, para Sérgio Buarque de Holanda, a inscrição definitiva no panteão dos maiores pensadores brasileiros. Ele, porém, não parou de escrever, compondo até os últimos dias obras fundamentais da historiografia nacional. A resenha integral da sua grande produção permite deslumbrar a imagem de um intelectual completo, cujas inúmeras faces só parcialmente cabem nos limites de um trabalho de dimensões necessariamente circunscritas como o presente. O objetivo que uma dissertação deste tipo pode, e tentou atingir é a apresentação das linhas essenciais da obra de um escritor, as quais permitam, porém, ao leitor que se achasse num qualquer ponto da extensa escrita buarqueana, encontrar a estrada que o leve para o centro da proposta intelectual de Sérgio e para uma interpretação complexiva da sua obra.

A escrita de Sérgio Buarque de Holanda já tem sido comentada longamente por leitores ilustres. Não poderia ser diferentemente: os problemas por ele levantados parecem situar-se, de certa maneira, no coração do pensamento brasileiro. A centralidade e a profundidade dos temas por ele focados são a prova da perdurante atualidade do seu trabalho, e também uma testemunha da riqueza inexaurível de pontos de partida que um encontro com Sérgio Buarque de Holanda pode proporcionar. Por seus livros transitaram gerações de estudiosos, sempre encontrando uma profícua inspiração para as próprias pesquisas, e assim vai continuar, previsivelmente, para o próximo futuro.

O contributo que o presente trabalho pode oferecer ao conhecimento da obra de Sérgio Buarque de Holanda encontra-se, principalmente, na particular atualização da sua bibliografia: somente em anos muito recentes foram publicadas algumas obras fundamentais para o esclarecimento de alguns nexos essenciais do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda. Lembramos aqui, por exemplo, a sua correspondência com Mário de Andrade (2012), e a edição crítica de *Raízes do Brasil* (2016), que mudaram radicalmente a nossa possibilidade de decifrar o seu percurso com precisão e em profundidade. É um debate, aquele em torno da figura de Sérgio, que nunca se exauriu, mas que vive nos nossos dias um momento de particular vivacidade.

Nestas páginas temos tentado oferecer um quadro abrangente, por quanto inevitavelmente parcial, das etapas fundamentais da vida e da obra de Sérgio Buarque de

Holanda. Partimos da juventude de Sérgio e da sua relação com o Modernismo, iluminada através do seu intercâmbio epistolar com o “profeta” do movimento, Mário de Andrade. É uma correspondência, aquela publicada em 2012 sob a organização de Pedro Meira Monteiro, que mostra a maturação intelectual de Sérgio em seus verdes anos, acompanhada por um crescimento da sua reputação e importância como principal crítico literário modernista: percurso culminado simbolicamente com a coroação, no intercâmbio epistolar de 1944, como num tutelado dos itinerários socio-históricos marioandrinos. Tratamos, também, das vicissitudes relativas à publicação do artigo *O lado oposto e outros lados*, no qual Sérgio chegou a uma parcial rutura com o movimento Modernista, causada pela percepção de uma sua perda de força inovadora e anticonformista. Apresentamos, para concluir o segundo capítulo, dedicado à aventura modernista do jovem Sérgio, um episódio periférico, mas interessante da produção literária buarqueana: o conto *Viagem a Nápoles*. O breve texto, um dos poucos experimentos de Sérgio no campo da narrativa, representou um beco sem saída da produção buarqueana, mas o seu tom surrealista e marcadamente irônico nos deixa deslumbrar um aspeto da personalidade de Sérgio que contrasta com a aparente seriedade inabalável dos seus artigos precedentes.

Analizamos depois, com o terceiro capítulo, a obra mais celebrada de Sérgio, *Raízes do Brasil*. O livro, que lançaria o jovem crítico literário no campo da historiografia, e no cômputo dos grandes intérpretes do Brasil, representou uma revolução para o escritor, sendo redigido depois de uma estadia no exterior, na Alemanha, de onde Sérgio trouxe novas ideias sociológicas e uma nova metodologia historiográfica para a cultura brasileira. Foram apresentados os principais conceitos contidos no livro: a ideia de uma colonização ibérica do Novo Mundo dirigida pela mentalidade do aventureiro, em oposição à ética do trabalho da colonização norte-americana. A diferença, inserida neste comum substrato ibérico, entre a obra dos colonizadores espanhóis e portugueses: os primeiros com sua tensão abstrata para a organização do espaço e da geografia da colônia; os segundos mais propensos a aceitar e a seguir a ordem da natureza, construindo suas cidades à beira-mar e acompanhando as linhas da paisagem. Foi destacado o papel do personalismo como cifra essencial da sociedade brasileira, quer dizer a sua propensão a favorecer a relação pessoal, de amizade e familiar em lugar da aplicação fria e impessoal da lei, com as consequências que isso produz em termos de ineficiência do aparato estadual e de persistência da antiga ordem patriarcal. Foram resumidos os percursos do conceito gêmeo

do personalismo, a cordialidade, e sua apropriação em chave ufanista feita pelos teóricos do Estado Novo. Foi relatada, finalmente, a caracterização buarqueana de “nossa revolução” como processo de superação do regime escravocrata com a conseguinte transição de uma sociedade agrícola e rural para uma sociedade urbana. Para concluir com algumas passagens a propósito da polêmica em torno da posição política expressa em *Raízes do Brasil*.

Com o terceiro capítulo, introduzimos a obra buarqueana mais estimada entre os especialistas: *Visão do Paraíso*. Longa e complexa exposição dos motivos edênicos que dirigiram e estimularam a estação dos descobrimentos e a colonização do continente americano, o livro é uma erudita análise da mentalidade daquele momento liminar da história compreendido entre o tramonto da idade média e a alvorada da modernidade. No meio dos inúmeros *topoi* analisados por Sérgio, emerge preponderante a busca do Paraíso Terreal, centro da mentalidade edênica, cuja força simbólica chegou, no horizonte conceitual mítico dos descobridores, a tornar-se o eixo que conectava todos os matizes do maravilhoso e do salvífico. Nesse contexto insere-se a reflexão de Sérgio acerca das diferenças entre as mentalidades dos colonizadores hispano-americanos e luso-brasileiros: onde os primeiros obedeciam aos mais hiperbólicos ditados da fantasia, os segundos receberam os motivos edênicos de forma reduzida, mediada pela experiência. É um fenómeno que achou em *Visão do Paraíso* a definição de atenuação plausível: um fenómeno, porém, que Sérgio singularmente não relaciona com uma maior adesão dos navegadores portugueses ao espírito moderno, mas a uma sobrevivência de padrões mentais da Idade Média.

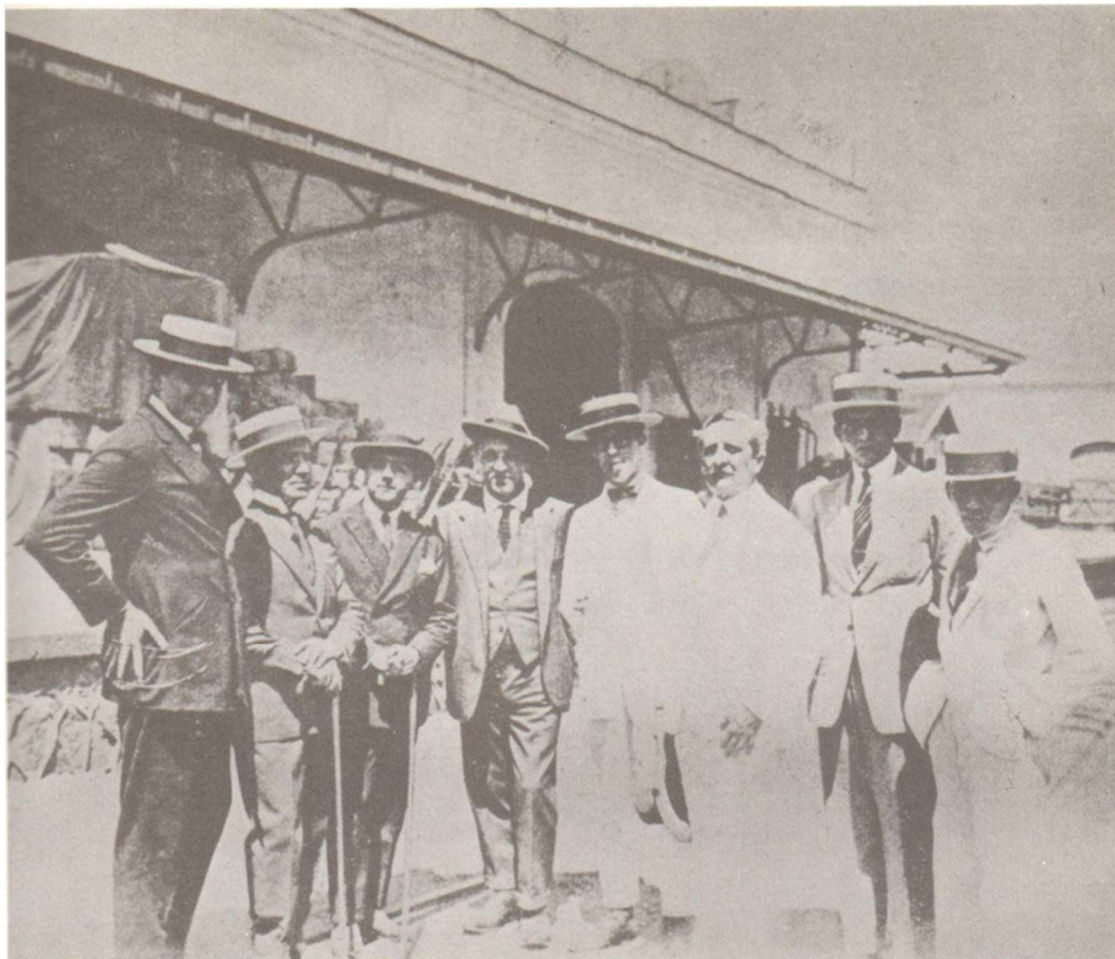
A leitura do livro proporcionou também a possibilidade de refletir sobre o sentido complexivo da história e sobre o papel do historiador na obra e na vida de Sérgio Buarque de Holanda. Reconhecendo o risco que uma estetização e imitação do passado pode proporcionar para o presente, Sérgio chegou, no prefácio à segunda edição de *Visão do Paraíso*, a paragonar o ofício do historiador àquele do exorcista. Relacionando essa afirmação com outros seus depoimentos, porém, conseguimos vislumbrar a imagem de um equilíbrio entre essa aparente iconoclastia e o amor para a profissão do historiador. A história ainda pode oferecer ensinamentos para quem se aproxime dela com atitude crítica e inteligente. A visão da história de Sérgio não é aquela de quem sente saudade de uma idade dourada, nem de quem vê no passado um abismo de violência sem lições para a atualidade, mas *o ontem* de um fluxo que desemboca sem solução de continuidade no presente.

É nessa perspectiva que a história não deve ser idolatrada nem negligenciada, mas investigada para descobrir as raízes antigas dos problemas do presente.

É nessa encruzilhada que Sérgio Buarque de Holanda encontra-se com a interpretação do Brasil. Absolutamente alheio à tentação de procurar na história um almanaque de traços que possam definir a substância de uma identidade ou de um caráter nacional, as suas análises apontam, porém, para as próprias fundações do Brasil contemporâneo. Individuando na origem do país e no período da sua formação esquemas gerais de comportamento que levariam, caso não fossem problematizados e enfrentados, à própria nociva repetição no presente, Sérgio conjuga a missão do historiador com a observação profundamente vivida do próprio tempo. Com a causticidade do próprio olhar conseguiu traduzir o impulso inovador do modernismo na linguagem de uma historiografia renovada. Desconstruindo lugares-comuns cristalizados da cultura nacional construiu uma nova imagem de país mais em sintonia com a própria natureza profunda. Indagando os mais recônditos mecanismos da colonização forneceu um novo padrão, crítico e imparcial, de conhecimento do Brasil e da sua sociedade. E produzindo uma nova narração da história brasileira, uma narração que destaca os passos em falso da sua formação, mas que ao mesmo tempo põe em luz as suas potencialidades, acrescenta o próprio contributo à interpretação do Brasil.



## *Caderno de Imagens*



Chegada de Blaise Cendrars no Rio de Janeiro: Paulo Silveira, Américo Facó, Ronald de Carvalho, Blaise Cendrars, Sergio Buarque de Holanda, Graça Aranha, Prudente de Moraes, neto, Guilherme de Almeida. Fevereiro 1924.<sup>285</sup>

---

<sup>285</sup> *Revista do Brasil*, ano 3, nº6 (4ª fase), 1987, número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda, p. 29.

# O mez modernista que ia ser futurista

## A NOITE contratou seis es- criptores futuristas para escreverem durante um mez



### A coisa começará segunda-feira

Mario de Andrade, o papa do futurismo  
no Brasil (Caricatura de Paim)

Futurismo!... futuristas! Que vem a ser isto, que vem a ser aquillo?

Não sabemos e acreditamos que os leitores também não saibam.

Para nós, os leigos, o futurismo é tudo quanto é extravagante e futurista todo individuo que, escrevendo, pintando, esculpindo e compondo pratica a extravagancia.

Mas para o Sr. Graça Aranha o futurismo não é isso. E' o dynamismo artistico, a remodelação do espirito, o saneamento do gosto, etc. etc.

A verdade é que o futurismo está agitando as cabeças. Na Europa, está elle a invadir tudo, os jornaes, as revistas, as livrarias, os magazines de moda, as salões chics. Dizem que já empolgou até a architectura e que está caminhando para invadir as cozinhas. Já ha coficijos futuristas em Paris, já ha milhos futuristas nos restaurantes parisienses.

Avança. Empolga.

A falar a verdade de futurismo não entendemos nada. Não o comprehendemos nem em verso, nem em prosa, nem em musica ou pintura e, muito menos entenderiamos, no prato, transformado em quitute.

Mas isso não tem importancia. Não é o nosso gosto que deve predominar. Num jornal como A NOITE o que predomina é o gosto publico, ou melhor, a sensação.

A verdade é que o futurismo é hoje um caso chocantemente sensacional. Uns proclamam-no, applaudem-no, veneram-no, outros o aggridem, o repudiam, o guerrelham e o arrasam. Outros ainda acham-lhe uma infinita graça...

E é justamente esse choque de opiniões diversas, de sabores diversos, de attitudes diversas, que torna a coisa interessante.

E foi para sacudir, para agitar, para ca-

zender uma corrente electrica sobre a escola artistica, que A NOITE se lembrou de crear o "mez modernista".

Durante um mez, publicaremos diariamente nas nossas columnas produções literarias dos mals conhecidos fillados á "escola".

Fizemos a escolha de seis, que virão preencher os dias da semana.

Escolhemos dois escriptores do movimento paulista, dois de Minas e dois do Rio.

E estão elles divididos da seguinte maneira:

Segunda-feira — Carlos Drumond.

Terça — Sergio Milliet.

Quarta — Manoel Bandeira.

Quinta — Martins de Almeida.

Sexta — Mario de Andrade.

Sabbado — Prudente de Moraes Netto.

E' o que se póde chamar a fina flor do modernismo literario.

Não pretendiamos dar ao "mez modernista" o qualificativo de "modernista". Qualificamol-o de "futurista".

E o que é engraçado, no caso, é que os futuristas se chocaram e repelliram o qualificativo.

Não, não somos futuristas, afirmou-nos o papa delles, o Sr. Mario de Andrade, em S. Paulo. O "futurismo", disse-nos o autor da *Escrava que não é Isaura*, é uma tola escola italiana que já desapareceu. O que ha no Brasil, o que elle e os seus companheiros fazem, é modernismo, puro modernismo, isto é, guerra ao passadismo.

Ficamos sem entender, mas modificamos a denominação do "mez". Será mez modernista em vez de "futurista".

E, a começar da proxima segunda-feira, leitores terão diariamente (só por um mez) produções futuristas nas columnas da A NOITE.

Que sorte terá o "mez"? Causará successo? Não sabemos.

O que sabemos é que muita gente vac zangar-se, muita gente vac applaudir, muita gente vac rebentar em gargalhadas.

O futurismo vive nesse triangulo: os que o guerrelham, os que o applaudem, os que

Artículo que inaugura o mês modernista do jornal *A Noite*,  
11 de dezembro de 1925.<sup>286</sup>

<sup>286</sup> Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional Brasileira.



Quinzenário

Redação e administração  
Av. S. João, 96  
(4.º and.)

Directores: A. C. Couto de Barros e António de Aó Antares Machado

# Terra Roxa e outras terras

Assinaturas:

UM ANO

Brasil . . . 12000  
Estrangeiro . . . 16000  
Número avulso . . . 500

Secretário e administrador: Sergio Milliet

## desde hoje se encontra no museu paulista a carta de anchieta adquirida em Londres por iniciativa deste quinzenario

### discurso de Paulo Prado

A cerimonia da entrega ao Museu Paulista da carta autographa do padre Anchieta — adquirida em Londres por uma subscrição angariada pelo quinzenario "Terra roxa e outras terras" — é um pequeno acontecimento que encerra diversas significações de grande alcance.

Esta carta, como si a tivesse posta no correio, levou 347 annos a peregrinar pelo mundo em fóra até voltar aos céus e terra d'onde partira. Este longo periodo da historia de S. Paulo é assignalado por uma formidavel transformação que é a que media entre as palhoças da villa piratiniguaná e o proprio palacio em que hoje estamos. Perto de quatro seculos foram necessarios para a elaboração d'esse milagre, e como numa parábola a lição do milagre é uma lição de humildade e confiança. E' um lugar commum dizer-se que o tempo só repolita aquilo que é feito com o seu concurso. A Companhia de Jesus soube construir com solidéz a "pauperima e estreitissima casinha" em que nestes campos se disse a primeira missa. Revoltas, perseguições, interesses contrariados, mal entendidos, a tudo resistiu: tinham-na edificada em dura pedra, como a propria Igreja. Os seculos passaram. E' hoje justo que São Paulo prospere cheia de vida, como a descortinamos desta mesma janella, e alaviada ingenuamente com o incerto gosto de uma nova-rica, venha pagar a divida de gratidão contrahida para com um dos fundadores da sua grandeza. E assim foi adquirido e é agora entregue ao patrimonio da Cidade o documento veneravel.

Foi comprado symbolicamente com trinta sacas de café. Um critico fluminense escreveu que exclamaramos com melancolia, desanimados diante do preço exigido pelo livreiro de Londres: Custa trinta sacas de café!... Engano. Gritamos todos, alegremente, como descobrindo um thesouro: Só custa trinta sacas de café!

Sabiamos que a semente do jesuita tinha fructificado esplendidamente em mil milhões de cafeeiros espalhados nas 25.000 fazendas de S. Paulo. Com um insignificante esforço dessa força que se ignora a si mesma e que é tudo e nada é, poderiamos encher de preciosidades, como em armazens ou tulhas, todas as salas deste edificio, para aqui transportando os documentos da Torre do Tombo, de Evora, de Simancas de Sevilla, e mais os inditos desaparecidos do padre Manoel de Moraes, de frei Vicente, de Pedro Toques,

de frei Gaspar, de tantos outros, escondidos nos archivos e nas bibliothecas da Europa. Por enquanto, só nos bastaram, para a carta de Anchieta, trinta sacas de café. Em cinco dias estava ella comprada, pelo telegrapho, á paulista.

Esta modesta cerimonia é tambem uma homenagem do presente ao passado, as más linguas dirão talvez do "futuro" ao passado.

O pequeno grupo que redige a revista "Terra roxa e outras terras" é a vanguarda do espirito moderno brasileiro. Os rapazes que o compõem passaram, como é preciso, por um periodo heroico em que não lhes faltaram apodos e injurias. Periodo da incompreensão, mundial e historico. Hoje já começam a ser quasi consagrados, e dentro em breve serão elles os classicos deste minuto vertiginoso.

Si este Monumento fosse um Museu de Arte em accôrde com a modernistas de São Paulo que fugissem delle como da peste. Os chamados "Templos da Arte" são perigosos e funestos. A entrada dos museus artisticos devia ser prohibida aos menores de quarenta annos, idade já serena em que não se sabe mais imitar. Para os moços a lição está no dia radioso de lá fóra, e não mais nas Venezas cor-de-rosa, nos Fontainebleaux onívoros, nas Brugges defuntissimas. Tranquilisemo-nos, porém neste museu só ha, empalhados, bichos e borboletas. Uma ou outra manifestação artistica, isolada, torna-se sem perigo no ambiente naphthalisado. Este museu é sobretudo o museu do nosso passado paulista, ainda palpitante, ainda com o calor e o interesse da vida de outra ora. Seria proprio de uma creanga (já o disse Cicero numa phrase a ser aqui gravada em latim e em letras de ouro) seria infantil ignorar o que se passou antes de nós. E' o desenvolvimento desse sentimento humano que se chama a paixão historica. Só no culto dessa paixão conseguiremos compreender e realizar integralmente a consciencia social, artistica e intellectual do nosso Hoje, do nosso Profundo Hoje do poeta francez.

E' assim com emoção e fervor que o quinzenario "Terra roxa e outras terras" vem entregar ao Museu Paulista a carta autographa do padre Anchieta que fazendeiros de S. Paulo compraram em Londres. E a que melhores mãos poderiamos confiar se não as do Affonso d'E. Taunay, verdadeiro beneditino devotado ao estudo da Historia de São Paulo?

### CARTA DO APOSTOLO DO BRASIL AO CAPITÃO JERONYMO LEITÃO

Depois que vim ate agora andei por essas aldeas negociando gete pa a viagem, pouca achei, porque toda ella ser pouca. E posto que agora cõ a canoa de Salvador corra se poderõ escutar esta trailhos, porque ella cõ ajuda de N. Sr. bastava para me levar, todavia bem sey que nem cõ isso V. M. me ha de deixar ir so: E por isso não quero partir de qua ates não aviar a gete, e leveis comigo porque se a deixar a sua descripção não sey quão partito. Ant.º de macedo aviou vinte máccos cõ seu irmão João Fernandes os quaz partito terga feira quando Deus, mas não pude acabar cõ elles que fossem sentio por o Caminho Velho da Borda do Campo. E laa ão desperar por canoa.

Domingos Luis estava acabando a igreja. Ja lhe dissemos missa nella cõ esta festa. Logo se partio para o Caraguatã, não achei de sua banda gente que tirar: porque não vão despercebidos e cõ tudo daqui e dalli me parece que se jtarão alguns quinze ou decaas entre os quaz irá Calaboca, porque o achei meyo amollado cõtra Domingos Luis, e trabalhey polo levar para laa porque não se via pelo caminho de seu irmão. Elle se offerreo para a viagem liberalmente. Faço cõta de partir terga feira cõ elles por agua. E ates seita ou sabado ser no Cabatão cõ ajuda de N. Sr. Mando Domingos de pais de escoteiros a dar este avio a V. M. así para que nos mádo canoa boa aos portos por onde irmos como para que laa estece tudo presta porque esta gete não levão mais que arcs e frechas, como V. M. mandou. E sera necessario ou partir logo pela barra fóra ou buscarlhes que como em quanto se detiverem ay.

Eu todavia porque me escreverõ que os indios darariboya se carregarão todos nas costas do P. Ant.º Gonçalves, leveles de qua alguma farinha para ajuda da mastoagem do mar e da terra.

Alguns dos Carlos vão, e entre elles o Alonso que esta aqui acollido cõ medo de Carvoeiro, que ainda me dizem que o amoaço, V. M. o faça laa desembarcar entretão. Tambem me incommoda Caribaca que lhe fizese pagar a Antão nunez o schadego de um escravo que lhe qua tomou, porque não tem roupa. E ainda espera elle de achada feita quando de qua for. Nada mais ao presente, porque o mais figura para quando em for cõ ajuda de Deus, o qual deo a V. M. muito do seu amor, de Piratininga, oje Domingo 13 de novembro 1579. De V. M. servo infimo, JOSEPH.

### resposta de Affonso d'E. Taunay

Exmo. sr. dr. Paulo Prado, Exmos. srs. doadores do autographo anchietao, Srs. redactores da "Terra roxa e outras terras" — Meus senhores:

Esta vossa, esta nossa pequena festa, singela e inilina, é sem duvida alguma, a meu ver, das que, no seu genero, em terras brasileiras mais completas occorreram. Não que lhe caiba a primazia chronologica, das ceremonias de um symbolismo mais ou menos flagrante havidas no paiz. O seu incontestavel relevo, provem da somma de attributos elevados e circumstancias pittorescas de que subleves cereal-a com delicado tacto e alto senso da apreciação dos valores da evocatividade.

A' cidade anchietao offerlha uma reliquia para a preciosa de seu fundador, reliquia da mais subida valia. Não um objecto que recorde a vida material de Joseph de Anchieta e sim a exteriorisação dum pouco de sua mentalidade profunda e de sua alma immortal; demonstração daquella intelligencia poderosa e invulgarmente oulla que poetava em latim e musicava em tupy, encavara, com enorme descriptivo, as condições do desenvolvimento do Brasil, e tinha a curiosidade immensa das cousas da natureza. E sobretudo a ancia pela apprehensão dos recessos das faculdades primitivas daquelles irmãos brutos, de pelle vermelha, a quem immenso se affieçara, por amor a Christo.

Volla a territorio paulista este papel que ha trezentos e quarenta e sete annos delle sahio, a errar pelo Universo, como providencialmente desgarrado das collecções, de onde jamais se separaria, para que, graças á vossa generosidade, viesse a ser incorporado ao patrimonio de S. Paulo.

Grande obra de reparação promoveste. Não existia, até agora, em territorio de São Paulo uma unica reliquia anchietao. Nada se encontrava, na cidade anchietao, que directamente emanasse da espiritalidade do Thaumaturgo do Brasil. Com ella viesste dar demonstração de um sentimento que é, infelizmente, o apanagio de uma fracção bem restricta da Humanidade: o reconhecimento. E reconhecimento referido de idealismo: encarnando, além dos dilemas da solidariedade humana, com as gerações que se foram, as expansões insopitaveis de vosso desvanecimento em pertenceres á grey nascida na villa anchietao.

### 30 SACAS DE CAFÉ

Subscrição, em sacas de café, feita pelo quinzenario "terra roxa e outras terras", para a aqzuição, em Londres, de um autographo do PADRE ANCHIETA

Subscritores	Sacas postas em Santos
Redação de "terra roxa" . . . . .	2 sacas
Conde de Prates . . . . .	1 " "
Carolino da Motta e Silva . . . . .	1 " "
Cia. S. Martinho . . . . .	2 sacas
Henrique de Souza Queiroz . . . . .	1 saca
A. V. Cerquinho . . . . .	1 " "
José de Souza Ferreira . . . . .	1 " "
João B. Ferraz Sampaio . . . . .	1 " "
Elyseu T. de Camargo . . . . .	1 " "
Thadeu Nogueira . . . . .	1 " "
Edgard Conceição . . . . .	1 " "
Macedo e Irmão . . . . .	1 " "
Luiz Alves de Almeida . . . . .	2 sacas
Pio Lourenço Correia . . . . .	1 saca
Carlos Leoncio de Magalhães . . . . .	1 " "
Limpo de Abreu . . . . .	1 " "
Martinho da Silva Prado . . . . .	1 " "
José V. Queiroz Ferreira . . . . .	1 " "
João Portella . . . . .	1 " "
Firmiano Pinto . . . . .	1 " "
Caio Prado . . . . .	1 " "
Antonio de Queiroz Telles . . . . .	1 " "
Clovis Martins de Camargo . . . . .	1 " "
Fazenda Santa Verdiana . . . . .	1 " "
Toledo & Assumpção . . . . .	1 " "
Paulo Prado . . . . .	1 " "
Reginaldo de Moraes Salles . . . . .	1 " "

Composto em machinas Linotype Mergenthaler e impresso na "Typ. Paulista", de JOSE NAPOLI & CIA. — Rua Assembléa, 56-58 — S. Paulo — Tel. Central 2179.

287 CECÍLIA DE LARA (org.), Terra Roxa e outras terras, São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.



...e em sentença. Entre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais ordinários do convívio social, chega ao ponto de confundir-se, por vezes, com a reverência religiosa. Já houve quem no-

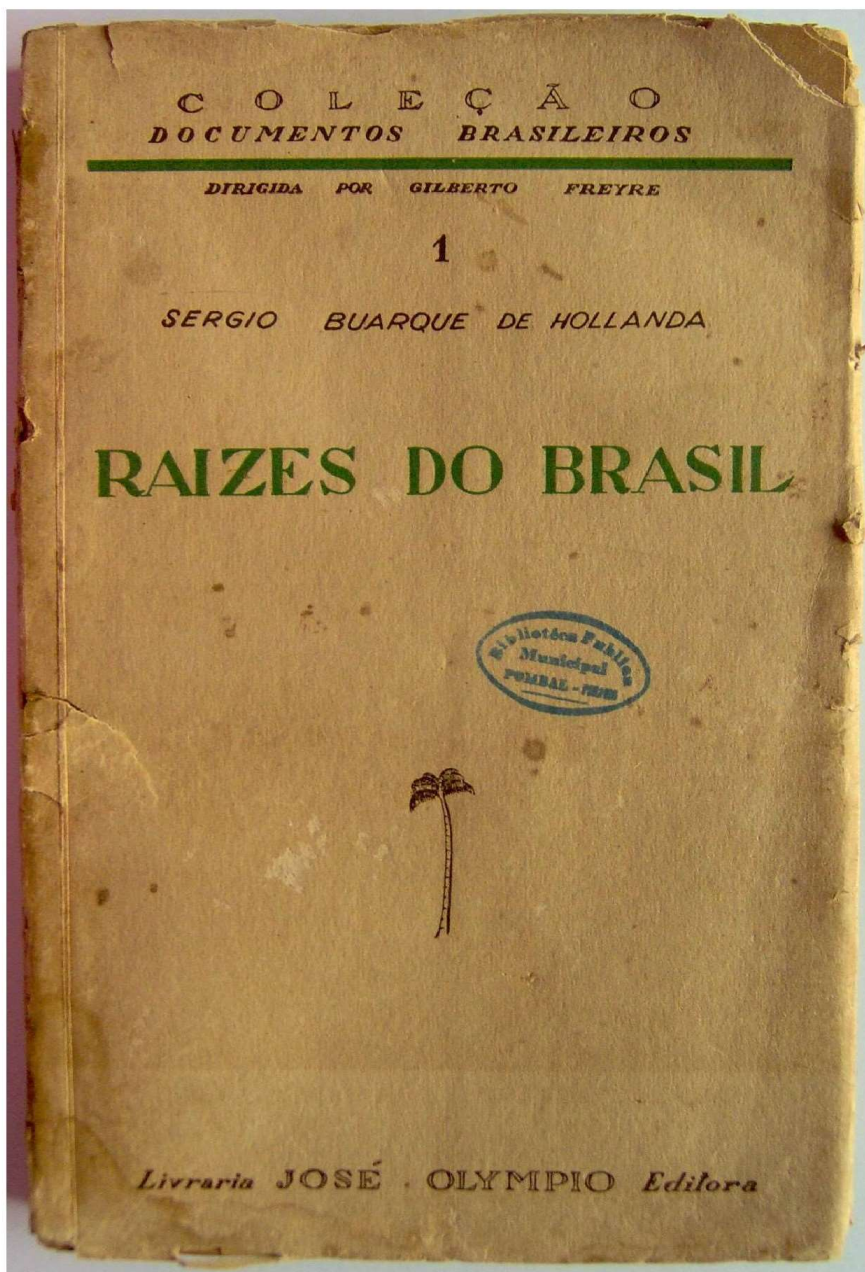
(6) A expressão é do escritor Ribeiro Couto, em carta dirigida a Alfonso Reyes e por este inserida em sua publicação Monterey. Não pareceria necessário reiterar o que já está implícito no texto, isto é que a palavra "cordial" não de ser tomada, neste caso, em seu sentido exato e estritamente etimológico, se não tivesse sido contrariamente interpretada em obra recente, onde se fala no homem cordial dos aperitivos e das "cordiais saudações", "que são fechos de cartas tanto amáveis como agressivas" e se antepõe à cordialidade assim entendida o "capital sentimento" dos brasileiros, que seria a bondade e até mesmo certa "técnica da bondade", "uma bondade mais envolvente, mas política, mais assimiladora." Cf. Casiano Ricardo, Marcha para Oeste, II (Rio de Janeiro, s.d., 1940), pp. 211 ss.

Feito este esclarecimento e para melhor frisar a diferença, em verdade fundamental, entre as ideias sustentadas na referida obra e as sugestões que propõe o presente trabalho, cabe dizer que, pela expressão "cordialidade" se eliminam aqui, de liberação, os juízos ~~de valor~~ e as intenções apologeticas a que parece inclinar-se o Snr. C. R., quando prefere falar em "bondade" ou em "homem bom". Cumpre ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha por um lado a todo formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos. A inimidade bem pode ser tão cordial como a amizade de nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado. Pertencem, efetivamente, para recorrer a um termo consagrado pela moderna sociologia, ao domínio dos "grupos primários", cuja unidade, segundo observa o próprio criador do termo, C. H. Cooley, "não é somente de harmonia e amor". Cf. Charles Horton Cooley, Social Organization (Nova York, 1929), p. 23. A amizade, desde que abandona o âmbito circunscrito pelos sentimentos privados ou íntimos, passa, a seguir, quando muito, benevolência, posto que imprecisão vocabular admita maior extensão do conceito. Assim como a inimidade, ~~podrá~~ ser pública ou política, não cordial, se chamara ~~cordial~~, mais precisamente, hostilidade. A distinção entre inimidade e hostilidade ~~está~~ de modo claro Carl Schmitt recorrendo

*Raízes do Brasil*, exemplar pertencente ao autor. Anotações, acréscimos e cortes destinados à preparação da segunda edição do texto, de 1948.<sup>288</sup>

<sup>288</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo, 2016.





Capa da primeira edição de *Raízes do Brasil*, 1936.<sup>289</sup>  
Note-se a diferente redação do sobrenome.

---

<sup>289</sup> FÁBIO FRANZINI, *À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936 – 1959)*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006, p. 10.

2



O CRÍTICO HOLANDA

Roberto Brando

Abilidade de linguagem de ar-...
E, em um a mais caso...
Abilidade de linguagem de ar-...
E, em um a mais caso...

DEVE-SE Ler 'Jean Santeuil' de Proust?

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...
Prós e Contras...

DE TODA PARTE

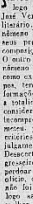
Os Cadernos de Cultura no Estrangeiro

Os Cadernos de Cultura no Estrangeiro...
Os Cadernos de Cultura no Estrangeiro...

Singularidade e Multiplicidade de Sérgio

Rodrigo M. F. de Andrade

Singularidade e Multiplicidade de Sérgio...
Singularidade e Multiplicidade de Sérgio...



Cinquentenário de Mestre

Os Poetas de El Salvador

Os Poetas de El Salvador...
Os Poetas de El Salvador...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

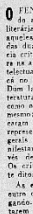
Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...



Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

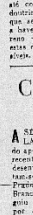
Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...



Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

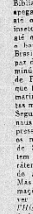
Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...



Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

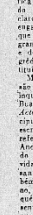
Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...



Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...



Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...



Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...



Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

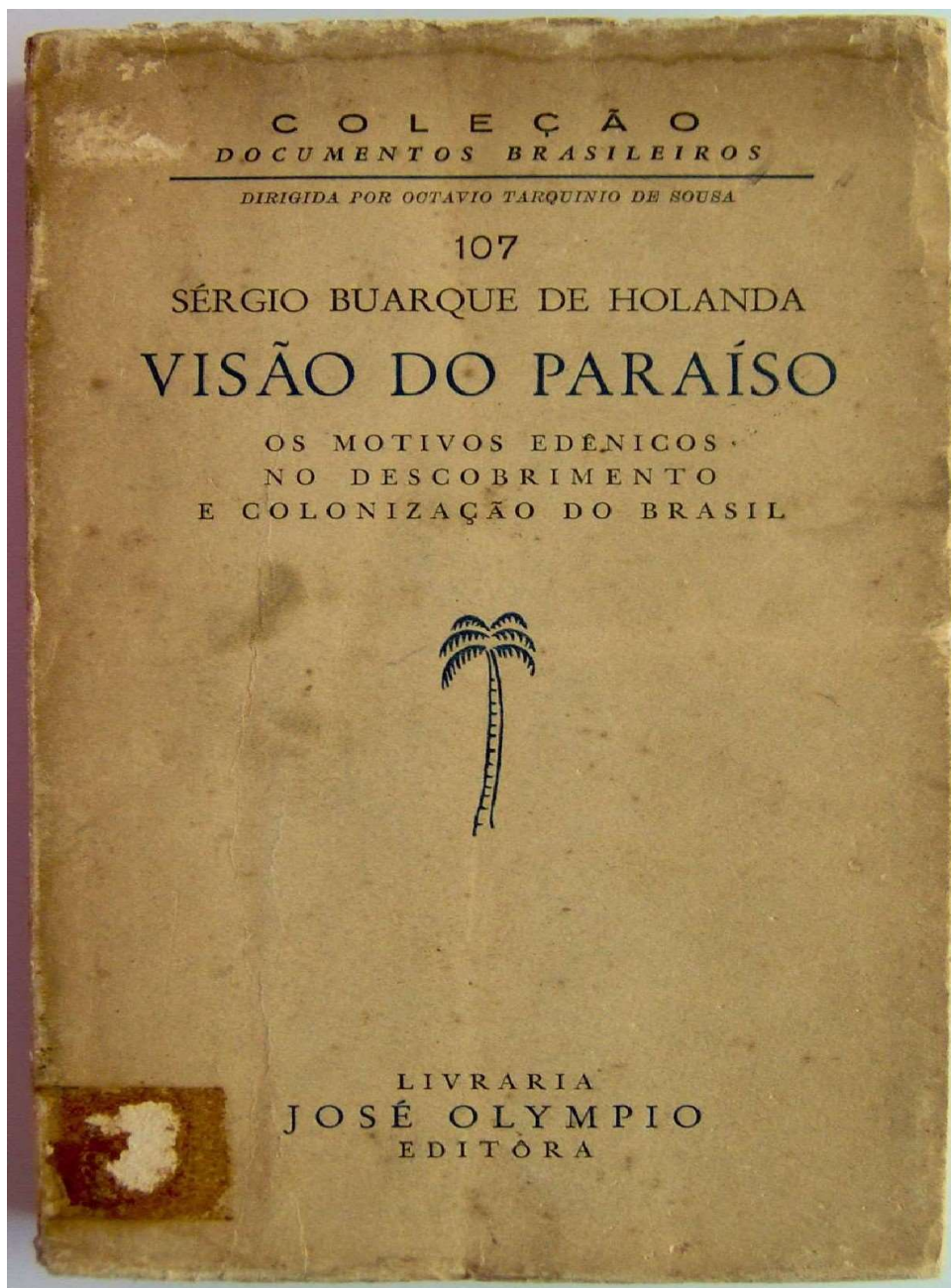
Prós e Contras...
Prós e Contras...

Prós e Contras

Prós e Contras

Prós e Contras...
Prós e Contras...





Capa da segunda edição de *Visão do Paraíso*, 1969.<sup>291</sup>

---

<sup>291</sup> FÁBIO FRANZINI, *À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936 – 1959)*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006, p. 201.

## “Visão do Paraíso”

O novo livro de Sérgio Buarque de Holanda — “Visão do Paraíso — conquanto de história e interpretação do Brasil, pela leveza da explanação, a limpeza da linguagem, o critério de seleção é um livro de poeta tanto quanto de historiador. É um livro que caracteriza o humanista que sabe especializar-se sem se escravizar à especialização e assim pode dispensar o descolorido jargão técnico sem nada perder em profundidade. A crítica literária e a prática do ensaio ficaram de Sérgio Buarque de Holanda um estilista. É o que dá a seus livros mais aridos um encanto que entre os demais historiadores só vislumbro em Paulo Prado e Alcântara Machado. Esta reflexão, eu a faço novamente ao folhear “Visão do Paraíso”. Sérgio Buarque chegou nesta obra a uma limpidez de exposição e a uma elegância que realmente impressionam e valorizam ainda mais a erudição do autor e sua sutileza na análise dos fatos e textos históricos. O que aponta nesse livro é um aspecto da colonização portuguesa que, em parte, explica o vultoso da unidade brasileira: o espírito funcional de nossos desbravadores, seu apego à realidade, sua facilidade de adaptação ao meio que outros povos mais cochardos não tiveram. Essa conjugação da audácia à prudência, essa capacidade de flitar o céu sem tirar os pés do chão, constituíram em verdade a grande força e o segredo do êxito lusitano em terras da América.

Em “Raízes do Brasil”, Sérgio Buarque já observava que os portugueses não tinham como outros colonizadores “feito preceder o mundo das formas vivas do mundo das fórmulas e dos conceitos”. Efectivamente, a essa espécie de bovarismo escaparam os lusitanos. Es-

tas, como diz o ensaísta, caracterizam-se pela sua “adesão ao real e ao imediato”. A “inspiração praticamente utilitária” das crônicas portuguesas não os levou a se deixarem empolgar pela visão de um paraíso recuperado. Uma constante preocupação de tirar partido prático da terra descoberta evitou-lhes aventuras que não evitaram os espanhóis. Por isso enquanto estes ainda se aplicam a destruir e converter, criando ressentimentos e odios, já os portugueses vão alcançando resultados positivos na assimilação do genio e na exploração das riquezas brasileiras.

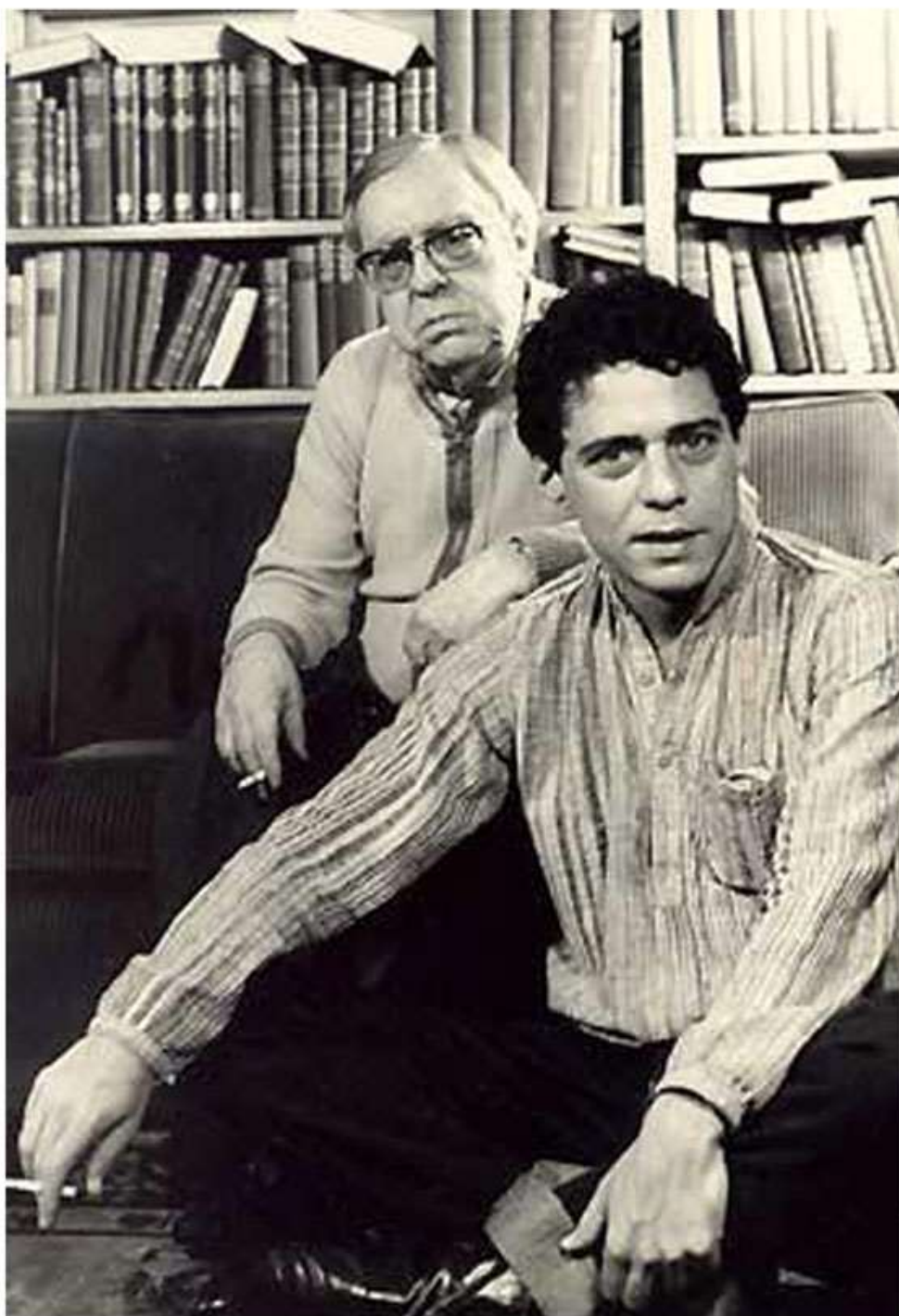
Essa mentalidade prática que se manifesta desde os primeiros anos e melhor se evidencia com o correr do tempo, tanto na organização das estatísticas da colônia — precisas e concisas em vista do aproveitamento econômico e sociológico dos dados — como nas cartas dos missionários sobre os costumes dos índios e a maneira de com eles conviver utilmente, essa mentalidade que dá Camões, um narrador, e não Cervantes, um sonhador, é que faz do Brasil o milagre latino-americano.

Mas não está nas teses desenvolvidas por Sérgio Buarque de Holanda o valor principal de seu livro. Este reside, já o disse, na beleza e na riqueza do estilo, no conhecimento profundo e nada pedante, nada professoral, do assunto tratado, nas qualidades que se confirmaram e se aprimoram do grande escritor que tanto brilha no ensaio como brilhou anteriormente na crítica literária. Com suas quatrocentas páginas de texto e notas minuciosas, é “Visão do Paraíso” um livro que se lê de um fôlego, e se volta a ler pelo interesse que tem e o prazer que dá.

S. M.

No jornal *O Estado de S. Paulo*, resenha do sociólogo e colega modernista Sérgio Milliet sobre a primeira edição de *Visão do Paraíso*. 6/12/1959.<sup>292</sup>

<sup>292</sup> SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Visão do Paraíso – Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, 7ª edição, 3ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



Sérgio Buarque de Holanda com o filho Chico.<sup>293</sup>

---

<sup>293</sup> Catálogo do Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Área de Arquivo Permanente – UNICAMP.





Sérgio Buarque de Holanda desce as escadas da casa da Rua Buri, São Paulo.<sup>294</sup>

---

<sup>294</sup> Catálogo do Fundo Sérgio Buarque de Holanda – Arquivo Central do Sistema de Arquivos. Área de Arquivo Permanente – UNICAMP.

## Bibliografia

### Textos analisados:

ANDRADE, Mário de, «O movimento modernista». In: Mário de Andrade, *Aspectos da literatura brasileira*, São Paulo: Livraria Martins editora, 1974, pp. 231-255.

«Noturno de Belo Horizonte». In: Pedro Meira Monteiro (org.), *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 363-378.

«Crítica do gregoriano». In: Pedro Meira Monteiro (org.), *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 382-397.

*Ensaio sobre a Música Brasileira*, 3ª edição, São Paulo: Livraria Martins editora, 1972.

ANDRADE, Oswald de, *A Utopia Antropofágica – obras completas*, org. Bendito Nunes, São Paulo: Globo Editora, 1990.

ATHAYDE, Tristão de (pseud. Alceu Amoroso Lima), *Contribuição à história do modernismo vol. 1 - O prémodernismo*, Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1939.

«No limiar dos cruzamentos». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, 4ª fase, ano 3º, nº6, junho 1987, pp. 118-130.

BAPTISTA, Abel Barros - SILVESTRE, Oswaldo M. (org.), *Seria uma rima, não seria uma solução: a poesia modernista*, Lisboa: Livros Cotovia, 2005.

BOMFIM, Manoel, *A América Latina: Males de Origem*, Brasília: UnB, 2014.

CANDIDO, Antonio, «Dialética da Malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)», *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, nº 8, 1970, São Paulo: USP, pp. 67-89.

DAMATTA, Roberto, *Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

*O que faz o brasil, Brasil?*, Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FREYRE, Gilberto, *Casa-grande & senzala*, 48ª edição, São Paulo: Global editora, 2003.

GRAHAM, Richard, «Uma entrevista». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, 4ª fase, ano 3º, nº6, junho 1987, pp. 102-109.



- HOLANDA, Sérgio Buarque de, «O Futurismo paulista». In: Sérgio Buarque de Holanda, *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária I, 1920-1947*, org. António Arnoni Prado, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 131-134.
- «Perspectivas». In: Sérgio Buarque de Holanda, *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária I, 1920-1947*, org. António Arnoni Prado, São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 214-218.
- «O lado oposto e outros lados». In: Pedro Meira Monteiro (org.), *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 398-402.
- «O testamento de Thomas Hardy». In: Pedro Meira Monteiro (org.), *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 402-410.
- «A viagem a Nápoles». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, 4ª fase, ano 3º, nº6, junho 1987, pp. 18-26.
- «Corpo e alma do Brasil». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, 4ª fase, ano 3º, nº6, junho 1987, pp. 32-43.
- Raízes do Brasil*, 19ª edição, Rio de Janeiro: editora José Olympio, 1987.
- Raízes do Brasil* (edição crítica), org. Pedro Meira Monteiro & Lilia Moritz Schwarcz, São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Monções e Capítulos de expansão paulista*, São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Visão do Paraíso - Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, 7ª edição, 3ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- LARA, Cecília de (org.), *Terra Roxa e outras terras*, São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.
- MONTEIRO, Pedro Meira (org.), *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PRADO JÚNIOR, Caio, *Evolução Política do Brasil e outros estudos*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- RIBEIRO, Darcy, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- RICARDO, Cassiano, «O negro tomou parte no Brandeirismo?». In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, fase VI ano II, nº2, 1976, pp. 75-88.
- VIANA, Francisco José de Oliveira, *Populações Meridionais do Brasil*, Brasília: Edições do Senado Federal, 2005.

### Literatura crítica:

BAKHTIN, Mikhail, *Problems of Dostoevsky's Poetics*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

*Rabelais and his world* (Творчество Франсуа Рабле и народная культура средневековья и Ренессанса), Bloomington: Indiana University Press, 1984.

BANDEIRA, Manuel, «Sérgio, anti-cafajeste». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, ano 3º, nº6, junho 1987, pp. 90-92.

БНАВНА, Homi K., *Nation and Narration*, London: Routledge, 1990.

BOSI, Alfredo, *Dialetica da Colonização*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio, «O significado de Raízes do Brasil». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, edição crítica, São Paulo: Companhia das Letras, 2016, pp. 355-369.

- CASTELLO, José Aderaldo, *Presença da Literatura Brasileira – Modernismo*, São Paulo – Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.

«Post-scriptum». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, pp. LI-LII.

«Amizade com Sérgio». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, 4ª fase, ano 3º, nº6, junho 1987, pp. 132-133.

«Sérgio, o radical». In: Antonio Candido, *Sérgio Buarque de Holanda: a vida e obra*, São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, pp. 61-65.

*A educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo: editora Ática, 1989.

CARVALHO, Raphael Guilherme de, «A escrita de si de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1970», *Tempos Históricos*, vol. 19 (2015), pp. 103-119.

*Sérgio Buarque de Holanda, Do mesmo ao outro: escrita de si e memória, (1969-1986)* (tese de doutorado), Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017.

DECCA, Edgar Salvadori de, «As Metáforas da identidade em Raízes do Brasil - deciframe ou te devoro», *Varia Historia*, vol. 22 (Jul/Dez 2006), nº 36, p. 424-439.

«Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda», *Revista de História*, Juiz de Fora, vol. 12 (2006), nº1, pp. 145-159.

EUGÊNIO, João Kennedy, *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil e Caminhos e Fronteiras de Sérgio Buarque de Holanda* (tese de doutorado), Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010.

- EULÁLIO, Alexandre, «Antes de tudo, um escritor». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, 4ª fase, ano 3º, nº6, junho 1987, pp. 134-141.
- FAUSTO, Boris, *História do Brasil*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- FELDMAN, Luiz, «Um clássico por amadurecimento: Raízes do Brasil», *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.28, nº82, junho 2013, pp. 119-254.
- FRANZINI, Fábio, *À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)* (tese de doutorado), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.
- FURTADO, André Carlos, «Um luto permeado por lutas: a morte de Sérgio Buarque de Holanda e o combate ao regime autoritário», *Tempos Históricos*, vol. 18 (2014), pp. 173-197.
- HARDMAN, Francisco Foot, *Pontos Extremos: Ruínas Invisíveis nas Fronteiras de um País*, Austin: University of Texas, 2004,
- LIMA, Luiz Costa, «Sérgio Buarque de Holanda: *Visão do Paraíso*», *Revista USP*, São Paulo, n.53 (março/maio 2002), p. 42-53.
- «A pouco cordial cordialidade», *Revista USP*, nº 110 (julho/agosto/setembro 2016), p. 107-114.
- LOURENÇO, Eduardo, *Do Brasil: Fascínio e Miragem*, org. Maria de Lourdes Soares, Lisboa: Gradiva, 2015.
- MATA, Sérgio da, «Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em Raízes do Brasil», *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36 (2016), nº 73, pp. 63-87.
- MELLO E SOUSA, Laura de, «Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial». In: FREITAS, Marcus Cesar de (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*, São Paulo: editora contexto, 2007.
- «Posfácio». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, pp. 543-549.
- MELO, Alfredo Cesar Barbosa de, «Lusitanian Roots and Iberian Heritage in “Raízes do Brasil”», *Portuguese Studies*, vol. 27, nº 1 (2011), pp. 78–95.
- MILLIET, Sérgio, «À margem da obra de Sérgio Buarque de Holanda». In: *Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, 4ª fase, ano 3º, nº6, junho 1987, pp. 96-100.
- MONTEIRO, Pedro Meira, *Signo e desterro – Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*, São Paulo: HUCITEC editora, 2015.

«Coisas sutis, ergo profundas», em Pedro Meira Monteiro, *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 171-360.

MORAIS NETO, Prudente, «O lado oposto e outros lados», In: Revista do Brasil – Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda, 4ª fase, ano 3º, nº6, junho 1987, pp. 8-10.

NICODEMO, Thiago Lima, *Urdidura do Vivido – Visão do Paraíso e a Obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

«O cânone da impermanência: sobre "Sérgio Buarque: Perspectivas" de Pedro Meira Monteiro e João Kennedy Eugênio», *Revista Ieb*, nº49 (março/setembro 2009), pp. 157-164.

«Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda», *História da Historiografia*, nº14, abril 2014, p. 44-61.

«Para além de um prefácio: ditadura e democracia no diálogo entre Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda», *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36 (2016), nº 73, pp. 159-180.

NICOLAZZI, Fernando, «Raízes do Brasil e o ensaio histórico brasileiro: da história filosófica à síntese sociológica, 1836-1936», *Revista Brasileira de História*, vol. 36 (2016), nº 73, pp. 89-110.

REMOTTI, Francesco, *Contro l'Identità*, Bari: Laterza, 2007.

«L'ossessione identitaria», *Rivista Italiana di Gruppoanalisi*, XXV (2011), nº 1, pp. 9-29.

RIBEIRO, Darcy, «Manoel Bomfim, antropólogo». In: Manuel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Brasília: editora UnB, 2014, pp. 3-16.

ROCHA, João Cesar de Castro «“Nenhum Brasil Existe”: Poesia como História Cultural». In: João Cesar de Castro Rocha - Valdeí Lopes de Araujo (org.), *Nenhum Brasil Existe – Pequena enciclopédia*, Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, pp. 17-32.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez, *Castilhismo: uma Filosofia da República*, Brasília: Editora do Senado Federal, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa, «Entre Próspero e Caliban – colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade», *Novos Estudos*, nº66 (julho de 2003), pp. 23-52.

VAINFAS, Ronaldo, «Posfácio». In: Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, 7ª edição, 3ª reimpressão, 2017, p. 551-560.

«História cultural e historiografia brasileira», *História: Questões & Debates*, Curitiba: UFPR, nº 50 (jan./jun. 2009) pp. 217-235.

VECCHI Roberto, «Atlas intersticial do tempo do fim – Nossa revolução». In: Sandra Jatahy Pesavento (org.), *Um Historiador nas Fronteiras – O Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, pp. 161-190.

«Razza e classe nel labirinto della formazione storica del Brasile: il mito della “democrazia razziale”», *Jura Jentium - Rivista di filosofia del diritto internazionale e della politica globale*, vol.III, Firenze, 2006, pp. 151-155.

SILVA, Rafael Pereira da, «Um espaço de recordação: o Fundo Sérgio Buarque de Holanda na Unicamp», *Patrimônio e Memória*, São Paulo: Unesp, vol. 12 (2016), n°2, pp. 27-45.

VILA MAIOR, Dionísio, *Fernando Pessoa: Heteronímia e dialogismo*, Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

*Introdução ao Modernismo*, Coimbra: Livraria Almedina, 1996.

WEGNER, Robert, «A montanha e os caminhos: Sérgio Buarque de Holanda entre Rio de Janeiro e São Paulo», *Revista Brasileira de História*, vol.36 no.73, São Paulo, set./dez. 2016, pp. 111-133.

«Um número especial e esquecido da Revista do Brasil». *Revista Estudos Políticos*, Rio de Janeiro, Vol. 6, n° 1, dezembro 2015, pp. 272-283.

### **Obras de caráter geral:**

ABDALA JÚNIOR, Benjamin, «Asymmetric Cultural Flows and Community Reflections». In: João Cesar de Castro Rocha (org.), *Lusofonia and its Future – Portuguese literary & cultural studies 25*, Tagus press, Dartmouth, 2013, pp. 15-24.

ALBUQUERQUE, Luís de, *Introdução à historia dos descobrimentos portugueses*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 2001.

AGAMBEN, Giorgio, *Il tempo che resta: un commento alla lettera ai romani*, Torino: Bollati Boringhieri, 2000.

*O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, Chapecó: Argos, 2009

ANDERSON, Benedict, *Imagined Communities – Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London/ New York, Verso, 2006.

BENJAMIN, Walter, *Angelus Novus*, Torino: Einaudi, 2014

BOTELHO, André, & SCHWARCZ, Lilia Moritz, *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*, São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BUARQUE, Chico, *O Irmão Alemão*, São Paulo: Companhia de Letras, 2014.

- CACCIARI, Massimo, «Grandezza e tramonto dell’utopia». In: Massimo Cacciari – Paolo Prodi, *Occidente senza utopie*, Bologna: il Mulino, 2016, pp. 63-136.
- CARDOSO, Patrícia da Silva, «A literatura na interpretação do Brasil e de Portugal segundo Antonio Candido e Eduardo Lourenço», *Revista Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n° 90 (jul./dez. 2014), p. 91-102.
- CAUTI, Carlo, «I brasiliani credono nel Brasile?», *Limes*, n° 6, 2014.
- CHAUÍ, Marilena, *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*, São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- COMPAGNON, Antoine, *Os cinco paradoxos da modernidade*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- CORTESÃO, Jaime, *Teoria geral dos descobrimentos portugueses*, Lisboa: Livros Horizonte, 1984.
- FERNANDES, Florestan, *A Integração do negro na sociedade de classes*, São Paulo: editora Globo, 2008.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore, «O duplo e a falta: construção do Outro e identidade nacional na Literatura Brasileira», *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n° 1, março 1991, pp. 52-61.
- FONTES, Maria Aparecida, *A beleza é voz de estado. Futurismo: mito, arte, política e poética na construção da identidade nacional*. Roma: Aracne, 2015.
- IANNI, Octavio, *Escravidão e Racismo*, São Paulo: editora HUCITEC, 1978.
- LAFETÁ, Joao Luiz, *1930: A Crítica e o Modernismo*, São Paulo: Editora 34, 2000.
- LAUERHASS, Ludwig - NAVA, Carmen (org.), *Brasil: uma identidade em construção*, São Paulo: editora Ática, 2007.
- LEITE, Dante Moreira, *O caráter nacional brasileiro*, São Paulo: UNESP, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, *Tristi Tropici*, Milano: il Saggiatore, 2011.
- MARINGONI, Gilberto – SCHUTTE, Giorgio Romano – BERRON, Gonzalo (org.), *2003-2013: Uma nova política externa*, Tubarao: Copiart editora, 2014.
- MARQUES, Juliana – CASTRO, Celso, *Interpretações do Brasil*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Direito Rio, 2017
- MOTA, Carlos Guilherme, *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*, São Paulo: Editora 34, 2008.
- MOTA, Lourenço Dantas (org.), *Introdução ao Brasil - um banquete no Trópico*, São Paulo: editora Senac, 1999.

- OLIVEIRA, Lúcia Lippi, «Interpretações sobre o Brasil». In: Sérgio Micelli (org.), *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, v. II, São Paulo: ANPOCS, 1999, pp.147-181.
- ORTIZ, Renato, *Cultura Brasileira e identidade nacional*, São Paulo: Brasiliense Editora, 1986.
- PICCHIO, Luciana Stegagno, *Storia della letteratura brasiliana*, Torino: Giulio Einaudi Editore, 1997.
- PRADO, Paulo, *Retrato do Brasil – Ensaio sobre a tristeza brasileira*, São Paulo: Companhia de Letras, 2012.
- REIS, José Carlos, *As identidades do Brasil – vol.1: de Varnhagen a FHC*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007
- RICCIARDI, Giovanni, *Scrittori Brasiliani: testi e traduzioni*, Napoli: Tullio Pironti Editore, 2003.
- RICOTTA, Lúcia, «Entre raízes e arbustos: a forma arvoral da literatura e da cultura brasileira», *Revista USP*, nº 113, abril/maio/junho 2017, p. 133-149.
- RICUPERO, Bernardo, *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*, São Paulo: Alameda, 2016.
- SANTOS, Boaventura de Sousa, «A queda do Angelus Novus: para além da equação moderna entre raízes e opções», *Novos Estudos CEBRAP*, nº 47, São Paulo, 1997, pp. 5-34..
- SCHWARZ, Roberto, *Misplaced Ideas – Essays on Brazilian Culture*, New York – London: Verso, 1992.
- SECCO, Lincoln, & PERICÁS, Luiz Bernardo, *Intérpretes do Brasil: Clássicos, rebeldes e renegados*, São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- SODRÉ, Nelson Werneck, *Síntese de história da cultura brasileira*, Rio de Janeiro: editora Civilização Brasileira, 1980.
- SOUZA, Otávio. *Fantasia de Brasil: as identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo: Escuta, 1994.
- VECCHI, Roberto, «Il paese delle mille maschere», *Limes*, nº6, 2007, pp. 19-24.
- ZWEIG, Stefan, *Brasile – Terra del Futuro*, Roma: Elliot edizioni, 2013.

## Sitografia

- ALAMBERT, Francisco, «O jeitinho acadêmico», *Folha de São Paulo*, 28/08/2005, consultado em 24/11/2017 horas 18:20 endereço <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2808200517.htm>
- ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz, «(Des)Construção da Identidade Latino-americana: Heranças do passado e desafios futuros», *XII Congresso internacional de humanidades*, Brasília, 2009. Disponível: <http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/231/427.pdf>, consultado 10/12/2017 horas 19:00
- BASTOS, Elide Rugai, «Os descendentes de Prometeu», *Folha de São Paulo*, 12/03/2000. Consultando em 28/12/2017 horas 14:30 endereço <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1203200009.htm>
- BOMFIM, Aira, «A casa da Rua Buri e a história dos vizinhos Buarque de Hollanda». In: *Medium*. Consultado 04/11/2017 horas 18:30 endereço <https://medium.com/museu-do-futebol/a-casa-da-rua-buri-e-a-hist%C3%B3ria-dos-vizinhos-buarque-de-holanda-a760947fd35c>
- CARDOSO, Fernando Henrique, «As raízes democráticas de Sérgio Buarque de Holanda», *Folha de S. Paulo*, publicado em 7 de agosto 2016. Consultado em 30/11/2017 horas 17:00 endereço <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/08/1799283-leia-texto-de-fhc-sobre-as-raizes-democraticas-de-sergio-buarque.shtml?loggedpaywall>
- COELHO, João Marcos, «A democracia é difícil (entrevista com Sérgio Buarque de Holanda, 28 de janeiro 1976)», *Revista Prosa Verso e Arte*. Consultado em 05/01/2018 horas 16:00 endereço <http://www.revistaprosaversoarte.com/democracia-e-dificil-sergio-buarque-de-holanda/>
- DEMURU, Paolo, «Malandragem vs Arte di arrangiarsi: Stili di vita e forme dell'aggiustamento tra Brasile e Italia», *Actes Semiotique*, n°118, 2015. Consultado em 10/01/2018 horas 13:00 endereço <http://epublications.unilim.fr/revues/as/pdf/5466>
- FELDMAN, Luiz, «O radical conservador». *Revista Serrote*. Consultado em 21/11/2017 horas 16:00 endereço <https://www.revistaserrote.com.br/2015/10/o-radical-conservador-por-luiz-feldman/>
- GATO, Matheus, «Um nativismo negro? Raça, Literatura e o “Novo Indianismo” de Lima Barreto», publicado no blog da revista *Novos Estudos CEBRAP*. Consultado em 05/12/2017 horas 18:00 endereço <http://novosestudos.uol.com.br/o-nativismo-negro-raca-literatura-e-o-novo-indianismo-de-lima-barreto/>
- GONÇALVES FILHO, Antonio, «O modernista que corrigiu o passado», *O Estado de São Paulo*, 23 abril 2011. Consultado em 3/1/2018 horas 12:00 endereço <http://cultura.estado.com.br/noticias/geral,o-modernista-que-corrigiu-o-passado-imp-,709702>



- GREENHALGH, Laura, «Parabéns ao patriarca», *Revista Época*, nº 206- 08/07/2002, pág. 96 e 97. Disponível no site da Universidade de Campinas dedicado a Sérgio Buarque de Holanda, no endereço [http://www.siarq.unicamp.br/sbh/revista\\_epoca.html](http://www.siarq.unicamp.br/sbh/revista_epoca.html)
- HOLANDA, Maria Amélia Buarque de, *Apontamentos para a cronologia de Sérgio*. Disponível no site da Universidade de Campinas dedicado a Sérgio Buarque de Holanda [tps://www.siarq.unicamp.br/sbh/biografia\\_indice.html](https://www.siarq.unicamp.br/sbh/biografia_indice.html)
- MARTINS, Christiana, «O segredo dos escravos reprodutores», *Expresso*, 5 dezembro 2015. Consultado no dia 21/11/2017 horas 18:40 endereço <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-12-08-O-segredo-dos-escravos-reprodutores>
- PINTO, Júlio Pimentel, «O inconformista -Três visões de Sérgio Buarque», *Folha de São Paulo*, 23/05/2010. Consultado em 15/11/2017 horas 11:30 endereço <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il2305201008.htm>
- ROCHA, João Cezar de Castro, «Dialética da marginalidade - caracterização da cultura brasileira contemporânea», *Folha de São Paulo*, 29 de fevereiro de 2004, consultando em 24/11/2017 horas 18:30 endereço <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2902200404.htm>
- SILVA, Rafael Pereira da, «A casa de Sérgio Buarque de Holanda», *Café História*, 22 de maio 2017. Consultado em 28/10/2017 horas 16:30 endereço <https://www.cafehistoria.com.br/a-casa-de-sergio-buarque-de-holanda/>
- UCHOA, Pablo, «'Capitães da Areia': o dia em que o Estado Novo queimou um dos maiores clássicos da literatura brasileira», *BBC Brasil*, publicado em 26 novembro 2017. Consultado em 26/11/2017 horas 15:20 ao endereço <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-41969983>
- ZANCHETTA, Diego, «A antiga casa de Chico Buarque vira museu», *O Estado de São Paulo*, 06/12/2012. Consultado em 10/10/2017 endereço <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,antiga-casa-de-chico-buarque-vira-museu-imp-,970412>